

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA E GESTÃO

**COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO PORTUGUESA
DINAMISMO E CAPACIDADE CONCORRENCIAL DOS SUBSECTORES**

FERNANDO ÓSCAR BRANCO DE SOUSA MORAIS

LISBOA, MARÇO DE 1994

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA E GESTÃO



I. S. E. G.	
O.E.	Biblioteca
2195-a.	41480

HG 9865.P67 767 1994

COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO PORTUGUESA
DINAMISMO E CAPACIDADE CONCORRENCIAL DOS SUBSECTORES

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em
Gestão de Empresas, orientada pelo Professor Doutor
Jorge Alberto Sousa de Vasconcelos e Sá

FERNANDO ÓSCAR BRANCO DE SOUSA MORAIS
LISBOA, MARÇO DE 1994



ÍNDICE GERAL

Introdução.....	1
I - A Importância dos Têxteis em Portugal	6
II - A Crise dos Têxteis e Confeccões.....	9
III - Caracterização dos Subsectores Mais e Menos Dinâmicos	14
III.1 - Dinamismo	15
III.2 - Análise de <i>Clusters</i>	17
III.3 - Comportamento dos Subsectores Mais e Menos Dinâmicos	19
III.4 - Capacidade Concorrencial.....	22
IV - Causas das Diferenças de Capacidade Concorrencial e de Dinamismo.....	30
IV.1 - Análise de Correlação Linear.....	30
V - Comportamento Durante a Década de Oitenta dos <i>Clusters</i> Mais e Menos Dinâmicos.....	36
VI - Cenários para a Indústria Têxtil e de Confeccões para o Ano 2000	51



VII - Cenários para o Ano 2000 - <i>Clusters</i> da ITC	58
VII.1 - Os Sectores Têxtil e de Confecções no Ano 2000.....	58
VII.2 - Os <i>Clusters</i> da ITC no Ano 2000.....	64
Conclusões	71
Bibliografia	74
Anexos	79
Anexo 1: Dados Estatísticos do INE, da Indústria Têxtil, Sectores e Subsectores ...	80
Anexo 2: Regiões RETEX.....	98
Anexo 3: Análise de <i>Clusters</i>	99
Anexo 4: Análise de Correlação Linear	100
Anexo 5: A Indústria Têxtil e de Confecções na Imprensa	101

ÍNDICE DE QUADROS

I.1- Importância da ITC.....	6
III.1 - Dinamismo dos Subsectores da Indústria de Têxteis e Confecções.....	16
III.2 - <i>Clusters</i> dos Subsectores de Têxteis e Confecções	17
III.3 - Taxa Média de crescimento do VBP	20
III.4 - VBP Médio dos Subsectores	21
III.5 - Capacidade Concorrencial I.....	23
III.6 - Capacidade Concorrencial II	26

IV.1 - <i>Ranking</i> do Dinamismo dos Subsectores e das Taxas de Crescimento Médio em Diversos Subsectores.....	31
IV.2 - Correlação Linear entre o <i>Ranking</i> do Dinamismo dos Subsectores e o dos Indicadores	32
VI.1 - Indicadores Económicos e Demográficos.....	52
VI.2 - VBP de Têxteis e Confecções Relacionados com o PNB	53
VI.3 - Variação no VBP de Têxteis e Confecções e Taxas de Crescimento 80/89..	54
VI.4 - VBP dos Subsectores Têxteis.....	55
VI.5 - VBP dos Subsectores relacionado com o VBP Global dos Têxteis.....	56
VI.6 - VBP dos Subsectores de Confecções.....	57
VI.7 - VBP dos Subsectores relacionado com o VBP Global de Confecções.....	57
VII.1 - Produção.....	59
VII.2 - Exportação.....	60
VII.3 - Pessoal.....	62
VII.4 - VBP/PNB	64
VII.5 - VBP/PNB da Indústria Portuguesa.....	66
VII.6 - Emprego/Emprego da Indústria Portuguesa	68

ÍNDICE DE GRÁFICOS

I.1- Exportações de Importações de Têxteis e Confecções.....	7
II.1 - Rácios das Indústrias de Têxteis e Confecções e Transformadora.....	10
II.2 -Taxa de crescimento do VBP nas Indústrias Transf. e de Têxteis e Conf.s	11

II.3 -Taxa de crescimento do VAB nas Indústrias Transf. e de Têxteis e Conf.s	11
II.4 -Taxa de crescimento das EXP nas Indústrias Transf. e de Têxteis e Conf.s ...	11
II.5 -Taxa de crescimento do Emprego nas Ind.s Transf. e de Têxteis e Conf.s	12
II.6 - Taxa de crescimento do Investimento em Máquinas nas Indústrias Transformadora e de Têxteis e Confecções	13
V.1 - Exportações/VBP	37
V.2 - Unidades/Operário	38
V.3 - VAB/Operário.....	40
V.4 - VBP/Nº. de Empresas.....	42
V.5 - Operários/Total do Pessoal.....	44
V.6 - Subcontratos/Consumos	46
V.7 - Subcontratos/VBP	46
V.8 - Patentes/VBP	47
V.9 - VBP Unitário	48
V.10 - Investimento em Máquinas/VBP	50
V.11 - Investimento em F. B. C. F./VBP	50
VII.1 - VBP/VBP da Indústria Portuguesa.....	60
VII.2 - Exportações/Exportações da Indústria Portuguesa	61
VII.3 - Pessoal/Pessoal da Indústria Portuguesa	62
VII.4 - VBP/PNB nos Anos de 1989 e 2000 por <i>Cluster</i>	65
VII.5 - VBP/VBP da Indústria Portuguesa nos anos de 1989 e 2000 por <i>Cluster</i> ...	67
VII.6 - Emprego/Emprego da Indústria Portuguesa nos anos de 1989 e 2000 por <i>Cluster</i>	68

INTRODUÇÃO

É opinião generalizada de que a indústria têxtil e de confecções se encontra em crise, conforme se pode depreender da proliferação de artigos na imprensa geral e especializada¹⁾, da realização de conferências, seminários e debates, bem como de estudos de diversos especialistas. Para além disso, há que ter em conta a actuação das entidades governamentais e comunitárias, através de políticas de intervenção nas zonas mais afectadas pela crise e os meios humanos e financeiros mobilizados para a combater.

A perda de competitividade dos têxteis portugueses, a que assistimos nos últimos anos, é seguida de perto pela perda de posições do conjunto da indústria transformadora, o que tem levado alguns especialistas a defender a ideia de uma maior diversificação industrial²⁾. Outros, pelo

¹⁾Durante a realização deste trabalho foi efectuada uma recolha de artigos sobre o tema "têxteis", em jornais e revistas que, sem a preocupação de ser exaustiva, reuniu 148 referências, conforme anexo 5. O universo de livros publicados é bastante mais restrito com apenas duas referências [6] [10] e um capítulo de um terceiro [11]. Foram ainda referenciadas outras publicações como o Directório das PME Industriais: Vestuário, Têxteis e Couros, da iniciativa da empresa Área Associativa Comunicação e Serviços, com o apoio do IAPMEI.

²⁾Com essa finalidade foram implementadas algumas acções como o PROAVE, a OID (Operação Integrada de Desenvolvimento do Vale do Ave), o SINDAVE (Sistema de Incentivos à Diversificação do Vale do Ave) [4] e o RETEX (Programa de Apoio à Modernização e Diversificação das Regiões Têxteis) [27].

contrário, defendem uma modernização das indústrias ditas tradicionais, em que se inclui o sector têxtil, na procura do aumento da produtividade e no posicionamento em segmentos de mercado com maior valor acrescentado. Esta última posição foi objecto de grande divulgação e alguma polémica, após a apresentação do relatório preliminar da Monitor Company, "Construir as Vantagens Competitivas para Portugal - A Competitividade de Portugal: Desenvolver a Auto Confiança"¹⁾, onde os têxteis e vestuário são apresentados como um dos *clusters* a estudar mais detalhadamente [34]. Miguel Cadilhe defende uma posição conciliatória entre as duas vertentes, ao propor o Programa EEVA (Eficiência Empresarial do Vale do Ave), cujo objecto e objectivos «...abrangem empresas dos têxteis e do vestuário e de outros sectores...» e como «...propósito fundamental apoiar o reforço da capacidade empresarial no Vale do Ave e a redução da densidade relativa dos têxteis e do vestuário na estrutura do sector privado da Região, com a correlativa *diversificação produtiva*.» [10].

Falar de crise é, no entender de Eurico de Melo, um exagero²⁾ ao afirmar que «Desde que me conheço que ouço falar de "crises" na indústria têxtil. O que há são problemas cíclicos. Há mais de 40 anos que estou profissionalmente ligado à indústria têxtil e já assisti, inúmeras vezes, a bons e a maus momentos...» [33]. Este trabalho pretende contribuir para um melhor conhecimento deste "mau momento", e responder às seguintes perguntas:

¹⁾Conforme demonstrou Elisa G. Ferreira, vários economistas portugueses tinham defendido, antes da apresentação do relatório preliminar, ideias idênticas às que figuram no resumo da primeira parte do trabalho da Monitor Company [19]. Em entrevista publicada em Fevereiro 92, Eurico de Melo defende teses semelhantes, nomeadamente que «O suporte da economia portuguesa será, ainda durante muitos anos, a indústria tradicional... ...como o têxtil...» [33].

²⁾João Cravinho perfilha o optimismo de Eurico de Melo ao afirmar que «...o têxtil é hoje, na Europa, um sector com futuro - embora parte das empresas não tenham futuro -, que utiliza tecnologias de ponta e massa cinzenta ao mais alto nível.» [9].

- 1) Quais são os subsectores mais e menos dinâmicos;
- 2) Quais as características e causas de uns e outros;
- 3) Qual o cenário mais provável para a indústria de têxteis e confecções no ano 2000.

Os dados utilizados neste trabalho foram obtidos a partir da publicação do INE, *Estatísticas Industriais* [29], cuja última edição se reporta a 1989, e encontram-se compilados no Anexo 1, conjuntamente com números obtidos de outras fontes do próprio INE e ainda de Relatórios do Conselho de Administração do Banco de Portugal [5]. As estatísticas disponíveis, referentes a anos posteriores não são definitivas e encontram-se incompletas, não tendo sido utilizadas por dificultarem a comparação com anos anteriores.

Usou-se a metodologia seguida pelo INE para a apresentação dos sectores e subsectores da indústria têxtil e de confecções, conforme Classificação Portuguesa das Actividades Económicas (CAE). Assim temos:

CAE 32 - Indústria Têxtil e de Confecções (excluídos os subsectores de Curtumes, Peles e Calçado);

CAE 321- Indústria Têxtil

CAE 321120 - Fiação, Tecelagem e Acabamento de Lãs e Mistos;

CAE 321130 - Fiação, Tecelagem e Acabamento de Algodão, Fibras Artificiais, Sintéticas e Mistas;

CAE 321140 - Fiação, Tecelagem e Acabamento de Fibras Brandas¹⁾ e Mistos;

¹⁾ Na nomenclatura usada pelo INE, são incluídas nas Fibras Brandas a juta e o linho.

CAE 321150 - Fabricação de Passamanarias;
CAE 321160 - Fabricação de Rendas;
CAE 321210 - Confecção de Lonas e Similares;
CAE 321230 - Indústria dos Bordados;
CAE 321240 - Confecção de Sacaria;
CAE 321300 - Fabricação de Malhas;
CAE 321410 - Fabricação de Alcatifas, Tapetes, Carpetes e Passadeiras;
CAE 321510 - Fabricação de Cordas e Cabos;
CAE 321520 - Fabricação de Redes;
CAE 321910 - Fabricação de Telas Impermeáveis, Oleados e Encerados;

CAE 322 - Indústria de Confecções;
CAE 322020 - Confecção de Artigos de Vestuário em Série;
CAE 322030 - Confecção de Artigos de Chapelaria.

O relatório está organizado da seguinte forma:

Depois de definido o âmbito dos subsectores da indústria de têxteis e de confecções a estudar, nos Capítulos I e II procura-se avaliar a importância da indústria em termos globais e da crise que atravessa.

No capítulo III faz-se a caracterização dos subsectores mais e menos dinâmicos, na década de oitenta, agrupando-os segundo o dinamismo revelado e analisando o comportamento dos grupos obtidos: os *clusters*. É ainda abordada a capacidade concorrencial dos grupos constituídos.

No capítulo seguinte, procura-se explicar as causas determinantes das diferenças de capacidade concorrencial e de dinamismo,

para o que foi utilizado um conjunto de onze indicadores que, em nossa opinião, melhor retratam a indústria de têxteis e de confecções.

O capítulo V tem por objectivo verificar o comportamento dos *clusters*¹⁾ mais e menos dinâmicos, através da apresentação de gráficos que mostram a evolução dos onze indicadores referenciados no capítulo anterior, durante a década de oitenta.

Os dois últimos capítulos, com os n.ºs VI e VII, procuram perspectivar os cenários prováveis no ano 2000, primeiro em relação à indústria de têxteis e de confecções e depois em relação aos subsectores e aos *clusters*.

¹⁾*Clusters* entendidos na acepção mais comum e diferente da que Michael Porter utiliza, para quem toda a indústria de têxteis e vestuário constitui um *cluster* [34], [40] e [41].

I - A IMPORTÂNCIA DOS TÊXTEIS EM PORTUGAL

Neste capítulo vai ser feita uma abordagem à importância que a indústria têxtil e de confecções (ITC)¹⁾ tem no conjunto da indústria portuguesa que, independentemente dos problemas que a afectam, por si só justificaria o estudo que é objecto deste trabalho.

A ITC tem uma dimensão apreciável dentro da indústria portuguesa, que pode ser constatada em alguns rácios relativos à década, apresentados no quadro I.1.

QUADRO I.1: IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA DE TÊXTEIS E DE CONFECÇÕES

RÁCIOS	MÉDIA 80-89	1989
VBP ITC/VBP INDÚSTRIA PORTUGUESA	15,6%	15,1%
VAB ITC/VAB INDÚSTRIA PORTUGUESA	19,4%	17,8%
EXP. ITC/EXP. INDÚSTRIA PORTUGUESA	28,0%	28,2%
EMPREGO ITC/EMPREGO INDÚSTRIA PORTUGUESA	28,5%	30,5%

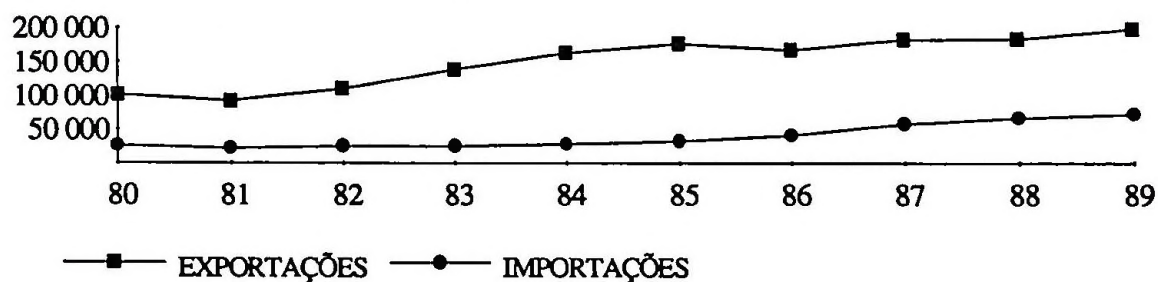
Fonte: INE, Estatísticas Industriais

¹⁾Doravante, principalmente em quadros e gráficos, a Indústria de Têxteis e Confecções será referenciada pela sigla ITC.

Os rácios anteriores revelam claramente que a indústria em causa representou na década de oitenta, um sector de grande peso na economia portuguesa, ao ser responsável por cerca de um terço do emprego e das exportações, um quinto do valor acrescentado e um sexto do valor bruto da produção de toda a indústria portuguesa¹⁾.

Outros indicadores podem ser utilizados para pôr em destaque a importância deste sector da indústria nacional. As relações comerciais com o exterior servem perfeitamente para provar relevância desta indústria, em virtude de ser das poucas onde as exportações se sobrepõem às importações. No gráfico I.1 pode ser seguida a evolução do comércio internacional de têxteis e confecções, a preços constantes de 1983. Em ambos os indicadores se verifica um crescimento gradual, e é notório que a taxa de cobertura das exportações sobre as importações apresenta valores elevados. Aquela taxa foi crescendo até 1984, altura em que atinge o valor máximo de 5,95, mas tem vindo a cair progressivamente e em 1989 já se situava em 2,73, por força do maior crescimento das importações, valor que é inferior à taxa de cobertura que se registava em 1980 e era de 3,93.

GRÁFICO Nº. I.1: EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DE TÊXTEIS E CONFECÇÕES (Milhares de contos a preços constantes)



Fonte: INE, Estatísticas Industriais

¹⁾A ITC é, tradicionalmente, um dos sectores mais importantes da indústria portuguesa, como pode ser constatado pela sua evolução histórica. O Inquérito Industrial de 1881, citado por F. Pereira de Moura, atribui-lhe um peso de 59% do pessoal, 31% da produção e 68% da potência instalada (Cv) de toda a indústria [39].

Dada a sua grande expressão, não é de admirar que a crise económica que se faz sentir nos anos noventa, tenha manifestado os primeiros sintomas neste sector. De facto, os últimos anos da década de oitenta já revelam fragilidades do tecido produtivo têxtil e de confecções. É de supor que a recuperação deste importante sector industrial venha a ser, de igual modo, o prenúncio de melhores dias para a economia portuguesa. Citando J. P. Sousa, presidente do conselho de administração de uma empresa têxtil, podemos confirmar esta ideia: «A têxtil é sempre a primeira a meter o nariz debaixo de água e a primeira a sair» [7].

Para além de grande relevância na economia nacional, a indústria têxtil e de confecções representa um problema acrescido, devido à excessiva concentração regional, no Vale do Ave¹⁾, e em alguns pólos industriais dos distritos do Porto, Braga, Lisboa, Aveiro, Coimbra, Leiria e Castelo Branco. Tal situação dá origem a problemas sociais, de que é exemplo o aumento do número de desempregados, levando as entidades governamentais a intervenções políticas²⁾, numa altura em que as preocupações de natureza económica deviam ser prevaletentes, e com isto vai-se agudizando a crise e adiando a reestruturação de fundo que se impõe.

O estabelecimento do programa RETEX [27] pretende ser uma resposta à necessidade de diversificar industrialmente zonas da União Europeia onde o têxtil tem uma importância preponderante. No nosso país, este programa tem a sua aplicação limitada a uma parcela do território, conforme consta no anexo 2.

¹⁾Nas regiões do Vale do Ave, Serra da Estrela e Cova da Beira a ITC representa 80% do emprego da indústria transformadora [28].

²⁾Principamente programas de apoio às indústrias em crise e as designadas "Medidas Especiais de Protecção Social" do Ministério do Emprego e Segurança Social, destinados a minorar as consequências do desemprego de longa duração.

II - A CRISE DOS TÊXTEIS E CONFECÇÕES

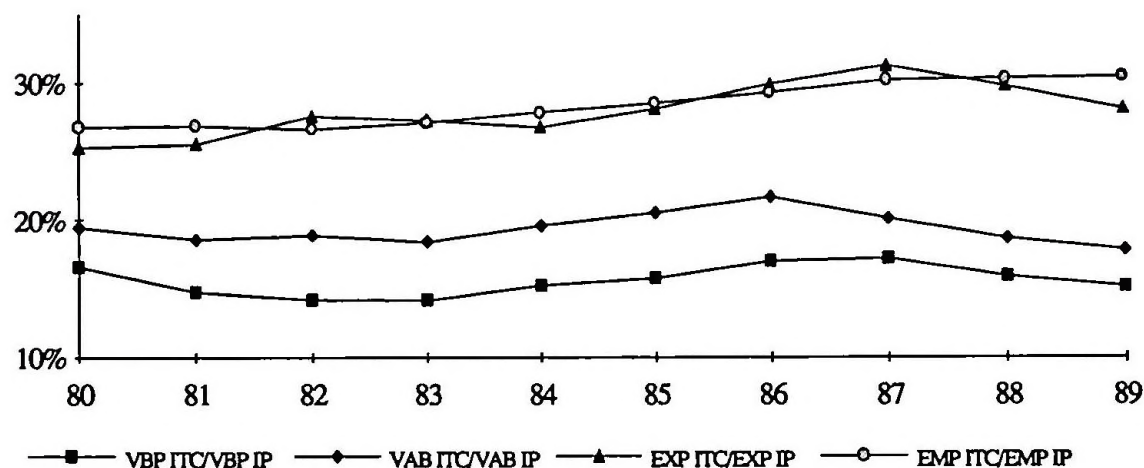
Neste capítulo procura-se pôr em evidência os números que revelam a crise que afecta a ITC. Para atingir essa finalidade vão ser analisados rácios e outros indicadores relativos ao VBP, ao VAB, às exportações, ao emprego e ao investimento na década e, através deles, confirmar o clima de recessão que os agentes económicos envolvidos vêm afirmando.

A indústria de têxteis e confecções, em finais dos anos oitenta, já revelava alguns sinais de que a euforia que se viveu em meados da década, não era consistente. A competitividade da ITC portuguesa assentava essencialmente em custos de produção que tinham por base a mão de obra barata que, devido a uma maior abertura do espaço comunitário a países terceiros conjuntamente com alterações cambiais no sentido da estabilidade e da apreciação do escudo, não foi possível de manter.

Se atentarmos no gráfico II.1 verificamos que os dois últimos anos já evidenciam uma tendência para a descida dos indicadores relativos ao VBP, ao VAB e às exportações, quando pomos em confronto a ITC com a indústria transformadora portuguesa (IP). O rácio relativo ao emprego tem

uma evolução diferente que tem a ver com o aumento dos recursos humanos no sector de confecções, que compensa parcialmente a diminuição verificada no sector de têxteis. Paralelamente, assiste-se a uma redução global do emprego na indústria transformadora.

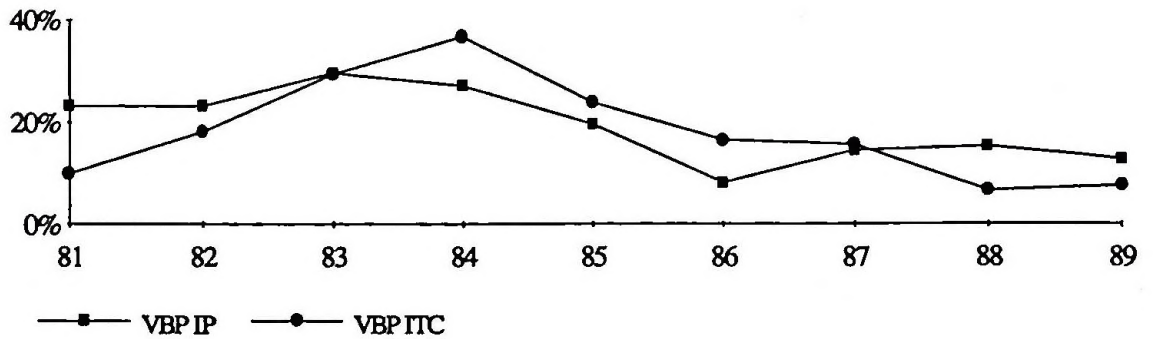
GRÁFICO II.1: RÁCIOS DAS INDÚSTRIAS DE TÊXTEIS E CONFECÇÕES (ITC) E TRANSFORMADORA (IP)



Fonte: INE, Estatísticas Industriais

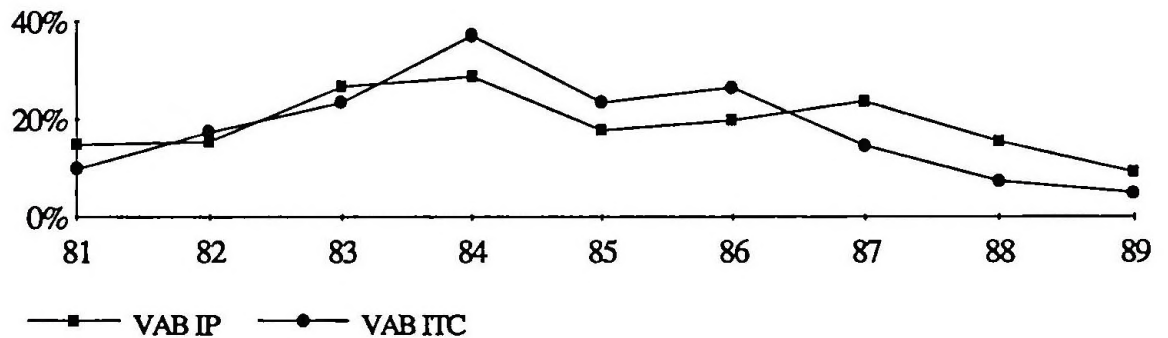
Os indicadores que se referem a taxas de crescimento do VBP, do VAB e das exportações entre 1980 e 1989, a preços correntes, na indústria transformadora portuguesa (IP) e no sector têxtil e de confecções (ITC), apresentados nos gráficos II.2 a II.4, confirmam a existência de crise, com incidência nos últimos anos da década. Entre 1984 e 1986 a taxa de crescimento nos têxteis e confecções era superior à da indústria transformadora. A partir de 1987/88 dá-se uma inversão no posicionamento referido, ou seja, a ITC começa a revelar os primeiros sintomas de recessão.

GRÁFICO II.2: TAXA DE CRESCIMENTO DO VBP NAS INDÚSTRIAS TRANSFORMADORA (IP) E DE TÊXTEIS E CONFECÇÕES (ITC)



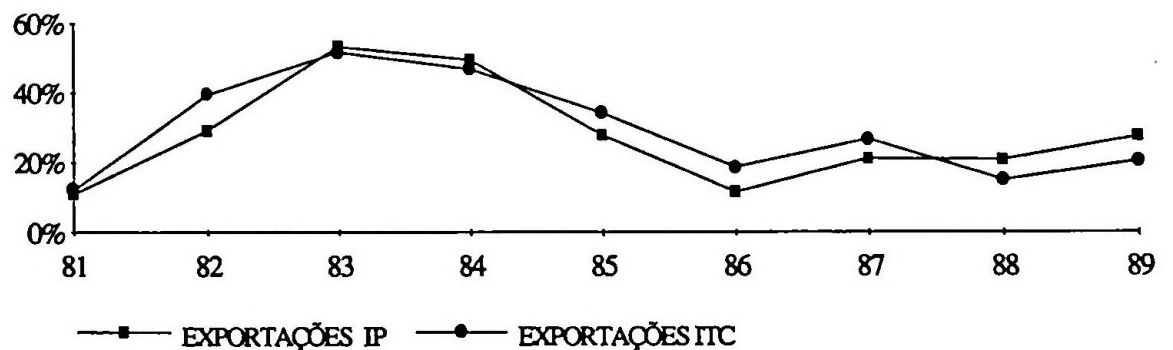
Fonte: INE, Estatísticas Industriais

GRÁFICO II.3: TAXA DE CRESCIMENTO DO VAB NAS INDÚSTRIAS TRANSFORMADORA (IP) E DE TÊXTEIS E CONFECÇÕES (ITC)



Fonte: INE, Estatísticas Industriais

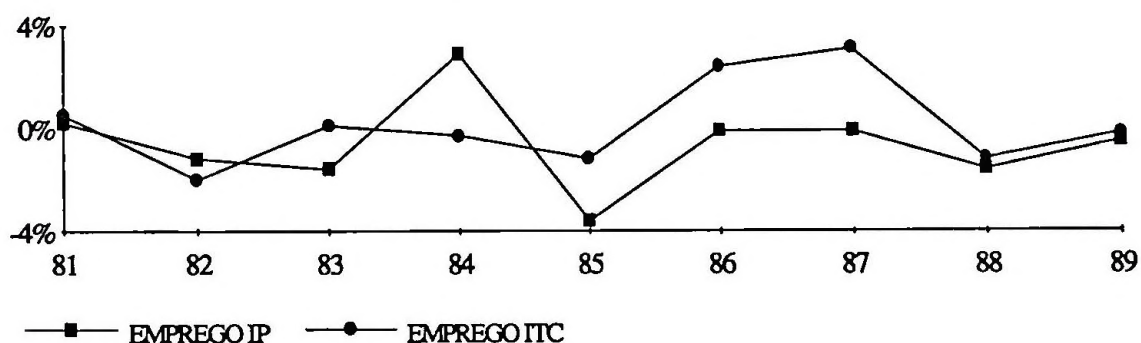
GRÁFICO II.4: TAXA DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES NAS INDÚSTRIAS TRANSFORMADORA (IP) E DE TÊXTEIS E CONFECÇÕES (ITC)



Fonte: INE, Estatísticas Industriais

O gráfico II.5 representa a evolução do emprego entre 1980 e 1989. O período inicial da década é marcado por uma alternância na liderança entre a indústria transformadora e os têxteis e confecções, a que se segue uma clara supremacia deste último. Nos dois últimos anos assinala-se a existência de taxas decrescentes e negativas. Há algum paralelismo entre as taxas evidenciadas no gráfico a partir de 1985, no entanto, as do sector têxtil e de confecções registam índices superiores às da totalidade da indústria. A adesão à CEE parece ser responsável pelo optimismo dos empresários traduzido por este indicador, mas que teve curta duração, já que os dois últimos anos mostram uma diminuição global de recursos humanos.

GRÁFICO II.5: TAXA DE CRESCIMENTO DO EMPREGO NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA (IP) E DE TÊXTEIS E CONFECÇÕES (ITC)

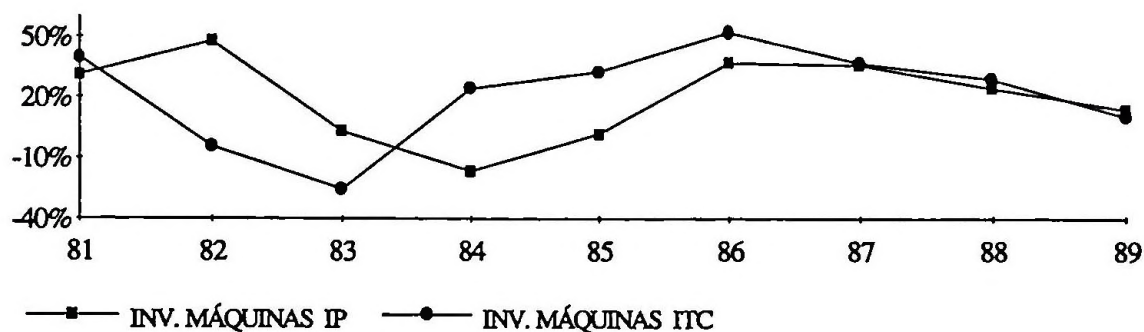


Fonte: INE, Estatísticas Industriais

A taxa de crescimento do investimento em máquinas encontra-se representada no gráfico II.6. A evolução do indicador revela a existência de três fases distintas. A primeira é caracterizada por taxas correspondentes ao investimento nos têxteis e confecções inferiores às da indústria transformadora, a que se segue, a partir de 1984, uma inversão desta tendência. A partir deste último ano, há algum paralelismo na

evolução de ambos os indicadores, primeiro com taxas crescentes até 1986 e posteriormente com taxas que tendem para zero.

GRÁFICO II.6: TAXA DE CRESCIMENTO DO INVESTIMENTO EM MÁQUINAS NAS INDÚSTRIAS TRANSFORMADORA (IP) E DE TÊXTEIS E CONFECÇÕES (ITC)



Fonte: INE, Estatísticas Industriais

Os dois últimos gráficos (II.5 e II.6) mostram uma política de investimento dos empresários portugueses, diferenciada em termos de trabalho e capital, traduzida pela maior amplitude de variação do índice respeitante ao último. No período de pré-adesão à CEE (até 1986) regista-se uma aposta maior no investimento em bens de capital, em que o sector têxtil representa um papel de destaque, comprovado pelo facto de em 1986 o investimento em máquinas na ITC ter crescido 51,8% e o emprego 2,1%. A partir de 1987 diminui o ritmo do investimento em capital, que evidencia taxas semelhantes para toda a indústria.

No seu conjunto, os gráficos II.2 a II.6, levam-nos a defender a ideia que a crise que se instala nos têxteis é um reflexo dos problemas que afectam toda a indústria nacional e que os fenómenos de desindustrialização começam por se manifestar nos primeiros. A dimensão da indústria têxtil e de confecções dentro do tecido produtivo português leva, forçosamente, a que haja uma correspondência entre o mau desempenho de uma e os resultados da economia como um todo.

III - CARACTERIZAÇÃO DOS SUBSECTORES MAIS E MENOS DINÂMICOS

Com a finalidade de efectuar a caracterização dos subsectores mais e menos dinâmicos, vão ser feitas as seguintes abordagens parcelares:

1) Primeiro define-se o conceito de dinamismo aplicado aos subsectores que constituem o ITC, porque os mesmos apresentam comportamentos diferenciados nas três vertentes analisadas: produção, valor acrescentado bruto e exportações.

2) Seguidamente, procura-se demonstrar que há analogias no desempenho de alguns subsectores, agrupando-os em conjuntos mais homogéneos: os *clusters*.

3) Na fase seguinte faz-se a caracterização dos subsectores mais e menos dinâmicos resultantes da *clusterização* efectuada.

4) Finalmente estuda-se o comportamento global dos *clusters* através da análise da capacidade concorrencial expressa em dois indicadores que relacionam o VAB com o VBP e as importações com o consumo.

III.1 - DINAMISMO

Os subsectores da indústria têxtil e de confecções anteriormente referidos vão ser objecto de estudo, começando pelo Dinamismo evidenciado por cada um deles.

O Dinamismo é definido, no âmbito deste trabalho, pela análise conjunta do comportamento de três indicadores que têm por base o Valor Bruto da Produção (VBP), o Valor Acrescentado Bruto (VAB) e as exportações (EXP). Cada um destes indicadores é calculado a partir da diferença entre a taxa média de crescimento na década (80-89) do subsector e a dos têxteis ou confecções, mais a diferença entre a primeira e a taxa de crescimento média do Produto Nacional Bruto (PNB)¹⁾, cujos os valores aparecem no quadro entre parêntesis.

Os subsectores foram classificados em função do *ranking* de cada indicador, e agrupados num único quadro, de que resultou um novo *ranking* para cada um deles, pese embora a difícil comparabilidade entre têxteis e confecções.

No quadro III.1 consta a ordenação dos subsectores, à excepção da Confecção de Lonas e Similares que, por virtude da exiguidade dos dados fornecidos pelo INE e do seu pequeno peso no conjunto dos têxteis²⁾, não foi considerado.

¹⁾Taxas médias de crescimento de 1980 a 1989 (em percentagem):

a) $(VBP \text{ do Subsector} - VBP \text{ do Sector}) + (VBP \text{ do Subsector} - PNB)$

b) $(VAB \text{ do Subsector} - VAB \text{ do Sector}) + (VAB \text{ do Subsector} - PNB)$

c) $(EXP \text{ do Subsector} - EXP \text{ do Sector}) + (EXP \text{ do Subsector} - PNB)$

²⁾Os números relativos a este subsector constam no anexo 1.8.

QUADRO III.1: DINAMISMO DOS SUBSECTORES DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES

SUBSECTORES	VBP	VAB	EXP	Classificação
RENDAS	5 (0,61)	1 (39,59)	4 (49,60)	1
REDES	1 (8,32)	4 (6,00)	7 (12,73)	2
TELAS	6 (-1,70)	2 (21,35)	3 (54,50)	3
MALHAS	4 (1,06)	6 (1,98)	5 (18,32)	4
VESTUÁRIO	3 (1,46)	7 (1,55)	6 (14,79)	5
PASSAMANARIAS	7 (-2,56)	9 (-2,17)	1 (152,27)	6
BORDADOS	9 (-6,91)	12 (-5,94)	2 (118,63)	7
SACARIA	10 (-9,89)	3 (14,66)	11 (-7,89)	8
CORDAS/CABOS	2 (3,70)	11 (-4,83)	12 (-8,83)	9
LÃS	12 (-11,86)	8 (-0,87)	8 (11,31)	10
ALCATIFAS/CARPETES	11 (-11,60)	10 (-2,31)	9 (-0,90)	11
ALGODÃO	8 (-5,99)	13 (-6,31)	10 (-1,06)	12
FIBRAS BRANDAS	14 (-20,07)	5 (4,62)	14 (-23,49)	13
CHAPELARIA	13 (-16,22)	14 (-8,60)	13 (-21,71)	14

Fonte: INE, Estatísticas Industriais

III.2 - ANÁLISE DE *CLUSTERS*

O quadro anterior apresenta uma primeira ordenação dos subsectores da ITC tendo em conta o dinamismo evidenciado por cada um, entre 1980 e 1989. Seguidamente, pretendemos arrumar os subsectores em grupos que permitam concluir por características comuns e, desse modo, procurar as razões do maior ou menor sucesso.

A análise de *clusters* vai permitir homogeneizar os subsectores da indústria têxtil em três grupos, cada um deles com um mínimo de afinidades dentro de cada grupo e diferentes de *cluster* para *cluster*. Para o efeito, vamos utilizar os indicadores VAB, VBP e exportações constantes do quadro III.1, e os respectivos *rankings*, obtendo uma segmentação dos subsectores em três grupos consoante o seu dinamismo: superior, intermédio e inferior.

O quadro III.2 representa os *clusters* que foram estabelecidos com utilização de *software* de estatística.

QUADRO III.2: *CLUSTERS* DOS SUBSECTORES DE TÊXTEIS E CONFECÇÕES

DINAMISMO		
A) SUPERIOR	B) INTERMÉDIO	C) INFERIOR
RENDAS REDES TELAS MALHAS CORDAS/CABOS VESTUÁRIO	PASSAMANARIAS BORDADOS SACARIA FIBRAS BRANDAS	LÃS ALCATIFAS/CARPETES ALGODÃO CHAPELARIA

O quadro anterior é um resumo da listagem de computador referente à análise referida, que consta no Anexo 3, onde são claros os contornos dos subsectores mais - identificados com o nº. 1 - e menos dinâmicos - referenciados com o números 4 - e o *cluster* intermédio que figura com os números 2 e 3.

O *cluster* A) evidencia os subsectores mais competitivos no período compreendido entre 1980 e 1989, um dos quais pertencente à indústria de confecções (vestuário) e cinco à indústria têxtil. A este grupo podemos associar factores críticos de sucesso, relacionados com a moda que, no dizer de Vasconcellos e Sá e M. T. Miranda, «...requerem inovação da função *marketing* e adaptabilidade/flexibilidade da função produção... ..(produto certo (textura e *design*) no prazo certo e na quantidade certa)» [49], para os subsectores de malhas, vestuário e rendas, e ainda o preço (custo) e prazo de entrega para os restantes (redes, cordas/cabos e telas), que dispunham de um importante mercado interno, nomeadamente no sector pesqueiro, e grande apetência para vender nos mercados externos, principalmente europeus.

Relativamente ao *cluster* menos competitivo, ele é constituído por um subsector da indústria de confecções (chapelaria) e três da indústria têxtil, propriamente dita. O menor dinamismo deste grupo está associado ao factor moda nos subsectores de chapelaria e alcatifas/carpets, que viram a sua procura diminuir, principalmente no mercado interno, e com os factores preço e prazos de entrega, nos restantes.

No *cluster* intermédio constatamos um grau de homogeneidade maior por se referir a subsectores da mesma indústria (têxtil), no entanto, esta semelhança é mais formal que substancial, já que os subsectores de bordados e passamanarias têm exigências próprias quanto

a moda, e nas indústrias de fibras brandas e sacaria o preço e prazos de entrega terão um peso maior.

A classificação que resulta da *clusterização* dos subsectores, deve ser entendida como uma aproximação aos problemas de cada grupo assim constituído, não excluindo as excepções que existem em cada um deles: No *cluster* de maior dinamismo, forçosamente, vão aparecer empresas em crise e nos restantes há unidades industriais que apresentam uma situação económica e financeira exemplares.

De um modo geral, podemos afirmar que cada um dos subsectores apresenta especificidades próprias, e as soluções que forem adequadas para o relançamento de um, poderão ser desaconselháveis para tirar da crise os restantes elementos que constituem o mesmo *cluster*. Apesar disso, o estudo de alguns indicadores respeitantes aos subsectores de cada *cluster*, pode levar a uma melhor compreensão da indústria têxtil e dos problemas com que se defronta.

III.3 - COMPORTAMENTO DOS SUBSECTORES MAIS E MENOS DINÂMICOS

Após a constituição dos *clusters* procuraremos verificar as diferenças de comportamento entre o de maior e menor dinamismo, evidenciadas pela evolução do VBP, ao longo da década.

O quadro III.3 confirma a influência do VBP para a constituição dos *clusters* mais e menos dinâmicos, atendendo a que há um desfasamento nas taxas de crescimento médias de cerca de 5% (20,45 e 15,40%). Também em relação à média da ITC se torna evidente o melhor

desempenho do primeiro, constatado nas diferenças positivas (à excepção do subsector de rendas), ao contrário do segundo *cluster* onde se regista um crescimento inferior à média em todos os índices.

QUADRO III.3: TAXA MÉDIA DE CRESCIMENTO DO VBP ENTRE 1980 E 1989

SUBSECTORES MAIS DINÂMICOS	INDÚSTRIA			MÉDIA SUBS.- -MÉDIA ITC
	TÊXTIL	CONFECÇÕES	TÊXT.+CONFEC.	
RENDAS	15,37%		15,37%	-2,91%
REDES	23,47%		23,47%	5,19%
TELAS	19,84%		19,84%	1,56%
MALHAS	19,92%		19,92%	1,64%
CORDAS/CABOS	21,26%		21,26%	2,98%
VESTUÁRIO		22,95%	22,95%	4,67%
MÉDIA	19,95%	22,95%	20,45%	2,17%

SUBSECTORES MENOS DINÂMICOS	INDÚSTRIA			MÉDIA SUBS.- -MÉDIA ITC
	TÊXTIL	CONFECÇÕES	TÊXT.+CONFEC.	
LÃS	17,65%		17,65%	-0,63%
ALCAT./CARPETES	13,51%		13,51%	-4,77%
ALGODÃO	16,31%		16,31%	-1,97%
CHAPELARIA		14,12%	14,12%	-4,16%
MÉDIA	15,82%	14,12%	15,40%	-2,88%

MÉDIA DA IND. TÊXTIL E DE CONFECÇÕES (ITC)	18,28%
--	--------

Fonte: INE, Estatísticas Industriais

No quadro III.4 é apresentada a produção média de todos os subsectores da Indústria Têxtil, na década.

O VBP médio da década reflecte a dimensão média dos subsectores, e é pormenorizado pois que, a volumes de produção diferentes correspondem graus de preocupação diferentes por parte das entidades interessadas na ITC: empresários, trabalhadores, Governo e Comissão Europeia.

Os quatro primeiros subsectores do *ranking* representam cerca de 91% do total da produção média. Se nos reportarmos aos *clusters*, ao de maior dinamismo corresponde 42% e ao de menor dinamismo 55% da

produção. Resumindo: quase 60% da produção pertence a subsectores que se encontram com problemas de dinamismo.

QUADRO III.4: VBP MÉDIO ENTRE 1980 E 1989 (milhares de escudos a preços constantes)

SUBSECTOR	VBP	%	R
ALGODÃO	109 564 920	44,02%	1
VESTUÁRIO	52 429 922	21,07%	2
MALHAS	42 748 675	17,18%	3
LÃS	22 273 869	8,95%	4
ALCATATIFAS/CARPETES	5 885 492	2,36%	5
CORDAS/CABOS	5 146 082	2,07%	6
TELAS	2 772 662	1,12%	7
PASSAMANARIAS	1 903 556	0,76%	8
SACARIA	1 803 226	0,72%	9
BORDADOS	1 539 179	0,61%	10
FIBRAS BRANDAS	1 109 995	0,45%	11
REDES	765 131	0,31%	12
RENDAS	452 643	0,18%	13
CHAPE LARIA	306 289	0,12%	14
LONAS	187 060	0,08%	15
MÉDIA DA IND. TÊXTIL E DE CONFECÇÕES (ITC)	248 888 701	100,00%	

R=RANKING

Fonte: INE, Estatísticas Industriais

Da análise conjunta deste quadro e do anterior destaca-se o seguinte, relativamente ao grupo de maior dinamismo:

- Importância preponderante do subsector vestuário, com uma taxa média de crescimento elevada na década e 21% da produção, o segundo do *ranking* em ambos os quadros;
- Relevância do subsector de redes por apresentar a mais elevada taxa de crescimento, para um volume de produção pouco expressivo - 0,31% da ITC - e 12º. do *ranking*;
- O comportamento do subsector malhas com uma produção considerável no conjunto da indústria têxtil - terceiro mais importante - e uma taxa de crescimento próxima da média do *cluster* a que pertence;

- Os índices do subsector cordas/cabos, pela existência de taxas de crescimento e VBP importantes que, quando analisados em conjunto com os do subsector redes, revelam a sua dependência em relação ao sector pesqueiro nacional e ao mercado de exportação;

De igual modo, no *cluster* de menor dinamismo podemos realçar o desempenho dos subsectores de algodão e lãs, pelo elevado volume de produção - primeiro e quarto do *ranking* - e taxas de crescimento superiores à média do grupo onde foram incluídos, reveladores de que, apesar da gradual perda de competitividade que sofreram, ocupam posições importantes dentro da indústria têxtil.

Comparando os dois *clusters* em relação ao VBP, podemos afirmar que cada um deles é constituído por subsectores de dimensão variável, cujas taxas de crescimento médio na década, são coerentes com a sua arrumação no respectivo *cluster*.

III.4 - CAPACIDADE CONCORRENCIAL

A capacidade concorrencial dos subsectores da indústria têxtil pode ser encarada sob vários aspectos. Neste trabalho vamos limitá-la à análise de dois rácios, através dos quais se vão relacionar o valor acrescentado bruto (VAB) com o valor bruto da produção (VBP) e as importações com o consumo.

Os rácios constantes dos quadros foram objecto de cálculos efectuados ano a ano, a partir dos quais se chegou à taxa de crescimento de cada ano em relação ao anterior. Seguidamente, obteve-se a taxa média de crescimento da década. Optou-se pela apresentação da média por permitir a

verificação do comportamento global dos *clusters* ao longo do período em estudo.

A maioria dos indicadores utilizados na elaboração dos quadros III.5 e III.6, quando limitamos a análise à evolução das taxas de crescimento em cada ano, revela um comportamento favorável até meados dos anos oitenta, a que se segue uma inversão desta tendência. Os quadros apresentam os rácios médios na década, relativos aos subsectores mais e menos dinâmicos para a indústria têxtil, para a de confecções e para a ITC. A última coluna de cada quadro exhibe o valor obtido pela diferença entre a taxa média de crescimento do rácio e a média de idêntico indicador referente à totalidade da indústria têxtil e de confecções (15 subsectores).

A taxa média de crescimento na década, do rácio VAB/VBP dos subsectores já classificados em *clusters*, consoante o dinamismo evidenciado, é representada no quadro III.5.

QUADRO III.5: CAPACIDADE CONCORRENCIAL I - TAXA MÉDIA DE CRESCIMENTO DO INDICADOR VAB/VBP ENTRE 1980 E 1989

SUBSECTORES MAIS DINÂMICOS	INDÚSTRIA			MÉDIA SUBS.- -MÉDIA ITC
	TÊXTIL	CONFECÇÕES	TÊXT.+CONFEC.	
RENDAS	14,76%		14,76%	14,85%
REDES	-1,67%		-1,67%	-1,58%
TELAS	8,83%		8,83%	8,92%
MALHAS	-0,32%		-0,32%	-0,23%
CORDAS/CABOS	4,02%		4,02%	4,11%
VESTUÁRIO		0,11%	0,11%	0,20%
MÉDIA	5,12%	0,11%	4,29%	4,38%

SUBSECTORES MENOS DINÂMICOS	INDÚSTRIA			MÉDIA SUBS.- -MÉDIA ITC
	TÊXTIL	CONFECÇÕES	TÊXT.+CONFEC.	
LÃS	0,32%		0,32%	0,41%
ALCAT./CARPETES	3,82%		3,82%	3,91%
ALGODÃO	-0,08%		-0,08%	0,01%
CHAPELARIA		3,62%	3,62%	3,71%
MÉDIA	1,35%	3,62%	1,92%	2,01%

MÉDIA DA IND. TÊXTIL E DE CONFECÇÕES (ITC)	-0,09%
--	--------

Fonte: INE, Estatísticas Industriais

A primeira ilação a tirar é que o valor acrescentado de toda a indústria têxtil e de confecções, regrediu ligeiramente, em média, ao longo destes dez anos (-0,09%), pelo que os valores apresentados na coluna mais à direita, não vão ser tomados em consideração, por serem semelhantes aos que são exibidos pelos subsectores.

A capacidade concorrencial assim definida é coerente, em termos de média, com o maior ou menor dinamismo evidenciado por cada *cluster*: 4,29%, 3,11% e 1,92%, respectivamente para o maior, intermédio e menor dinamismo. No entanto, este escalonamento dos grupos é enviesado pelas taxas de crescimento elevadas verificadas nos subsectores de menor dimensão (o VBP médio da década é apresentado no quadro nº. III.4). De notar ainda que, a partir de um certo ponto, as diferenças encontradas nas taxas de crescimento não são substanciais, pois que, entre o 4º. e o 14º. subsectores do *ranking*, há pequenas diferenças nos rácios: de 4,02 a -1,67%.

Aprofundando a análise, verificamos que o *cluster* de maior dinamismo inclui três subsectores com médias de crescimento que, por si só, explicam a diferença entre os *clusters*: rendas, telas e cordas/cabos, em que a diferença das médias é notoriamente positiva. Os restantes elementos do mesmo grupo apresentam rácios muito baixos e mesmo negativos, reveladores dum crescimento nulo ou regressivo. Destaque neste grupo para os subsectores de malhas e vestuário, cujas taxas de crescimento revelam a crise que afecta aqueles que, simultaneamente, têm volumes de produção mais elevados.

No grupo de menor dinamismo, é importante salientar que os subsectores que o constituem, à semelhança do outro, têm médias de crescimento que podemos separar em dois grupos: no primeiro incluímos os

subsectores de alcatifas/carpets e chapelaria, com valores positivos pouco elevados, e os subsectores de algodão e lãs com taxas próximas do zero. Também em relação a este item, são os subsectores de maior produção que exibem valores de crescimento inferiores.

Fazendo a sùmula, podemos concluir que a taxa de crescimento do valor acrescentado em percentagem do valor bruto da produção é um dos factores que explicam a (falta de) capacidade concorrencial da indústria têxtil. De facto, o seu ritmo de crescimento é preocupante nos dois *clusters*, com relevância para os subsectores com volumes de produção mais elevados, embora um pouco mais favorável no de maior dinamismo, em termos globais. Tal situação revela que, após um período de algum crescimento em meados da década, assistimos ao esmagamento das margens de comercialização da indústria nacional, cujo valor acrescentado vai beneficiar quem controla a distribuição.

«Se já, por um lado, a concorrência de preços tem sido intensa para as empresas portuguesas, por outro, os seus custos de produção, comparados com os das empresas estrangeiras, não pararam de crescer, em consequência de uma subida das taxas de juro, da inflação e da valorização da moeda portuguesa nos mercados internacionais. O resultado é que as empresas ficam sem margem...». Este extrato de um artigo de Vasconcellos e Sá e M. T. Miranda [49], expressa numa forma categórica o problema da redução do valor acrescentado na ITC.

Passando ao quadro seguinte, podemos estudar a capacidade concorrencial, na perspectiva das relações comerciais com o exterior, através da taxa média de crescimento do rácio Importações/Consumo (Consumo = VBP + Importações - Exportações).

QUADRO III.6: CAPACIDADE CONCORRENCIAL II - TAXA MÉDIA DE CRESCIMENTO DO INDICADOR IMPORTAÇÕES/CONSUMOS ENTRE 1980 E 1989

SUBSECTORES MAIS DINÂMICOS	INDÚSTRIA			MÉDIA SUBS.- -MÉDIA ITC
	TÊXTIL	CONFECÇÕES	TÊXT.+CONFEC.	
RENDAS	29,61%		29,61%	9,51%
REDES	105,82%		105,82%	85,72%
TELAS	4,03%		4,03%	-16,07%
MALHAS	56,94%		56,94%	36,84%
CORDAS/CABOS	-19,22%		-19,22%	-39,32%
VESTUÁRIO		-34,57%	-34,57%	-54,67%
MÉDIA	35,44%	-34,57%	23,77%	3,67%

SUBSECTORES MENOS DINÂMICOS	INDÚSTRIA			MÉDIA SUBS.- -MÉDIA ITC
	TÊXTIL	CONFECÇÕES	TÊXT.+CONFEC.	
LÃS	13,58%		13,58%	-6,52%
ALCAT./CARPETES	88,71%		88,71%	68,61%
ALGODÃO	11,98%		11,98%	-8,12%
CHAPELARIA		22,69%	22,69%	2,59%
MÉDIA	38,09%	22,69%	34,24%	14,14%

MÉDIA DA IND. TÊXTIL E DE CONFECÇÕES (ITC)	20,10%
--	--------

Fonte: INE, Estatísticas Industriais

Ao longo de dez anos as importações cresceram, em média, 20,10% em relação à totalidade dos têxteis e confecções consumidos.

O *cluster* de maior dinamismo resistiu melhor à investida dos têxteis e confecções importados, como pode ser constatado pela diferença das taxas de crescimento, em cerca de 10% (23,77 e 34,24%), o que é significativo. Dentro deste grupo há que destacar a diminuição do consumo de artigos importados, em termos percentuais, dos subsectores de vestuário e cordas/cabos. Em contrapartida, os restantes subsectores, incluindo os de menor dinamismo, apresentam taxas de crescimento positivas, neste indicador. Destaca-se, neste aspecto particular, o aumento do consumo de malhas importadas de 56,94%.

Se tomarmos em consideração a coluna da direita do quadro, referente às diferenças entre as taxas de crescimento dos subsectores e a da totalidade da indústria têxtil, confirma-se o incremento das importações do

grupo de maior dinamismo a uma taxa ligeiramente superior à média da indústria em 3,67%, ao contrário do outro grupo, cuja diferença atinge os 14,14%. O melhor comportamento do primeiro pode ser explicado, em termos genéricos, pela maior agressividade das exportações nos subsectores que o constituem, apesar das contribuições negativas de alguns. Numa análise mais detalhada às diferenças, é notório o melhor desempenho de subsectores como o de vestuário (-54,27%), o de cordas/cabos (-39,32%) e de telas (-16,07%).

A diversificação de mercados tem sido apontada como uma resposta a esta questão¹⁾, conjuntamente com a redescoberta do mercado nacional como um «novo mercado potencial para os nossos têxteis», como preconiza S. Vinagre [52].

Relativamente aos subsectores da indústria têxtil, em sentido estrito, as médias do rácio são semelhantes em ambos os *clusters* (35,44 e 38,90%), o que confirma a opinião de que o futuro da ITC está mais relacionado com as indústrias de confecções - essencialmente vestuário. Segundo R. T. Mota, «A grande aposta tem que ser encontrada apenas no sector de vestuário que já representa neste momento cerca de 75% das exportações de têxteis e vestuário.» e que «... a indústria têxtil "não tem salvação". Só o vestuário terá futuro» [36]. No mesmo sentido se pronunciaram outros estudiosos da ITC, como Vasconcellos e Sá e M. T. Miranda, ao ser referido que «...em vez de se falar de crise da indústria de têxteis e confecções, seria mais correcto falar apenas de crise do sector têxtil.» [49].

¹⁾Assinala-se a possibilidade de aumentar as exportações especialmente de malhas, no segmento médio/alto, para o Japão e Coreia do Sul, mercados onde a presença de têxteis portugueses é irrelevante, conforme é referido por H. Tillo, presidente do Centro de Estudos Têxteis Aplicados [48].

Dos quadros anteriores podemos concluir que o *cluster* de maior dinamismo é constituído por subsectores com desempenhos pouco homogéneos, mas que, no seu conjunto, apresentam índices de uma capacidade concorrencial mais elevada. De facto, a par de subsectores de pequena dimensão - rendas, redes e telas - com grande agressividade nas exportações, temos subsectores de grande dimensão - malhas e vestuário - cujos pontos fortes têm a ver com elevados níveis de exportação e de vendas no mercado nacional. Não fora a excessiva dependência destes dois últimos subsectores das grandes marcas internacionais, que lhes subcontratam parte significativa da produção¹⁾, e os indicadores apontariam para valores mais favoráveis. Ao *cluster* de menor dinamismo corresponde uma capacidade concorrencial inferior.

Um relatório sobre o sector Têxtil-Vestuário da Comissão Europeia, divulgado em Abril de 1991 [12], apontava a necessidade de Portugal aproveitar a proximidade dos mercados e referia que «...um número crescente de empresas europeias desenvolve estratégias de internacionalização... ..assente na criatividade e no "circuito curto"». Esta noção aparece reformulada por W. Nelson da Monitor Company através do paradigma da "*Quick Response*", «...que não significa apenas produzir depressa e entregar depressa a um cliente. "*Quick Response*" é um sistema: melhor conhecimento do cliente; melhor conhecimento da evolução da

¹⁾Manuel Lopes, no seu artigo "Portugal Veste Espanhóis Sem o Saberem Nem Influir no Mercado" [30], confirma esta realidade ao escrever que «...muitas indústrias de confecções portuguesas dependem dos grandes armazéns ou redes de distribuição espanholas e não têm comercialização própria.». Assiste-se, mais recentemente, a uma tentativa de mudar a situação vigente, por exemplo, o estabelecimento de lojas em Espanha e projectos de abrir outras em França, na Alemanha, no Reino Unido, na Escandinávia, na República Checa e na Hungria pela Maconde [16] [42]. Através da criação de *joint ventures* com parceiros locais no mercado espanhol, empresas da área dos têxteis-lar tentam alargar a seu mercado de exportação (Lameirinho, Mundotêxtil, Asa, Sampedor, PuiBele, Velpor, José Machado de Almeida, Adalberto, Bomdia e Pato Rico) [46].

moda e tendências e rápida integração nos produtos; capacidade de produzir depressa e responder a encomendas pequenas e frequentes» [8].

A proximidade dos mercados só será uma vantagem se houver, paralelamente, uma aposta em segmentos de mercado de média qualidade/preço, defendida por Vasconcellos e Sá e M. T. Miranda, ou seja, «...produtos onde a qualidade (mas não a moda) é importante...» e «...em produtos acabados onde a moda seja um factor importante mas não preponderante...» [49], em prejuízo dos segmentos de baixa e média baixa qualidade/preço, nos quais o nosso país deixou de ser competitivo.

Em resumo, a melhoria desejável do indicador VAB/VBP terá, certamente, reflexos favoráveis no segundo indicador, que relaciona importações com os consumos e, em consequência, a capacidade concorrencial poderá evoluir favoravelmente.

IV - CAUSAS DAS DIFERENÇAS DE CAPACIDADE CONCORRENCIAL E DE DINAMISMO

Até esta fase procurámos, para além da verificação de um clima de recessão, caracterizar os subsectores segundo o seu potencial de dinamismo e de capacidade concorrencial. Neste capítulo é essencial explicar as causas que, em nosso entender, são responsáveis pela situação descrita. Para o efeito, estabelece-se a correlação linear entre o *ranking* do dinamismo e o *ranking* de onze indicadores que, em nossa opinião, podem expressar o comportamento melhor ou pior dos subsectores.

IV.1 - ANÁLISE DE CORRELAÇÃO LINEAR

Efectuando uma análise de correlação linear entre o *ranking* relativo do dinamismo dos subsectores apresentado no quadro II.1 e os diversos *rankings* dos indicadores que constam do quadro IV.1, obtém-se a matriz representada no quadro IV.2¹⁾. Este último quadro exhibe para cada indicador o coeficiente de correlação linear e também o nível de significância estatística da correlação.

¹⁾ A matriz completa consta do anexo 4.

QUADRO IV.1: RANKING DO DINAMISMO DOS SUBSECTORES E DAS TAXAS DE CRESCIMENTO MÉDIO EM DIVERSOS INDICADORES DE 1980 A 1989

SUBSECTORES	DINAMISMO		EXTERNALIDADES (EXP/VBP)		QUALIDADE VS PREÇO (VBP UNITÁRIO)		SUBCONTRATAÇÃO I (SUBCONT./CONSUMOS)		SUBCONTRATAÇÃO II (SUBCONT./VBP)		INVESTIMENTO EM MÁQUINAS		INVESTIMENTO EM F.B.C.F.		QUALIDADE INDUSTRIAL (PATENTES)		PRODUTIVIDADE I (UNIDADES POR OPERÁRIO)		PRODUTIVIDADE II (VAB/OPERÁRIO)		CONTROLO DE PESSOAL (OPERÁRIOS/TOTAL EMPREG.)		DIMENSÃO (VBP/Nº. DE EMPRESAS)	
	A		B		C		D		E		F		G		H		I		J		K		L	
	R	TMC	R	TMC	R	TMC	R	TMC	R	TMC	R	TMC	R	TMC	R	TMC	R	TMC	R	TMC	R	TMC	R	TMC
RENDAS	1	20,04	4	-15,50	14	3,22	10	-4,96	11	2,17	12	1,47	13	0,00	10	20,10	2	16,61	2	-0,11	6	10,78	14	
REDES	2	7,26	11	-5,02	10	13,11	5	16,73	5	5,79	4	7,09	3	0,01	7	11,29	3	2,84	6	0,07	10	25,47	1	
TELAS	3	22,11	3	-1,55	6	5,55	9	2,87	9	4,16	7	5,34	8	0,00	11	4,73	6	12,04	3	0,46	14	24,03	2	
MALHAS	4	10,23	7	-3,03	8	7,78	7	7,92	7	4,10	8	5,46	7	0,03	4	4,03	7	0,00	10	0,01	9	23,51	3	
VESTUÁRIO	5	9,37	8	2,73	2	7,13	8	7,12	8	2,51	11	4,06	11	0,19	1	-2,27	14	-0,52	12	0,10	11	20,90	7	
PASSAMANARIAS	6	72,38	2	-6,34	12	11,14	6	11,05	6	7,17	1	8,74	1	0,07	3	8,03	4	1,01	7	-0,47	2	21,17	5	
BORDADOS	7	78,22	1	-0,80	5	51,22	1	56,86	1	0,15	14	0,32	14	0,01	8	1,79	9	0,03	9	-0,33	4	16,99	11	
SACARIA	8	14,93	5	-8,64	13	16,30	4	16,90	4	3,61	9	3,94	12	0,00	12	37,60	1	18,22	1	-0,89	1	13,60	13	
CORDAS/CABOS	9	7,54	10	-6,12	11	-8,85	13	-6,17	12	4,36	6	5,73	6	0,00	13	6,00	5	-2,48	14	-0,07	8	22,34	4	
LÃS	10	10,99	6	-0,21	4	-0,10	11	-0,30	10	5,39	5	6,37	5	0,01	9	0,20	10	0,52	8	-0,10	7	20,05	9	
ALC/CARPETES	11	8,83	9	-2,84	7	-5,53	12	-7,24	13	3,51	10	4,95	9	0,03	5	-0,66	11	-0,09	11	0,19	13	15,77	12	
ALGODÃO	12	5,94	13	-4,17	9	43,82	2	44,79	2	6,39	2	7,76	2	0,08	2	2,64	8	-2,02	13	-0,14	5	18,84	10	
F. BRANDAS	13	-2,79	14	8,88	1	28,69	3	22,51	3	5,95	3	6,42	4	0,00	14	-0,89	12	7,60	4	0,16	12	20,63	8	
CHAPELARIA	14	6,60	12	1,99	3	14	14	14	14	1,60	13	4,30	10	0,03	6	-1,59	13	3,86	5	-0,46	3	20,99	6	

TMC = TAXA MÉDIA DE CRESCIMENTO ENTRE 1980 E 1989; R = RANKING

Fonte: Associação Industrial

Cada um dos índices que constam do quadro anterior, foi obtido calculando a taxa de crescimento do subsector, no item considerado, sendo apenas apresentada a média das taxas de crescimento da década.

QUADRO IV.2: CORRELAÇÃO LINEAR ENTRE O *RANKING* DO DINAMISMO DOS SUBSECTORES E O DOS INDICADORES

INDICADORES	INDICES	SIGNIF. ESTATÍS.
EXTERNALIDADES	0,57	+0,03
QUALIDADE vs PREÇO	-0,45	+0,10
SUBCONTRATAÇÃO I	0,09	+0,76
SUBCONTRATAÇÃO II	0,06	+0,84
INVESTIMENTO EM MÁQUINAS	-0,11	+0,71
INVESTIMENTO EM F.B.C.F	-0,21	+0,47
QUALIDADE INDUSTRIAL	0,05	+0,85
PRODUTIVIDADE I	0,58	+0,03
PRODUTIVIDADE II	0,24	+0,42
CONTROLO DE PESSOAL	-0,16	+0,57
DIMENSÃO	0,26	+0,37

Fonte: INE, Estatísticas Industriais

A partir desta matriz vamos tentar estabelecer uma primeira explicação para o melhor ou pior desempenho dos subsectores. Se considerarmos como significativas as correlações de valor superior a 0,30 (em módulo), podemos, desde já, tentar encontrar algumas das razões.

As correlações mais significativas entre os *rankings* dos subsectores e os dos rácios de crescimento médio na década, situam-se nas Externalidades (EXP/VBP), cujo índice é de 0,57, e ainda na Produtividade I, definida em termos de unidades produzidas por operário, que apresenta

um índice de 0,58. Numa primeira leitura, estes números apontam para uma ligação fortemente positiva entre a posição relativa dos subsectores têxteis e de confecções e o grau de viragem para o exterior dos mesmos, alicerçada numa produtividade superior à média. Empresas como a Maconde nas confecções [16] [42] e Têxtil Paulo Oliveira nos lanifícios [22] [38] (embora esta pertença ao grupo de menor dinamismo), podem ser citadas como exemplos de sucesso no mercado internacional, baseado nestas premissas. A globalização da economia dá indicações seguras de que «...as empresas exportadoras serão cada vez menos raras... .. e deixará de ter sentido evocar o sector exportador por oposição ao conjunto das empresas que não exportam» conforme é defendido por M. Avelino de Jesus [44].

Das restantes taxas de crescimento médio, quando relacionadas com os *rankings* dos subsectores, podemos verificar correlações positivas cada vez menos relevantes quanto a Dimensão (VBP/Nº. de empresas) de 0,26 e a Produtividade II (VAB(constante)/operário) de 0,24. À medida que os índices de correlação vão sendo menores, verificamos uma dependência cada vez menor entre os indicadores e o dinamismo dos subsectores, embora os factores ligados à dimensão e à produtividade das empresas ainda assumam importância a ter em conta.

Podemos afirmar que, em conjunto, os indicadores referentes a externalidades, produtividade e dimensão são as traves mestras para a compreensão da capacidade concorrencial da indústria de têxteis e confecções.

As Subcontratações I e II (subcontratação/consumos e idem/VBP) com valores de 0,09 e 0,06, respectivamente e por último a Qualidade Industrial (patentes/VBP), com um índice de 0,05, exibem

índices de correlação que permitem inferir do seu pequeno contributo para a dinamismo da indústria têxtil em geral.

Como índice de correlação negativa entre os *rankings* referidos, podemos destacar o que se refere a Qualidade vs Preço, definido pela taxa média de crescimento do rácio VBP(constante) por 1000 unidades (kgs, m² e peças), de -0,45. Esta relação, em termos de indústria têxtil em sentido amplo, permite concluir que a preços unitários mais elevados corresponde uma posição competitiva pior. No entanto, a correlação tem que ser apresentada com cuidado atendendo a que, dada a heterogeneidade dos subsectores, não é fácil estabelecer paralelismos entre produções, calculadas em unidades físicas diferentes, para sectores diversificados dos têxteis e das confecções. Apesar do reparo, este indicador revela que a indústria têxtil e de confecções tem sido orientada para segmentos de mercado de baixa qualidade e baixo preço. A proposta de estratégia que um dos grupos de trabalho da Monitor Company apresentou, incide sobre o reposicionamento do subsector de malhas do segmento de "produtos básicos" para o de "produtos de moda", e reduzir a participação de subcontratados e retalhistas em favor da venda directa ao consumidor [43].

Outras correlações são negativas mas de valor menos relevante: investimento em capital (F. B. C. F.) com -0,21, em máquinas com -0,11 e ainda o Controlo de Pessoal com -0,16. Em conjunto revelam que se verificou uma contribuição negativa do investimento e dos recursos humanos para o dinamismo dos subsectores. De facto, quer o baixo investimento efectuado¹⁾, quer o reforço da posição dos operários na estrutura de pessoal dos subsectores, teve consequências nefastas no seu

¹⁾O investimento por trabalhador da ITC na União Europeia é o segundo menor depois de Espanha, de acordo com os dados de um relatório do Observatório Europeu. «Portugal investiu 1534 ecus por trabalhador em 1990 e 1645 em 1991» [2].

desempenho. Comprova-se assim que a competitividade da indústria em análise tem sido alicerçada em políticas em que o investimento esteve ausente. O custo da mão de obra constituiu um factor de alheamento dos empresários para a necessidade de seguir as tendências que apontavam para a gradual substituição do factor trabalho por capital.

As dificuldades em obter empréstimos bancários e as taxas de juro praticadas têm sido apontados como factores preponderantes para a situação criada. Alguns gestores suprimiram este constrangimento fazendo apelo ao autofinanciamento, com resultados francamente satisfatórios, como as empresas Paulo Oliveira [22] e Mundotêxtil [51] que aproveitaram o período de valorização da moeda nacional, para se reapetrecharem o que, conjuntamente com o aumento da produtividade, permitiu compensar as perdas cambiais verificadas nas exportações. Este esforço de investimento implica melhoria da qualidade dos recursos humanos, ou seja, uma redução do peso dos operários no rácio Controlo de Pessoal. Araújo Moreira apresenta, no artigo "Estamparia Adalberto Passa da Quase Falência ao Topo do Ranking" [3], o exemplo de um caso de sucesso baseado no investimento e onde «...dos 350 trabalhadores cerca de 20 por cento são licenciados ou bachareis.».

Em contrapartida, no período em que o escudo se depreciava (e as taxas de inflação e de juro eram elevadas), o investimento em bens de equipamento tornava-se extremamente oneroso, o que explica o incremento das indústrias mão-de-obra intensivas, para aproveitar a abertura das fronteiras europeias.

V - COMPORTAMENTO DURANTE A DÉCADA DE OITENTA DOS *CLUSTERS* MAIS E MENOS DINÂMICOS

A análise superficial da correlação linear aponta já algumas tendências quanto ao comportamento dos indicadores, referidos no capítulo anterior, quando os relacionamos com o *ranking* do dinamismo dos subsectores. Este capítulo tem por objectivo verificar, a partir dos gráficos n.ºs V.1 a V.10, de que modo é que os subsectores agrupados em *clusters* evoluem, ao longo da década, tomando como base de análise os onze indicadores.

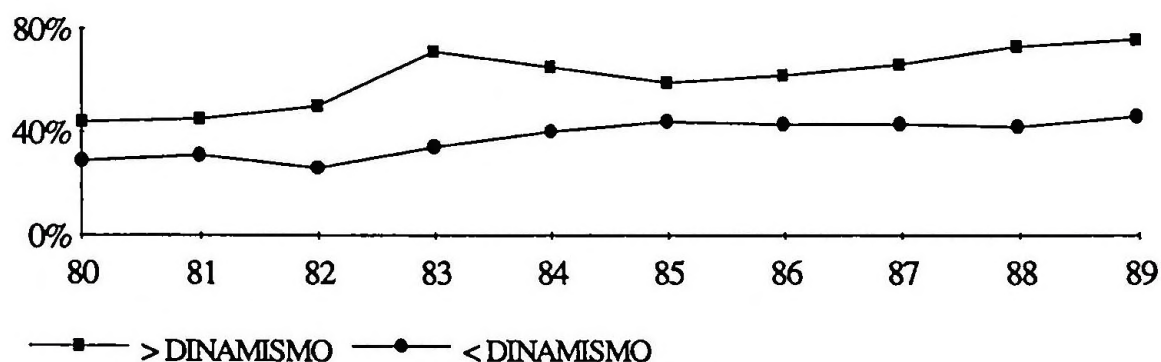
No gráfico V.1, relativo ao item Externalidades, com um índice de correlação linear de 0,57, o melhor comportamento do *cluster* de maior dinamismo é notório, com exportações que rondaram os 45% do VBP em 1980 e 76% em 1989, e é comprovado por médias superiores ao outro em 14 a 31 pontos percentuais. O *cluster* de menor dinamismo exportou 31% da produção em 1980 e 46% em 1989. A percentagem da produção exportada aumentou de uma forma mais ou menos regular nos dois grupos, e é reveladora da interligação entre dinamismo e o grau de penetração nos mercados externos. Podemos inferir que o menor dinamismo evidenciado revela quais os subsectores que assentam a sua estratégia no mercado interno, ao contrário do que acontece com os

subsectores mais dinâmicos, em que o melhor desempenho lhes permite ter uma forte presença no mercado de exportação.

Elisa Ferreira Taveira escrevia na revista da Associação Industrial Portuguesa do primeiro trimestre de 1992 o seguinte: «...torna-se preocupante a redução constante ao longo da década de 80, do peso dos produtos do sector «algodão» no total das exportações nacionais... ...e correspondente reforço dos subsectores mais dependentes de mão-de-obra (as malhas e confecções...). Não fora toda a informação que ilustra a fragilização dos subsectores mais complexos, e a deslocação poderia significar um salutar acréscimo do valor acrescentado em produtos mais próximos do consumidor final» [47].

As exportações expressas em percentagem das vendas é um dos indicadores que M. Avelino de Jesus estudou em 1988, num universo de 356 observações, designando-o como "propensão para exportar" [44]. É curioso verificar que no sector de confecções (CAE 322) que neste trabalho integra o grupo de maior dinamismo, a propensão para exportar atinge os 61% - forte propensão - enquanto que o sector têxtil (CAE 321) aparece no limite entre a média e a forte propensão, com 40% das vendas destinadas ao mercado de exportação.

GRÁFICO V.1: EXPORTAÇÕES/VBP

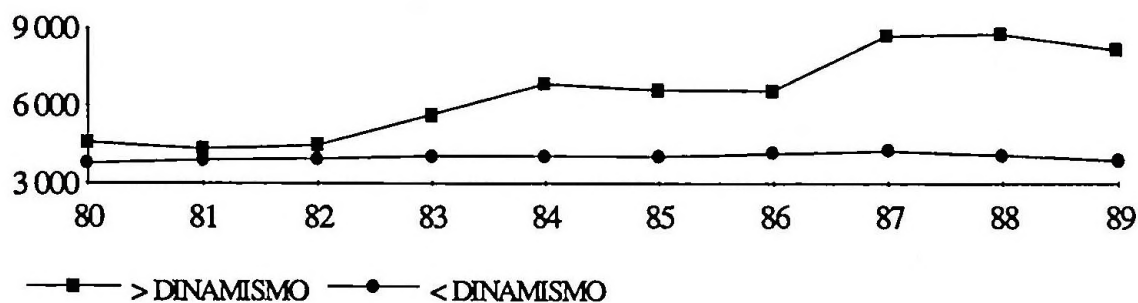


Fonte: INE, Estatísticas Industriais

O gráfico seguinte, (V.2), reporta-se a um dos indicadores de produtividade, tem a ver com a produção por operário, em unidades físicas, é outra das relações em que, a par de um índice de correlação elevado (0,58), o melhor desempenho do *cluster* de maior dinamismo é evidente, com ganhos de produtividade que, a partir de 1987, tendem a estabilizar entre as 8 mil e as 9 mil unidades por operário. Pelo contrário, o outro grupo denota uma grande estagnação ao longo da década, próxima das 4 mil unidades.

Este indicador apresentava valores ligeiramente superiores, no início da década, no *cluster* de maior dinamismo, mas só a partir de 1983 é que os ganhos de produtividade se tornam evidentes, atingindo-se o valor mais elevado em 1988, após o que se regista uma diminuição pouco expressiva.

GRÁFICO V.2: UNIDADES/OPERÁRIO



Fonte: INE, Estatísticas Industriais

O gráfico que se segue (V.3) tem a ver com a produtividade expressa em termos de Valor Acrescentado Bruto por operário. O problema do valor acrescentado na ITC foi estudado por Vasconcellos e Sá e M. T. Miranda [49] que o definiram em três vertentes traduzidas pelas funções *marketing*, qualidade (que tem a ver com características de «...cor, moda, forma e aspectos técnicos de fabrico») e prazo de entrega e, finalmente, a

contração das margens de lucro, devido a um aumento generalizado dos factores de produção e concorrência acrescida nos mercados internacionais. Nas três vertentes assinaladas estão a ser desenvolvidos esforços pelas empresas, entidades governamentais e comunitárias, para que o valor acrescentado possa evoluir favoravelmente.

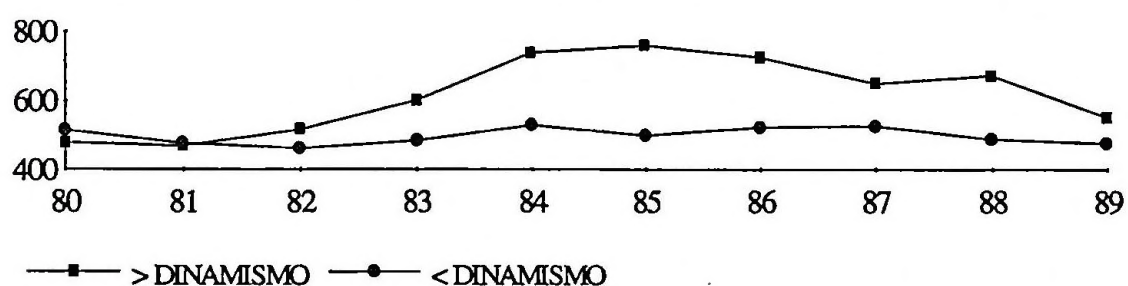
A contribuição do VAB unitário para a definição dos *clusters* ainda é assinalável, com um índice de correlação de 0,24, no entanto, após um período em que o de maior dinamismo se destaca, os últimos anos da década denotam o seu decréscimo para níveis próximos dos do início do período em estudo. Os ganhos de produtividade encontram-se ausentes do outro *cluster*.

As ilações a tirar desta análise parcelar, apontam a produtividade assim definida, como um factor com uma importância relativa para a arrumação dos subsectores em *clusters*, em que, à estagnação do grupo de menor dinamismo corresponde um crescimento do outro, crescimento esse que não é sustentado. É de assinalar o decréscimo do valor acrescentado por operário em ambos os *clusters*, mais evidente no de maior dinamismo, revelador que a ITC tem sido empurrada para segmentos de mercado de menor custo/preço e/ou para a redução das margens de comercialização. Melhor dizendo, as empresas portuguesas têm tido que se submeter às exigências dos clientes/patrões que lhes subcontratam a produção e simultaneamente impõem o preço.

Sendo a produtividade um dos conceitos básicos para a compreensão da competitividade nacional e que são as empresas que competem entre si, como afirma M. Porter [34] [40] e [41], as unidades económicas integradas no grupo de maior dinamismo, apresentam uma produtividade que está longe do que seria de desejar, embora mais

favorável que no outro grupo. A preocupação com o aumento da produtividade, salvo algumas excepções, é uma realidade recente na ITC. De facto, empresários mal informados pretenderam maximizar os lucros a curto prazo, descurando os de longo prazo, e estes só estarão presentes se o incremento da produtividade for o objectivo principal a atingir. As dificuldades referidas no capítulo anterior a propósito dos indicadores de investimento são, por certo, explicações razoáveis para esta situação.

GRÁFICO V.3: VAB(Milhares de escudos a preços constantes)/OPERÁRIO



Fonte: INE, Estatísticas Industriais

A dimensão média das empresas é outro dos indicadores a ter em consideração. Tradicionalmente, a dimensão das empresas da indústria têxtil era medida «...em número de fusos para a fiação e em número de teares para a tecelagem» [6]. Tal critério, como o autor da citação, J. M. Barata, reconheceu não é aplicável a toda a indústria¹⁾, nomeadamente, à confecção, pelo que se optou por um conceito de dimensão estabelecido a partir da produção de cada *cluster*. O gráfico V.4 referente à dimensão média das empresas que operam nesta área, mostra que só a partir de 1984 as de maior dinamismo se destacaram pois que, até aí, o volume de produção era semelhante para os dois grupos.

¹⁾Roberto Carneiro ainda utiliza este indicador de dimensão, o que não é descabido porque o seu estudo se restringe ao subsector algodoeiro [11].

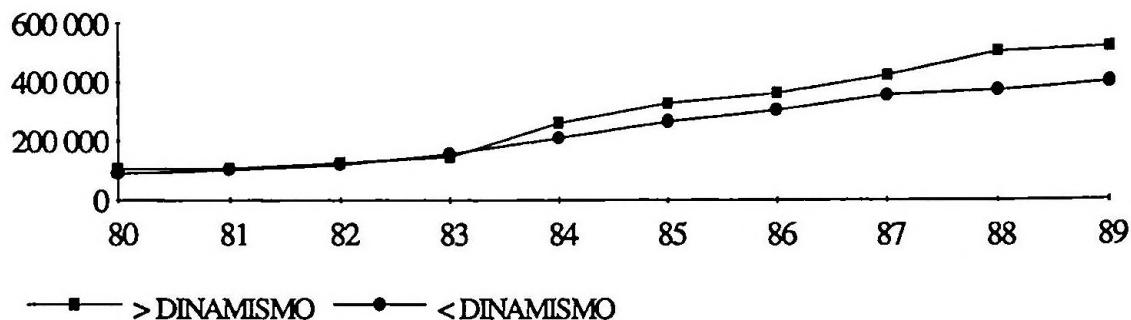
O índice de correlação linear apresentado anteriormente (0,26) está em conformidade a tendência evidenciada no gráfico, ou seja, a contribuição do indicador para o enquadramento dos subsectores em maior e menor dinamismo, está próximo do valor que foi previamente definido como significativo (0,30).

A dimensão média das empresas em termos de VBP, pode reflectir duas realidades diferentes: a primeira tem a ver com as indústrias designadas de capital intensivo e a segunda com indústrias que, pelo subsector em que se inserem, estão mais dependentes do factor mão de obra. Um VBP elevado pode significar que os subsectores que o constituem trabalham em segmentos com maior valor acrescentado, principalmente se se dedicarem à fabricação de pequenas séries, ou seja a aplicação do modelo *Quick Response* defendido por W. Nelson e já referenciado neste trabalho, que exige flexibilidade/adaptação para «...responder a encomendas pequenas e frequentes» [8].

É significativo serem as pequenas indústrias, e em especial as que foram classificadas de menor dinamismo, as que mais sofrem com a conjuntura desfavorável, sendo as principais vítimas das falências, já que as empresas médias e grandes têm aproveitado os diversos apoios disponíveis para se reestruturarem¹⁾. Podemos concluir que há uma relação entre a dimensão definida por este indicador, o dinamismo e a capacidade concorrencial dos subsectores.

¹⁾Veja-se, a este propósito, os diversos programas de apoio nacionais e comunitários: PEDIP I e II (Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa), PIATV (Programa Intercalar de Apoio aos Têxteis e Vestuário), PAIEP (Programa de Apoio à Internacionalização das Empresas Portuguesas) [26], RETEX (Programa de Apoio à Modernização e Diversificação das Regiões Têxteis) [27], o PMIT (Programa para a Modernização da Indústria Têxtil) e o PMITV (Programa para a Modernização da Indústria Têxtil e Vestuário, consequência das recentes negociações do GATT).

GRÁFICO V.4: VBP (Milhares de escudos a preços correntes)/Nº. DE EMPRESAS



Fonte: INE, Estatísticas Industriais

Outro sinal revelador da dimensão das empresas é indicador relativo a pessoal por empresa, em que segundo S. Vinagre, «...80% têm menos de 100 trabalhadores...» [52]. Tal facto não seria gravoso se, paralelamente, se verificasse um alto índice de mecanização e a utilização de pessoal altamente especializado, o que não acontece, conforme veremos, pela quase ausência de investimento em máquinas, no período em estudo. Este indicador de dimensão não é aprofundado neste trabalho. Em alternativa, vai ser avaliada a estrutura de recursos humanos das empresas.

O indicador Controlo de Pessoal que figura no gráfico V.5, serve para verificar o peso relativo do pessoal operário no total dos recursos humanos. Daqui pode-se concluir se, na indústria têxtil e de confecções, o pessoal adstrito a outras funções que não a produtiva, tem aumentado ou diminuído, e também se há diferenças entre os dois grupos.

A relação entre o pessoal operário e o total de pessoal oscila entre os 89 e os 91% para ambos os grupos, reveladora da quase total ausência de variações qualitativas na estrutura do pessoal. Apesar das variações serem pouco expressivas, em ambos os *clusters* assistimos a um período de alguma instabilidade neste indicador até 1983, a que se segue

um período de aumento de pessoal operário na estrutura do emprego, com um máximo em 1987/88, seguido duma inversão desta tendência.

O grupo de subsectores menos dinâmicos só a partir de 1987, revela a preocupação em reduzir a percentagem do pessoal operário e conseqüente aumento percentual do que é afecto a outras funções, tendência globalmente positiva, principalmente se esse pessoal se destinar a áreas mais propiciadoras de valor acrescentado.

Nos subsectores mais dinâmicos o peso do pessoal operário tem-se mantido inferior ao outro *cluster*, à excepção dos anos de 1988 e 1989, motivada por uma queda mais acentuada neste último. A manutenção e até reforço desta estrutura de emprego nos subsectores mais dinâmicos deve-se ao facto de conterem indústrias com forte componente de mão-de-obra, como as de vestuário e malhas.

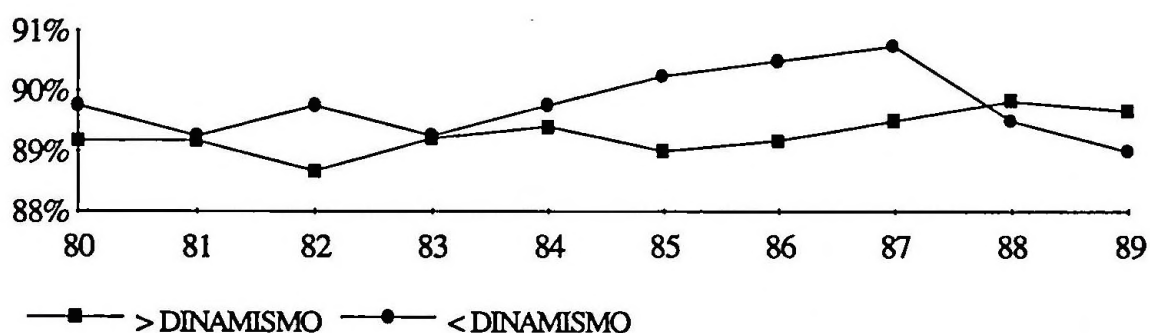
Os gestores têxteis têm demonstrado preocupações unânimes quanto à carência de recursos humanos qualificados - quadros médios e superiores, mas também de operários especializados - nas áreas da gestão, das tecnologias da produção e também do *marketing*, direccionadas para esta indústria. Uma das vertentes da intervenção dos poderes públicos mais reclamada, tem a ver com a criação de cursos em escolas privadas e públicas, dirigidos a esta finalidade e a colaboração entre universidades e empresas. Podem ser citadas intervenções de empresários e autarcas nesse sentido¹⁾ e ainda recomendações feitas nos estudos de Roberto Carneiro [11] e Miguel Cadilhe. Este último preconiza a potenciação de capacidades nas Universidades para o ensino e investigação aplicada ao sector de têxteis e vestuário (U. do Minho), a criação de uma escola superior ao nível do

¹⁾Por exemplo, o colóquio realizado em Novembro de 1993 com a participação de representantes do Ministério da Educação, da Associação de Municípios do Vale do Ave, das escolas profissionais da região, de agentes económicos, etc [35].

bacharelato e pós-graduação e de uma escola profissional com equivalência ao 12.º ano¹⁾ [10].

O Controlo de Pessoal, no âmbito com que foi definido neste gráfico, tem pouco peso como factor explicativo do ordenamento dos subsectores da indústria têxtil e de confecções, e está longe do que seria de desejar. De facto, a substituição do factor trabalho por capital que se impõe terá que ser acompanhada pela contratação de pessoal qualificado, para outras funções, tendo em vista a melhoria significativa deste rácio.

GRÁFICO V.5: OPERÁRIOS/TOTAL DO PESSOAL



Fonte: INE, Estatísticas Industriais

Os gráficos V.6 e V.7 referem-se à subcontratação relacionada com os consumos das empresas²⁾ e também com o valor bruto da produção. A subcontratação entre empresas portuguesas, em ambos os indicadores, assume valores muito baixos, reveladores que quase não existe. Só em relação à produção industrial comprada por empresas estrangeiras se

¹⁾No Programa EEVA este autor enuncia as áreas onde devem ser formados "especialistas mais relevantes": *Marketing*; Tecnologia e qualidade; Estilismo, *design*, criatividade e *up-grading*; Fiscalidade; Direito falimentar; Direito das fusões e aquisições; Direito do trabalho; Engenharia Financeira e jurídica; Desemprego, formação, reemprego, mobilidade, segurança social e reformas, gestão de recursos humanos e política de pessoal; Eficiência micro-económica, mecanismos de mercado e racionalidade; Acordos de comércio internacional, técnicas de comercialização e exportação; Organização e gestão [10] [32].

²⁾Nos consumos estão incluídos as matérias-primas, gastos com energia, subcontratos, reparação e manutenção, serviços industriais e patentes.

poderá falar de subcontratação, e figura nas estatísticas como exportações. Essas empresas encarregam-se da distribuição nos respectivos países, sob marca própria, e reexportam para outros, inclusivé para Portugal. É referido, em artigo publicado no Diário Económico, que «A maioria das empresas do Vale do Ave, cerca de 80%, vive em regime de subcontratação, em especial para empresas estrangeiras, e apenas 10% da produção chega ao mercado através de marcas nacionais.» [14].

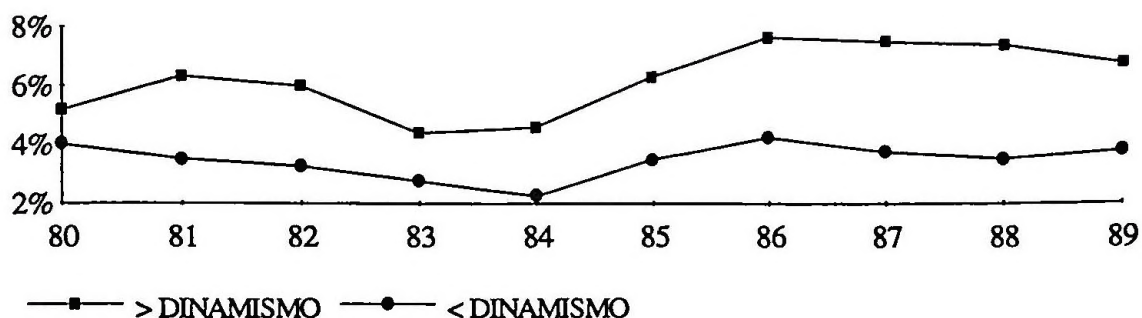
Em face dos gráficos, e dos índices de correlação linear (0,09 e 0,06), concluímos que os indicadores relativos a subcontratação não são, por certo, responsáveis pelo comportamento melhor ou pior dos subsectores, apesar do *cluster* mais competitivo aparecer, naturalmente, com percentagens superiores em cerca de 2%.

A subcontratação interna poderia ser um factor de especialização das empresas portuguesas, com vista a entrar em segmentos de mercado de média e média/alta qualidade e preço, e começa a ser praticada por algumas, que complementam a sua oferta com produção subcontratada e comercializada com marca própria [24] [25].

A tendência constatada recentemente de desintegração vertical e concentração no *core business* pode criar "janelas de oportunidades" ao nível da subcontratação, para aproveitar economias de escala, efeitos de experiência, ou outras características específicas de certas actividades¹⁾. Se nem todas as empresas podem criar marcas próprias ou investir em canais de distribuição, a subcontratação e a colaboração entre empresas é uma solução viável para ultrapassar as ameaças que pairam sobre grande número delas.

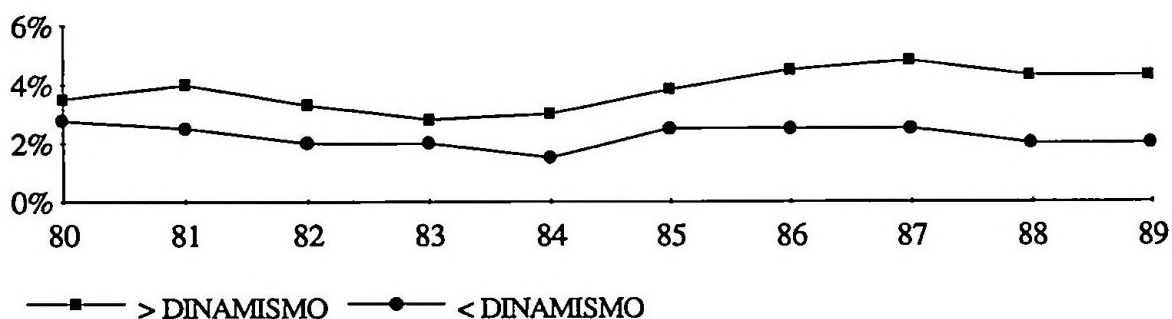
¹⁾Vasconcellos e Sá, em entrevista publicada em Outubro de 1993, desenvolve estas ideias e refere alguns subsectores têxteis e de confecções que podem aproveitar desta conjuntura [50].

GRÁFICO V.6: SUBCONTRATOS/CONSUMOS



Fonte: INE, Estatísticas Industriais

GRÁFICO V.7: SUBCONTRATOS/VBP



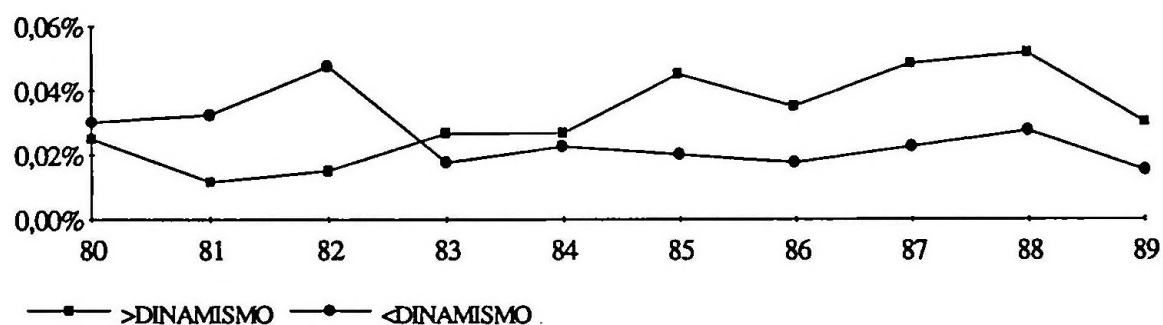
Fonte: INE, Estatísticas Industriais

No gráfico V.8 aparece a representação do indicador que designámos de Qualidade Industrial com a finalidade de evidenciar o peso da tecnologia exterior às empresas, no processo produtivo. Quer em termos percentuais, quer em relação ao índice de correlação linear, os valores são próximos do zero. Tal significa uma quase total ausência de acesso a novos processos industriais, por esta via. Pode inferir-se que a evolução da qualidade industrial, em geral, tem sido efectuada através da aquisição de bens de equipamento no exterior e também nos casos em que as empresas nacionais actuam como subcontratadas de empresas multinacionais.

Concluindo, podemos afirmar que o contributo do indicador referido, para a hierarquização dos subsectores tem sido pouco importante ao longo da década, revelando grande estagnação, apesar da aparente

supremacia do *cluster* mais dinâmico. Sofrendo Portugal de graves carências no domínio da Investigação e Desenvolvimento (I&D), e que o contexto de «...oferta global obriga a que as empresas utilizem o ciência e tecnologia enquanto suporte do complexo de factores de competitividade...»¹⁾, a falta de aquisição de tecnologia no exterior revela o grau de dependência da nossa indústria dos fornecedores de bens de equipamento e das grandes marcas de vestuário e malhas, que apenas fornecem o *know how* que não põe em causa as relações de domínio vigentes.

GRÁFICO V.8: PATENTES/VBP



Fonte: INE, Estatísticas Industriais

O indicador seguinte (gráfico V.9) refere-se a Qualidade vs Preço através do qual se procurou verificar e evolução do custo de produção unitário (kg.s, m2 ou peças), expresso em milhares de escudos a preços constantes.

A correlação linear é negativa e de valor elevado (-0,45), situação que indicia um comportamento contraditório entre o *ranking* deste indicador e a ordenação dos subsectores que tem servido de base a este trabalho.

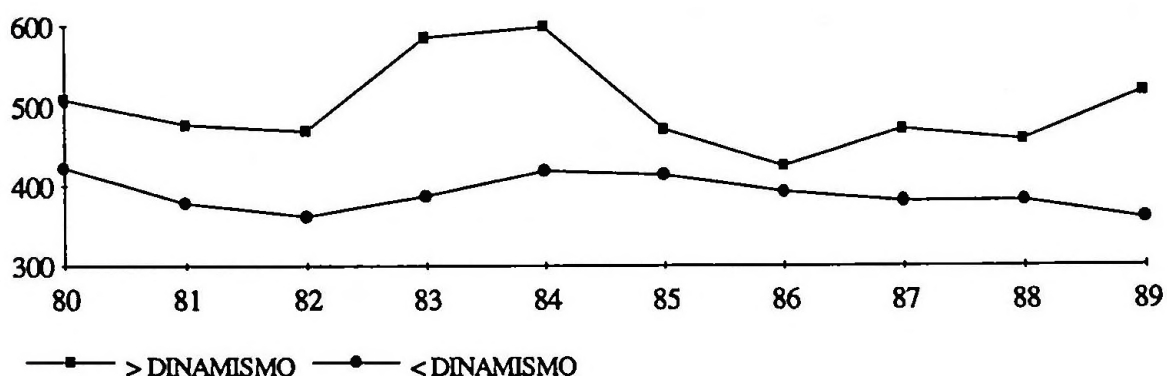
¹⁾Intervenção de Fernando Gonçalves no "Simpósio sobre Política Científica e Tecnológica para os anos 90" [13].

A primeira constatação, obtida por leitura directa do gráfico, refere-se ao *cluster* de menor dinamismo, cuja estagnação é, por demais, evidente. O outro grupo de subsectores revela um crescimento lento com um máximo em 1984, seguido de um decréscimo e uma recuperação lenta até ao final da década, terminando a um nível idêntico ao de 1980.

O custo unitário da produção de têxteis e confecções em dez anos não teve uma evolução positiva, pelo contrário diminuiu, sintoma de que continua a apostar nos mesmos segmentos de mercado, até porque os ganhos de produtividade não foram substanciais. Por outro lado, as margens de comercialização foram sendo progressivamente diminuídas por força da concorrência de têxteis de países com custos de produção mais baixos - salários e matérias primas mais baratos - e também pela política macroeconómica portuguesa ao nível cambial, taxas de juro e inflação.

Conforme já foi afirmado, este indicador tem que ser apresentado salvaguardando a difícil comparabilidade entre produções variadas, em função dos subsectores a que respeitam e expressas em unidades físicas diferentes. Apesar deste reparo, podemos concluir por uma adequação do que o indicador expressa, à realidade da indústria têxtil.

GRÁFICO V.9: VBP(const)/1000 UNIDADES (milhares de escudos)



Fonte: INE, Estatísticas Industriais

Os últimos gráficos a analisar, identificados com os V.10 e V.11, referem-se ao investimento nas suas vertentes de máquinas e formação bruta de capital fixo, cuja evolução é semelhante, e com a particularidade de existir uma alternância entre *clusters*, na liderança destes indicadores, ao longo da década.

O investimento do grupo de maior dinamismo é mais regular, e tem a ver com uma maior estabilidade, ao contrário do outro, em que as descontinuidades, parecem significar reacções descoordenadas, face à perda de competitividade dos subsectores.

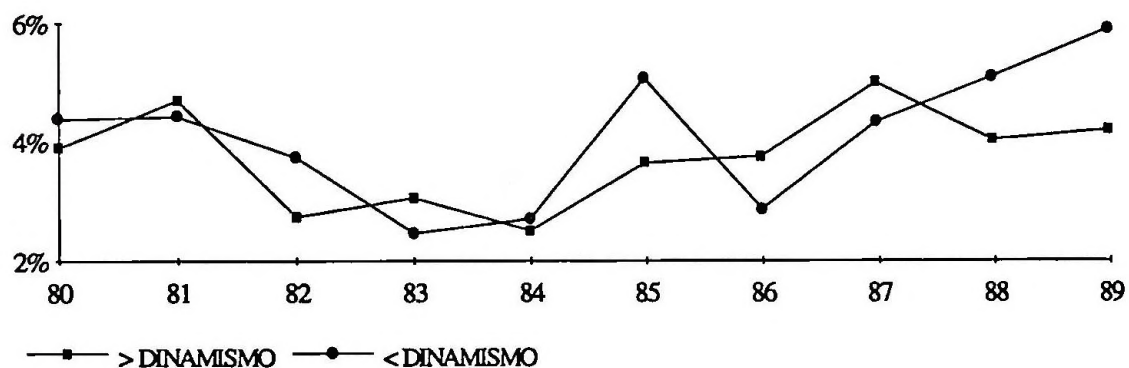
Os índices de correlação linear constantes do quadro IV.2 são negativos, embora pouco expressivos (-0,11 e -0,19) pelo que, não se conclui por um comportamento antagónico entre a ordenação dos subsectores e estes indicadores, revelando uma contribuição negativa, mas não essencial para o dinamismo dos subsectores.

O investimento é um factor sensível nesta indústria e, apesar de numerosos incentivos, como financiamentos a fundo perdido e empréstimos a taxas de juro preferenciais e outras facilidades, só após a verificação de um clima recessivo se sentiu a sua necessidade. Os gestores dos têxteis e confecções, embora beneficiando das facilidades referidas, têm-se confrontado com dificuldades práticas em obter os meios financeiros de que precisam. Perante os níveis de endividamento assumido por algumas grandes empresas de que é exemplo a Coelima [31], os empresários menos conscientes reduziram o nível do investimento¹⁾, enquanto que alguns optaram corajosamente pelo autofinanciamento, como a Têxtil Paulo

¹⁾Eurico de Melo não hesita em imputar culpas aos empresários pela crise, por «...não terem visão para modernizarem constantemente as suas empresas.». O caminho da falência torna-se então inevitável para esses empresários «...como o inferno para os católicos. Quem não cumpre vai lá cair.» [33].

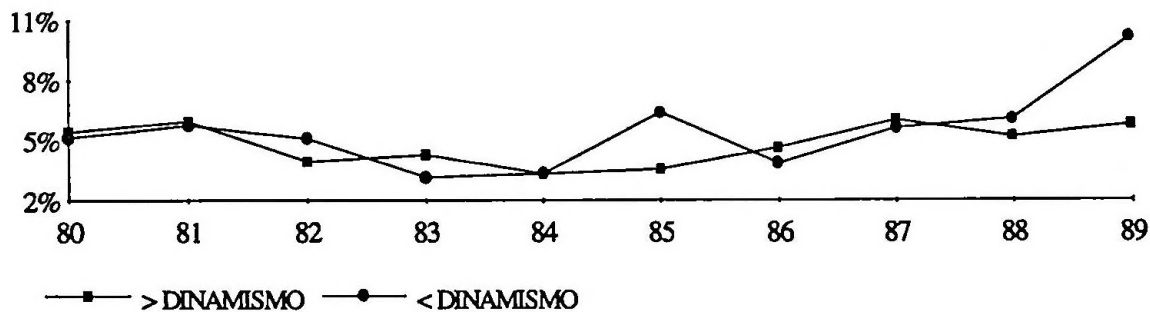
Oliveira [38] ou a Mundotêxtil [51]. Em tempos recentes, apareceram empresas de capital de risco¹⁾, no âmbito de programas conjuntos do Estado português e da União Europeia, a assumirem esta responsabilidade, na linha do que tinha sido proposto por Miguel Cadilhe [10].

GRÁFICO V.10: INVESTIMENTO EM MÁQUINAS/VBP



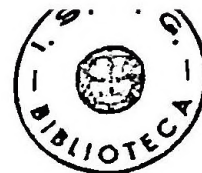
Fonte: INE, Estatísticas Industriais

GRÁFICO V.11: INVESTIMENTO EM F. B. C. F./VBP



Fonte: INE, Estatísticas Industriais

¹⁾Norpedip e Sulpedip que começam a ser acusadas de aumentarem o peso do estado na economia, em contradição com as declarações das entidades governamentais, de o diminuir.



VI - CENÁRIOS PARA A INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES PARA O ANO 2000

O estudo que foi efectuado até aqui, tendo como base os dados publicados pelo INE, referentes à década de oitenta, pode ser levado mais longe, procurando através da extrapolação de alguns itens, a preços constantes de 1983, antecipar cenários para o ano 2000.

Para o efeito foi utilizado *software* de estatística, no módulo *time series*. Numa primeira fase, foi efectuada a extrapolação de dados globais da economia portuguesa e demográficos. Seguidamente foram efectuados cálculos, empregando a mesma metodologia, relativos à produção que, previsivelmente, os subsectores da indústria em estudo, terão no ano 2000, tendo em conta o VBP efectivo de 1980 a 1989. As projecções referentes aos subsectores foram compiladas por forma a chegar-se aos valores correspondentes aos sectores de têxteis e de confecções. Alguns dos quadros que constam neste capítulo mostram, para além dos valores da produção, o peso relativo dos subsectores e dos sectores e ainda as respectivas taxas de crescimento entre 1989 e 2000.

No quadro VI.1 começa-se por apresentar os dados correspondentes a alguns indicadores globais em 1980 e 1989 e a sua projecção para o ano 2000.

QUADRO VI.1: INDICADORES ECONÓMICOS (Milhares de escudos a preços constantes) E DEMOGRÁFICOS

INDICADORES	1980	1989	2000
PNB	2 118 044 000	2 472 523 626	4 251 730 000
VBP DA INDÚSTRIA PORTUGUESA	1 553 258 000	1 512 429 441	2 721 100 000
EXPORTAÇÕES TOTAIS	580 194 000	925 271 264	1 159 460 000
EXPORTAÇÕES INDÚST. PORTUG.	400 277 000	705 534 217	911 229 000
POPULAÇÃO EMPREGADA	3 961 000	4 400 500	4 756 000
PESSOAL DA INDÚST. PORTUG.	694 215	617 579	570 000

Fonte: INE, Estatísticas Industriais (dados de 1980 e 1989)

De referir que o valor encontrado nas séries temporais para o VBP da indústria portuguesa (VBPIP) não foi utilizado, por estar desajustado em relação ao PNB (93% do PNB). Em sua substituição utilizou-se o que foi obtido, multiplicando o PNB previsto para o ano 2000, pelo rácio médio VBPIP/PNB, de 1987 a 1989 (64%).

O número relativo a população empregada no ano 2000, é semelhante ao que é apresentado como previsão mais pessimista, para o continente português, por J. Gaspar et al.: 4 749 245 [21]. J. M. Nazaré admite que a população potencialmente activa entre 1980 e 2000 passe de «...6 198 883 para um valor que se situará entre 7 112 206 e 7 979 813...» devido «...ao efeito conjugado do retorno e de chegada às idades activas do elevado número de jovens dos anos setenta e oitenta...» [37]. Em face das duas opiniões referidas, parece que o número obtido por extrapolação, para a população empregada no ano 2000, não pecará por defeito.

Passando à evolução provável do VBP, ao nível de cada um dos subsectores para o ano 2000, e destes para os respectivos sectores, que consta dos quadros nº.s VI.2 e VI.3, perspectiva-se uma diminuição do peso da ITC, relativamente ao PNB de -5,17%, passando a representar no início do século XXI apenas 4,10%. O sector têxtil contribui substancialmente para esta redução, que é estimada em -4,53%. Se atentarmos na produção expressa em unidades monetárias, constatamos uma diminuição de cerca de 70 milhões de contos no sector têxtil, a que corresponde uma taxa de crescimento de -41,22%, que não é compensado pelo aumento das confecções em cerca de 15,4 milhões e pelo crescimento em 26,09 pontos percentuais.

A situação descrita é reveladora de que a economia portuguesa vai assentar o seu crescimento - a indústria portuguesa representa 61,16% do PNB em 1989 e para 2000 admite-se a taxa de 64% - numa maior diversificação industrial e no aumento relativo do sector terciário, atendendo a que o primário tem vindo a diminuir gradualmente de importância.

QUADRO VI.2: VBP DE TÊXTEIS E CONFECÇÕES (milhares de escudos a preços constantes) RELACIONADO COM O PNB

SECTORES	1989		2000	
	Valor	%do PNB	Valor	% do PNB
TÊXTEIS	170 005 848	6,88%	99 934 000	2,35%
CONFECÇÕES	59 114 561	2,39%	74 539 500	1,75%
TÊXTEIS + CONFECÇÕES	229 120 409	9,27%	174 473 500	4,10%
RESTO DA ECONOMIA	2 243 403 217	90,73%	4 077 256 500	95,90%
PNB	2 472 523 626	100,00%	4 251 730 000	100,00%

Fonte: INE, Estatísticas Industriais (dados de 1989)

QUADRO Nº. VI.3: VARIAÇÃO NO VBP DE TÊXTEIS E CONFECÇÕES E TAXAS DE CRESCIMENTO ENTRE 1989 E 2000

SECTORES	Diferença (2000-1989)		Taxa de Crescimento
	Valor	% do PNB	
TÊXTEIS	- 70 071 848	-4,53%	-41,22%
CONFECÇÕES	15 424 939	-0,64%	26,09%
TÊXTEIS + CONFECÇÕES	- 54 646 909	-5,17%	-23,85%
RESTO DA ECONOMIA	1 833 853 283	+5,17%	81,74%
PNB	1 779 206 374		71,96%

Verificada a variação global, vamos pormenorizar o comportamento do VBP dos sectores começando pelo têxtil, que se encontra retratado nos quadros nº.s VI.4 e VI.5.

Numa primeira leitura põe-se em destaque um conjunto de três subsectores que, em 1989, representavam 89,54% do total da produção do sector têxtil - lãs com 11,84%, algodão com 52,55% e malhas com 25,15% - e que vão manter um peso semelhante no ano 2000: 87,72% (23,99%, 14,75% e 48,98%, respectivamente). Tal hegemonia ficará a dever-se a dois factores explicativos: Por um lado, o aumento de 3,8 milhões de contos na produção de lãs¹⁾ a que corresponde uma taxa de crescimento de 19,13% e um reforço da posição deste subsector, dentro da produção do sector de têxteis, em 12,15%; Por outro, a contribuição do subsector de malhas com um diferencial de produção expressa em mais 6,2 milhões de contos e 14,47% na taxa de crescimento, bem reflectidos no aumento da sua quota-parte no sector de 23,83%.

Embora continuem a ser dominantes dentro do sector têxtil, os três subsectores referidos perdem 64,6 milhões de contos de produção,

¹⁾O subsector de lanifícios viu desaparecer entre 1974 e 1993, 97 empresas [17]. As poucas que resistem apostaram na integração vertical e modernização, através de autofinanciamento e fundos de capital de risco, a pensar no mercado de exportação, onde continuam a ser competitivas (directamente ou através de empresas de confecções, exportam uma percentagem superior a 75% das vendas) [18] [22] e [38].

mercê da redução em 74,6 milhões no subsector do algodão¹⁾, cujo peso cai dos 52,55% do sector para os 14,75%, a que corresponde uma taxa de crescimento de negativa de 83,50% pontos percentuais.

Os outros subsectores contribuem para a hegemonia descrita, principalmente devido a taxas de crescimento negativas, como o de alcatifas/carpets com -94,21%, fibras brandas com -68,77% e bordados com -49,48%. O aparecimento de taxas de crescimento positivas em alguns subsectores - rendas com 22,57%, sacaria com 38,81% e telas com 24,19% - não altera o quadro referido, pela sua fraca contribuição para o VBP da indústria têxtil.

QUADRO Nº. VI.4: VBP DOS SUBSECT. TÊXTEIS (Milhares de escudos a preços constantes)

SUBSECTORES	1989		2000	
	Valor	%	Valor	%
LÃS	20 126 254	11,84%	23 975 500	23,99%
ALGODÃO	89 344 502	52,55%	14 745 000	14,75%
FIBRAS BRANDAS	904 647	0,53%	282 500	0,28%
PASSAMANARIAS	1 828 565	1,08%	1 515 000	1,52%
RENDAS	496 032	0,29%	608 000	0,61%
BORDADOS	1 157 981	0,68%	585 000	0,59%
SACARIA	695 859	0,41%	952 000	0,95%
MALHAS	42 761 613	25,15%	48 948 000	48,98%
ALCATIFAS/CARPETES	4 279 992	2,52%	248 000	0,25%
CORDAS/CABOS	4 598 950	2,71%	3 660 000	3,66%
REDES	1 113 632	0,66%	1 064 500	1,07%
TELAS	2 697 821	1,59%	3 350 500	3,35%
TOTAL DE TÊXTEIS	170 005 848	100,00%	99 934 000	100,00%

Fonte: INE, Estatísticas Industriais (dados de 1989)

¹⁾Na Conferência Anual da Federação Internacional das Indústrias Têxteis (ITMF), iniciada em 27.09.93, o presidente da Associação Nacional das Indústrias Têxteis Algodoeiras e Fibras «...admitiu que cerca de metade das 495 empresas do sector pode desaparecer no curto prazo» [15].

QUADRO Nº. VI.5: VBP DOS SUBSECTORES RELACIONADO COM O VBP GLOBAL DOS TÊXTEIS

SUBSECTORES	Diferença (2000-1989)		Taxa de Crescimento
	Valor	% do VBP	
LÃS	3 849 246	12,15%	19,13%
ALGODÃO	- 74 599 502	-37,80%	-83,50%
FIBRAS BRANDAS	- 622 147	-0,25%	-68,77%
PASSAMANARIAS	- 313 565	0,44%	-17,15%
RENDAS	111 968	0,32%	22,57%
BORDADOS	- 572 981	-0,10%	-49,48%
SACARIA	256 141	0,54%	36,81%
MALHAS	6 186 387	23,83%	14,47%
ALCATIFAS/CARPETES	- 4 031 992	-2,27%	-94,21%
CORDAS/CABOS	- 938 950	0,96%	-20,42%
REDES	- 49 132	0,41%	-4,41%
TELAS	652 679	1,77%	24,19%
TOTAL DE TÊXTEIS	- 70 071 848	0,00%	-41,22%

O último conjunto de quadros com os n.ºs VI.6 e VI.7 refere-se ao sector de confecções onde se destaca o subsector de vestuário, com 99,51% da produção do sector, e que reforça ligeiramente a sua posição de liderança no ano 2000: 99,58%. Refira-se que a previsão aponta para um aumento de produção nos dois subsectores, contribuindo o vestuário com mais 15,4 milhões de contos e uma taxa de crescimento de 26,18%, e o de chapelaria com um crescimento percentual de 8,37%, pouco relevante quando expresso em unidades monetárias.

QUADRO VI.6: VBP DOS SUBSECTORES DE CONFECÇÕES (milhares de escudos a preços constantes)

SUBSECTORES	1989		2000	
	Valor	%	Valor	%
VESTUÁRIO	58 824 809	99,51%	74 225 500	99,58%
CHAPELARIA	289 752	0,49%	314 000	0,42%
TOTAL DE CONFECÇÕES	59 114 561	100,00%	74 539 500	100,00%

Fonte: INE, Estatísticas Industriais (dados de 1989)

QUADRO Nº. VI.7: VBP DOS SUBSECTORES RELACIONADO COM O VBP GLOBAL DOS CONFECÇÕES

SUBSECTORES	Diferença (2000-1989)		Taxa de Crescimento
	Valor	% do VBP	
VESTUÁRIO	15 400 691	0,07%	26,18%
CHAPELARIA	24 248	-0,07%	8,37%
TOTAL DE CONFECÇÕES	15 424 939	0,00%	26,09%

VII - CENÁRIOS PARA O ANO 2000 - *CLUSTERS* DA ITC

As previsões que foram apresentadas no capítulo anterior servem de ponto de partida para antecipar o comportamento dos *clusters* da indústria de têxteis e confecções para o ano 2000.

Essa finalidade é atingida se começarmos por verificar o peso relativo dos sectores têxtil e de confecções em 1980, 1989 e 2000 ao nível da produção, das exportações e do emprego. Na segunda parte deste capítulo, vamos perspectivar as alterações dos mesmos indicadores, tendo em conta os *clusters* de dinamismo superior, intermédio e inferior.

VII.1 - OS SECTORES TÊXTIL E DE CONFECÇÕES NO ANO 2000

Os quadros e gráficos seguintes referem-se a indicadores que foram calculados a partir de séries temporais para o ano 2000, relativamente à indústria têxtil em sentido amplo, e às suas componentes têxtil e de confecções. Para além de valores (milhares de escudos a preços constantes de 1983), figuram rácios respeitantes aos anos de 1980, 1989 e 2000.

O primeiro quadro a ser apresentado, com o nº. VII.1, tem a ver com a produção dos sectores nos anos já referidos, a percentagem desta no PNB e na indústria portuguesa.

QUADRO VII.1: PRODUÇÃO (Milhares de escudos a preços constantes)

INDICADORES	ANOS	TÊXTIL	CONFECÇÕES	TÊXT.+CONFEC
VBP	1980	210 045 000	46 491 000	256 536 000
	1989	170 005 848	59 114 561	229 120 409
	2000	99 934 000	74 539 500	174 473 500
VBP/PNB	1980	9,92%	2,19%	12,11%
	1989	6,88%	2,39%	9,27%
	2000	2,35%	1,75%	4,10%
VBP/VBP INDÚST. PORTUGUESA	1980	13,53%	2,99%	16,52%
	1989	11,24%	3,91%	15,15%
	2000	3,67%	2,74%	6,41%

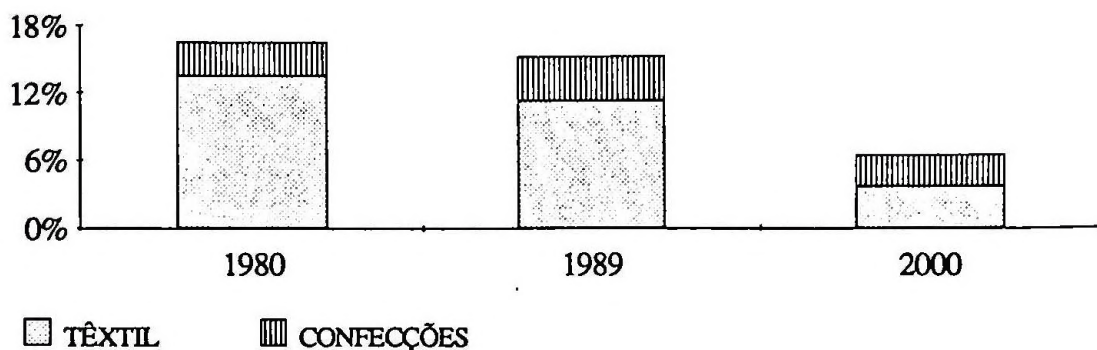
Fonte: INE, Estatísticas Industriais (dados de 1980 e 1989)

Os indicadores relativos a VBP reflectem a evolução provável da indústria têxtil e de confecções que, após um período de crescimento com um máximo em meados da década de oitenta, já se encontrava em recessão em 1989 pelo que, o valor previsto para o ano 2000 aponta para uma produção que diminui, quer em valores absolutos, quer quando comparada com o PNB - em 1980 era de 12,11%, 9,27% em 1989 e 4,10% no ano 2000 - ou com a indústria portuguesa.

É importante sublinhar a evolução contraditória dos subsectores, atendendo a que, os que estão ligados à confecção aumentam em valor, apesar desse aumento não ser suficiente para compensar as perdas verificadas nos subsectores têxteis, que sofrem quebras de produção apreciáveis. Estas perdas, quando expressas em percentagem do PNB, são significativas pois que o índice passa de 6,88% para 2,35%.

O gráfico seguinte, com o nº. VII.1, evidencia o peso de cada um dos sectores, em percentagem do VBP da indústria portuguesa.

GRÁFICO Nº. VII.1: VBP/VBP DA INDÚSTRIA PORTUGUESA



Este gráfico exprime bem a diminuição do peso relativo da ITC entre 1989 e 2000, de 15,15% para menos de metade, ou seja, 6,41%. Também é notório o decréscimo do sector têxtil. Apesar do aumento de produção, em unidades monetárias, nas confecções, tal não se traduz num reforço da posição deste sector, no conjunto da economia nacional.

As exportações previstas para o início da próxima década, constantes do quadro VII.2, embora globalmente inferiores ao valor de 1989, com uma taxa de crescimento negativa, resistem relativamente bem ao clima desfavorável, mercê da contribuição dos subsectores de confecções.

QUADRO VII.2: EXPORTAÇÃO (Milhares de escudos a preços constantes)

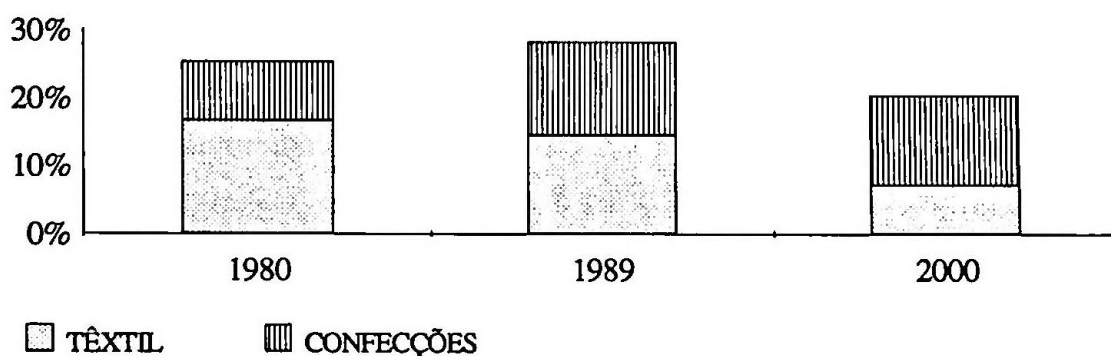
INDICADORES	ANOS	TÊXTIL	CONFECÇÕES	TÊXT.+ CONF.
EXPORTAÇÕES	1980	66 329 000	34 928 000	101 257 000
	1989	102 151 739	96 316 284	198 468 563
	2000	64 780 200	119 711 300	184 491 500
EXP./EXP. TOTAIS	1980	11,43%	6,02%	17,45%
	1989	11,04%	10,41%	21,45%
	2000	5,60%	10,32%	15,92%
EXP./EXP.INDÚST.PORTUGUESA	1980	16,57%	8,73%	25,30%
	1989	14,48%	13,65%	28,13%
	2000	7,13%	13,14%	20,27%

Fonte: INE, Estatísticas Industriais (dados de 1980 e 1989)

Em percentagem, os índices traduzem perdas globais de cerca de 5,5% em relação ao total das exportações nacionais - de 21,45% para 15,92% - e 8% relativamente às exportações da indústria portuguesa - de 28,13% para 20,27%. Estas perdas são quase que exclusivas da indústria têxtil, verificando-se uma degradação insignificante dos rácios dos subsectores de confecções, ao contrário dos têxteis cujos índices diminuem drasticamente.

No gráfico nº. VII.2 reconhece-se facilmente a menor representatividade da ITC nas exportações industriais do nosso país, e a substancial degradação do sector têxtil, com taxas de crescimento negativas, que rondam os 7 pontos percentuais para a ITC e os 36 para o sector.

GRÁFICO Nº VII.2: EXPORTAÇÕES/EXPORTAÇÕES DA INDÚSTRIA PORTUGUESA



As previsões relativas a pessoal, constantes do quadro VII.3, referem uma perda global de cerca de 46 mil¹⁾ postos de trabalho relativamente a 1989, apesar do aumento de 10 mil empregos nas confecções.

¹⁾João Cravinho, que participou numa sessão sobre o impacto do GATT, realizada em 04.03.94, afirmou que «O sector têxtil português pode perder, nos próximos dez anos, mais de 80 mil postos de trabalho». O deputado europeu efectuou cálculos globais para a U. E., em 2004, ponderou-os com a produtividade, após o que efectuou a extrapolação para Portugal.

QUADRO VII.3: PESSOAL

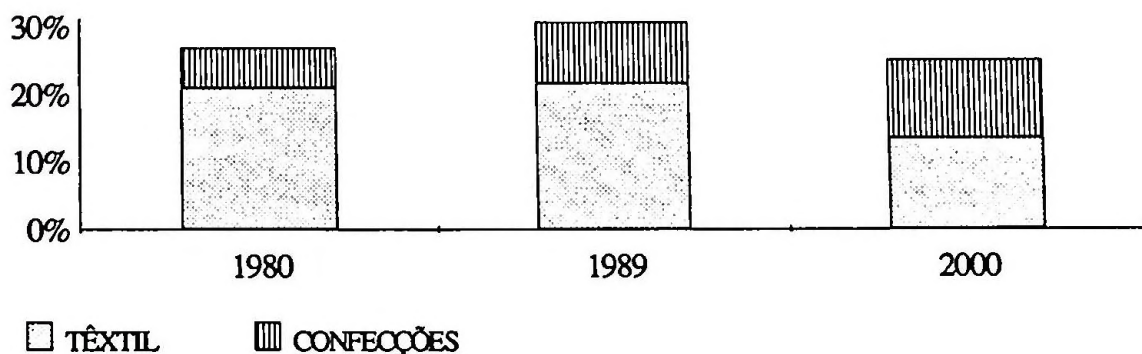
INDICADORES	ANOS	TÊXTIL	CONFECÇÕES	TÊXT.+ CONF.
PESSOAL	1980	144 200	41 500	185 700
	1989	132 092	55 909	188 001
	2000	75 710	65 910	141 620
PESS./POPULAÇÃO EMPREGADA	1980	3,64%	1,05%	4,69%
	1989	3,00%	1,27%	4,27%
	2000	1,59%	1,39%	2,98%
PES./PESS.INDÚST.PORTUGUESA	1980	20,77%	5,98%	26,75%
	1989	21,39%	9,05%	30,44%
	2000	13,27%	11,56%	24,83%

Fonte: INE, Estatísticas Industriais (dados de 1980 e 1989)

Os rácios levam a conclusões semelhantes, nomeadamente a ganhos nas confecções em contrapartida das perdas nos subsectores têxteis, cujo valor global se traduz por reduções de 1,3 - de 4,27% para 2,98% - e 5,6 pontos percentuais - de 30,44% para 24,83% -, relativamente à totalidade da população empregada e ao pessoal da indústria portuguesa, respectivamente.

O gráfico seguinte, com o nº. VII.3, relativo à percentagem dos recursos humanos empregados nos dois subsectores, comparativamente ao pessoal da indústria portuguesa demonstra, sem equívocos o reforço do factor trabalho nas confecções.

GRÁFICO Nº. VII.3: PESSOAL/PESSOAL DA INDÚSTRIA PORTUGUESA



De facto, os subsectores ligados aos têxteis perdem uma parcela muito importante dos seus trabalhadores, enquanto que os de confecções vêm reforçada a sua posição. A ITC emerge, no final deste século, por efeito conjugado daquelas duas previsões, como uma indústria com grande impacto no volume de emprego, apesar dum decréscimo de cerca de 25%, em relação a 1989.

As tendências constatadas nos indicadores dos quadros anteriores apontam para uma perda da importância nos subsectores da indústria têxtil, em que o factor trabalho é mais facilmente substituído por capital, e para o crescimento dos subsectores de confecções onde a mão de obra continua a ter uma importância significativa, apesar da introdução de novas tecnologias ao nível da «...gestão global, gestão da produção, concepção, modelagem, escalado e programação do risco e corte», referenciados pelo IAPMEI [23].

A substituição de mão de obra por capital nem sempre é a solução mais rentável. A deslocalização industrial de que Portugal já beneficiou no passado, quando os custos de mão-de-obra eram substancialmente inferiores aos do resto da Europa, está agora a verificar-se em direcção a outros países mediterrânicos e asiáticos¹⁾, para tirar partido de factores de produção mais baratos, se estes compensarem os custos de transporte, da proximidade das fontes de matéria prima e/ou dos mercados de destino. Resta a especialização em domínios de vanguarda: novas fibras, novos tecidos, novos acabamentos [6], melhoria da gestão e *marketing* das empresas.

¹⁾O Subsector de cordas/cabos (Grupo Quintas, relativamente ao sisal) iniciou a sua deslocalização para os PALOP's [45]; Também a Coelima deslocou para Moçambique parte da produção de fiação e tecelagem, no âmbito do seu programa de recuperação [20].

VII.2 - OS CLUSTERS DA ITC NO ANO 2000

Aprofundando a análise ao nível dos subsectores, vamos verificar as diferenças encontradas nos rácios que constam dos quadros seguintes, e se referem aos anos de 1989 e 2000.

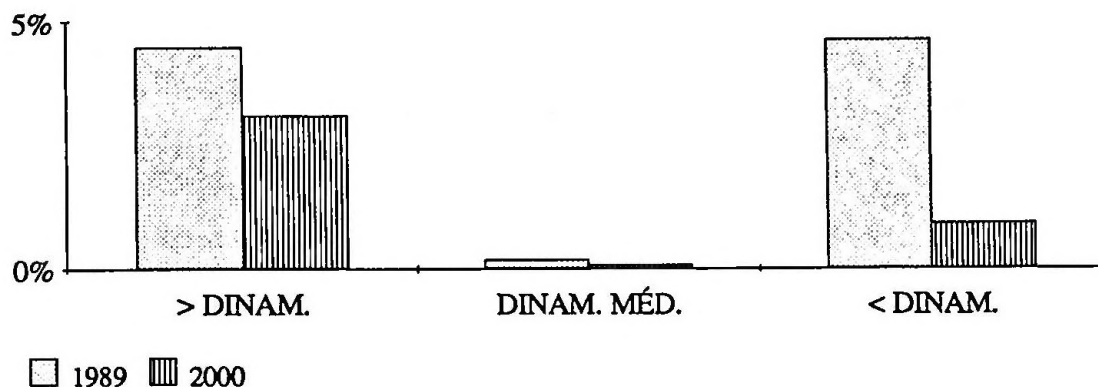
O VBP expresso em percentagem do PNB, é apresentado no quadro nº. VII.4, separadamente para os anos de 1989 e 2000, e exhibe os subsectores da ITC agrupados segundo o *cluster* a que pertencem. Consta ainda, na última coluna do quadro, a diferença entre os índices, no espaço que medeia entre aqueles anos.

QUADRO VII.4: VBP/PNB

SUBSECTORES	1989	2000	DIFERENÇA
RENDAS	0,02%	0,01%	-0,01%
REDES	0,05%	0,03%	-0,02%
TELAS	0,11%	0,08%	-0,03%
MALHAS	1,73%	1,15%	-0,58%
VESTUÁRIO	2,38%	1,75%	-0,63%
CORDAS/CABOS	0,19%	0,09%	-0,10%
SOMA:SUBSECTORES DE > DINAMISMO	4,47%	3,10%	-1,37%
BORDADOS	0,05%	0,01%	-0,03%
SACARIA	0,03%	0,02%	-0,01%
FIBRAS BRANDAS	0,04%	0,01%	-0,03%
PASSAMANARIAS	0,07%	0,04%	-0,04%
SOMA: SUBSECTORES DINAMISMO MÉDIO	0,19%	0,08%	-0,11%
LÃS	0,81%	0,56%	-0,25%
ALCATIFAS/CARPETES	0,17%	0,01%	-0,17%
ALGODÃO	3,61%	0,35%	-3,27%
CHAPELARIA	0,01%	0,01%	0,00%
SOMA:SUBSECTORES DE < DINAMISMO	4,61%	0,92%	-3,69%
TOTAL DA ITC	9,27%	4,10%	-5,16%

No gráfico nº. VII.4. visualiza-se a evolução esperada no VBP, por *cluster*.

GRÁFICO Nº. VII.4: VBP/PNB NOS ANOS DE 1989 E 2000 POR *CLUSTER*



A ITC vai perder, de acordo com esta previsão, mais de 55% da sua contribuição para o PNB, ao diminuir de 9,27% para 4,10%, e todos os subsectores contribuem para esta situação, com excepção do de chapelaria, que mantém a sua posição relativa.

O grupo de menor dinamismo é o mais responsável pela quebra de produção que se perspectiva, passando de 4,61% do produto para apenas 0,92%, ou seja, uma diminuição da sua posição relativa de 80%. O subsector de algodão ocupa um lugar de destaque neste quadro - dos 3,69% de perda no *cluster*, 3,27% dizem respeito a este subsector - logo seguido, com perdas importantes, do subsector de lãs .

O *cluster* de dinamismo intermédio exhibe perdas pouco expressivas - 0,11% no seu conjunto, a que corresponde uma taxa de crescimento negativa de 58% - o que não é preocupante atendendo a que, no início do período em estudo, representa uma parcela ínfima do produto.

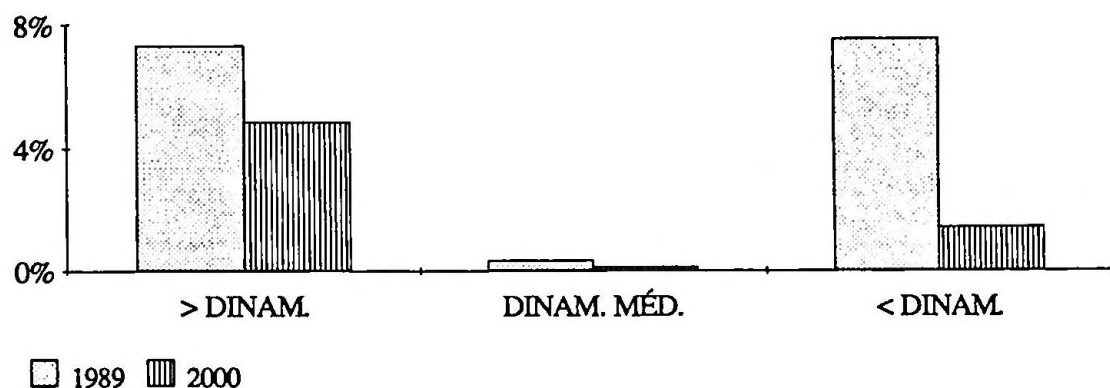
As perdas, em termos do grupo de dinamismo superior, atingem 1,37% e correspondem a uma diminuição de 30,6% da sua participação no PNB. Destacam-se, pelos seus contributos, os subsectores de malhas e de vestuário, embora ainda mantenham posições dominantes, com 1,15% e 1,75% do produto no ano 2000, respectivamente.

O quadro e gráfico nº.s VII.5 reforçam tudo o que foi dito a propósito dos anteriores, atendendo a que se referem à produção dos subsectores agrupados em *clusters*, em percentagem do VBP da indústria portuguesa.

QUADRO VII.5: VBP/VBP DA INDÚSTRIA PORTUGUESA

SUBSECTORES	1989	2000	DIFERENÇA
RENDAS	0,03%	0,02%	-0,01%
REDES	0,07%	0,03%	-0,03%
TELAS	0,18%	0,12%	-0,06%
MALHAS	2,83%	1,80%	-1,03%
VESTUÁRIO	3,89%	2,73%	-1,16%
CORDAS/CABOS	0,30%	0,13%	-0,17%
SOMA: SUBSECTORES DE >DINAMISMO	7,31%	4,85%	-2,46%
BORDADOS	0,10%	0,02%	-0,08%
SACARIA	0,05%	0,03%	-0,01%
FIBRAS BRANDAS	0,06%	0,01%	-0,05%
PASSAMANARIAS	0,12%	0,06%	-0,07%
SOMA: SUBSECTORES DINAMISMO MÉDIO	0,33%	0,12%	-0,20%
LÃS	1,33%	0,88%	-0,45%
ALCATIFAS/CARPETES	0,28%	0,01%	-0,27%
ALGODÃO	5,91%	0,54%	-5,37%
CHAPELARIA	0,02%	0,01%	-0,01%
SOMA: SUBSECTORES DE <DINAMISMO	7,54%	1,44%	-6,10%
TOTAL DA ITC	15,15%	6,41%	-8,74%

GRÁFICO Nº. VII.5: VBP/VBP DA INDÚSTRIA PORTUGUESA NOS ANOS DE 1989 E 2000 POR CLUSTER



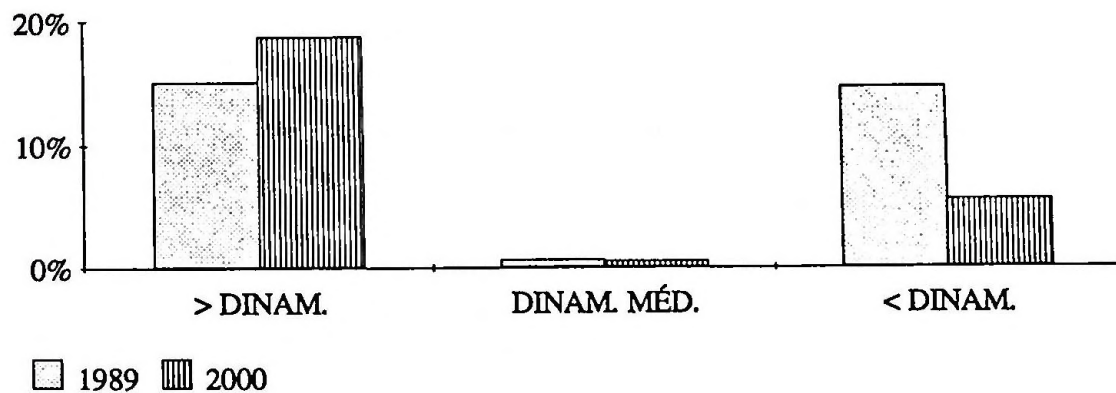
De facto, a semelhança entre os gráficos VII.4 e VII.5 é evidente porque, embora registem percentagens diferentes, espelham a mesma realidade que é a de os *clusters* se comportarem de forma idêntica: o de maior dinamismo resiste melhor à perda de importância relativamente à produção global, o de menor dinamismo é o que mais perdas sofre e, finalmente, o de dinamismo intermédio, embora veja diminuir a sua importância, não é determinante para a evolução futura da ITC.

A evolução prevista do emprego na indústria têxtil pode ser perspectivada através da leitura do quadro e do gráfico nº.s VII.6. Em termos globais, vai assistir-se a uma perda de cerca de seis pontos percentuais, comparativamente ao total do emprego na indústria portuguesa.

QUADRO VII.6: EMPREGO/EMPREGO NA INDÚSTRIA PORTUGUESA

SUBSECTORES	1989	2000	DIFERENÇA
RENDAS	0,10%	0,11%	0,01%
REDES	0,09%	0,12%	0,03%
TELAS	0,15%	0,20%	0,05%
MALHAS	5,19%	6,41%	1,22%
VESTUÁRIO	8,98%	11,46%	2,48%
CORDAS/CABOS	0,59%	0,44%	-0,15%
SOMA: SUBSECTORES DE > DINAMISMO	15,10%	18,74%	3,64%
BORDADOS	0,18%	0,10%	-0,08%
SACARIA	0,05%	0,13%	0,08%
FIBRAS BRANDAS	0,14%	0,05%	-0,09%
PASSAMANARIAS	0,28%	0,25%	-0,03%
SOMA: SUBSECTORES DINAMISMO MÉDIO	0,65%	0,52%	-0,13%
LÃS	3,07%	3,74%	0,67%
ALCATIFAS/CARPETES	0,56%	0,03%	-0,53%
ALGODÃO	11,00%	1,71%	-9,29%
CHAPELARIA	0,07%	0,09%	0,02%
SOMA: SUBSECTORES DE < DINAMISMO	14,70%	5,57%	-9,12%
TOTAL DA ITC	30,44%	24,83%	-5,61%

GRÁFICO Nº. VII.6: EMPREGO/EMPREGO DA INDÚSTRIA PORTUGUESA EM 1989 E 2000 POR CLUSTERS



Apesar da perda de cerca de 46 mil postos de trabalho o peso da indústria têxtil no emprego continua significativo, passando de 30,44% em 1989 para 24,83% no ano 2000, do pessoal da indústria. No entanto, se relacionarmos o emprego com o total da população empregada, o índice sofre uma queda acentuada de 4,27% em 1989 para 2,97% no final do século XX (ver quadro nº. VII.3).

A diminuição do emprego nos subsectores que compõem a indústria têxtil, em relação à indústria em geral, é fruto de evoluções mais negativas nos subsectores que foram definidos como de dinamismo menor, com -9,12% do pessoal da indústria transformadora, a que corresponde uma taxa de crescimento negativa de 62%, com destaque para a indústria do algodão com -9,29%. As previsões que efectuámos estão de acordo com a opinião do Presidente da Associação Nacional das Indústrias Têxteis Algodoeiras e Fibras (ANITAF), ao admitir o encerramento a curto prazo de metade das empresas do subsector, embora sem um impacto proporcional no volume de emprego, por se tratar de unidades de pequena dimensão [15]. Admite-se que até ao final do século a melhoria da mecanização da indústria e a concorrência de países terceiros, venham a agravar esta tendência.

Em contrapartida, os subsectores de maior dinamismo crescem em termos relativos 3,64%, o que se traduz numa taxa de crescimento de 24,1%. As indústrias do vestuário e de malhas¹⁾ exibem indicadores positivos de alguma importância, reveladores de que,

¹⁾Esta previsão está de acordo com a que Roberto Carneiro fez ao referir a perda de postos de trabalho no subsector de algodão, que não quantifica, e que «...o emprego tenha melhores perspectivas nas indústrias de confecções e malhas...» [11]. A retoma da indústria começa a verificar-se em finais de 1993, confirmando as previsões feitas. «A malha é o que está a dar» é uma frase de Manuel Serrão que pode resumir o optimismo de alguns empresários deste subsector [7].

previsivelmente, continuarão a ser grandes empregadores. Os restantes subsectores mais dinâmicos apresentam ganhos de posições, dentro da indústria portuguesa, comparativamente a 1989, não tão expressivos, à excepção do subsector de cordas/cabos. A evolução perspectivada por Roberto Carneiro [11] aponta para que «...o nível de emprego sofra um acréscimo nas indústrias de confecções e malhas, enquanto no sector de lanifícios e na indústria algodoeira se deverão verificar decréscimos significativos». Neste trabalho conclui-se por uma estabilização do emprego no subsector de lãs atendendo a que, entre 1987 (data a que as previsões de R. Carneiro se devem reportar) e 1989, já havia perdido cerca de 15 mil postos de trabalho.

O *cluster* de dinamismo intermédio reduz a sua importância como empregador mas, à semelhança dos quadros anteriores, não é merecedor de grandes considerações pela dimensão diminuta dos subsectores que o compõem.

Os números que se referem ao emprego no ano 2000, confirmam a ideia expressa por Roberto Carneiro [11], no sentido de que «...as alterações tecnológicas suprimem empregos e criam outros.». O mesmo autor continua o seu raciocínio, afirmando: «Duzentos anos mais tarde, a visão optimista de David Ricardo conhecida pela teoria da compensação dos empregos... ... parece seriamente comprometida em face do alastramento do desemprego tecnológico na Europa. Todavia, também não se subscreve uma tese catastrófica ou um entendimento fatalmente pessimista do problema que resulta da extrapolação linear de esquemas mentais do passado para o futuro cuja arquitectura pode ser definida com imaginação talento».

CONCLUSÕES

No capítulo I demonstrou-se a importância da indústria têxtil e de confecções na economia nacional, ao longo da década de oitenta, pela sua contribuição ao nível do valor bruto da produção, do valor acrescentado, emprego e exportações. A sua relevância é também comprovada pela taxa de cobertura das exportações sobre as importações. A excessiva concentração regional é também factor a ter em conta, em virtude dos reflexos nas empresas têxteis, em sentido amplo, e actividades relacionadas, de perturbações que ocorram no comércio mundial.

O advento da adesão à então C. E. E. provocou um exagerado optimismo dos agentes económicos e entidades governamentais, traduzido num aumento generalizado dos indicadores económicos. No entanto, no final da década manifestam-se os primeiros sintomas de que nem tudo vai bem, e alguns indicadores começam a revelar os sinais da crise que se avizinha, de que é exemplo a diminuição da produção. As exportações exibem valores decrescentes, as empresas fecham a um ritmo preocupante e o volume de emprego cai. O capítulo II mostra, através de um conjunto de gráficos, os sinais da crise. A abertura das fronteiras veio trazer à superfície

todas as fragilidades da ITC, traduzidas pelo aumento das importações de têxteis e confecções, não só de países comunitários - artigos de maior valor acrescentado - mas também de países terceiros - artigos mais baratos -, que põem em causa as exportações e as vendas no mercado nacional, e como reflexo, a viabilidade económica desta indústria.

Provada a existência da crise, há que proceder ao estudo das suas manifestações, que é feito no Capítulo III. Os subsectores que compõem a ITC não são afectados de igual modo, pelo que se procura homogeneizá-los em grupos de dinamismo semelhante. A análise de *clusters* permite agrupar os subsectores segundo o seu maior, menor ou médio dinamismo, ao longo da década. Seguidamente caracterizam-se os *clusters* mais e menos dinâmicos, verificando-se que registam graus de crescimento de produção diferenciados na década, e se prova o melhor desempenho do primeiro. Por último, estuda-se a capacidade concorrencial dos *clusters*, concluindo-se por um melhor comportamento do grupo de maior dinamismo, quer pelo incremento do valor acrescentado bruto, quer pela verificação de que resistiu melhor à investida dos têxteis e confecções importados.

No capítulo IV pretende-se verificar, a partir de um conjunto de onze indicadores considerados relevantes, as razões do melhor ou pior desempenho. Conclui-se, através da correlação linear entre os *rankings* de dinamismo e dos indicadores, que os subsectores mais virados para a exportação e de produtividade mais elevada, são os que melhor comportamento revelam. Os subsectores com pior desempenho são os que se situam no segmento de mercado de baixa qualidade/preço.

O desempenho ao nível dos *clusters*, pode ser visualizado no capítulo V, onde são apresentados os onze indicadores referidos, sob a

forma de gráficos, que vêm a confirmar as conclusões a que havíamos chegado para os subsectores: o *cluster* de maior dinamismo apresenta, numa forma geral, melhor comportamento que o outro.

Feito o estudo da evolução histórica, ao longo de dez anos, importa perspectivar cenários para a ITC, num futuro próximo: o ano 2000. No capítulo VI e utilizando o método das séries temporais prevê-se que esta indústria diminua o seu peso no PNB dos 9,27% em 1989 para 4,10% no ano 2000, devido ao efeito conjugado de diminuições sensíveis no sector têxtil e perdas menos relevantes no de confecções. Dentro do primeiro perspectiva-se uma diminuição substancial no subsector de algodão e aumentos relativos nas lãs e malhas. No sector de confecções, mantém-se a supremacia do subsector de vestuário, que aumenta a sua produção em unidades monetárias.

No último capítulo faz-se uma previsão para a evolução dos sectores em termos de produção, exportação e emprego, pondo em destaque a sua evolução, relativamente à indústria transformadora, nos anos de 1980, 1989 e 2000. É evidente a degradação dos rácios correspondentes ao sector têxtil, em comparação com o de confecções que diminui em termos relativos na produção e aumenta nas exportações e no emprego. Para terminar antecipa-se a situação de produção e de emprego dentro dos *clusters* e verifica-se que a evolução provável aponta para uma quebra de todos os subsectores, relativamente à produção da indústria portuguesa, com destaque para o de menor dinamismo. O de maior dinamismo além de perder menos em termos de produção global, reforça a sua posição como empregador.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- [1] AGAPITO, LUÍSA e CANIZES, M. ALBERTA, Têxteis-Lar no Reino Unido - Grande Concorrência, *Exportar*, 17, (Jan./Fev., 1991), 80
- [2] ARAÚJO MOREIRA, Núvens Negras sobre a Têxtil, *Semanário Económico*, 332, (Mai., 1993), 4
- [3] ARAÚJO MOREIRA, Estamparia Adalberto Passa da Quase Falência ao Topo do Ranking, *Diário de Notícias - Suplemento Negócios*, 45611, (Fev., 7, 1994), 13
- [4] BANCO DE FOMENTO E EXTERIOR, *Sindave*, Ed. BFE, Lisboa, 1992
- [5] BANCO DE PORTUGAL, *Relatório do Conselho de Administração*, Banco de Portugal, Lisboa, 1980 a 1992
- [6] BARATA, JOSÉ M., *Indústrias Têxteis e Confecções*, Ed. Banco de Fomento Nacional, Lisboa, 1974
- [7] BESSA, LUÍSA, Lenta Subida da Actividade no Vale do Ave - Entre a Crise e a Recuperação - O Sinal dos Têxteis, *Público - Suplemento de Economia*, 1364, (Nov., 29, 1993), 12
- [8] BESSA, LUÍSA, Monitor Company e Empresários Estão de Acordo - Associações a Mais nos Têxteis, *Público - Suplemento de Economia*, 1379, (Dez., 14, 1993), 11
- [9] BESSA, LUÍSA, João Cravinho e o Impacto do GATT - Menos 80 Mil Empregos no Têxtil Português, *Público*, 1460, (Mar., 6, 1994), 49
- [10] CADILHE, MIGUEL, *Eficiência Empresarial dos Têxteis Portugueses*, Ed. ASA, Porto, 1992

- [11] CARNEIRO, ROBERTO, *Portugal: Os Próximos 20 Anos - Educação e Emprego em Portugal: Uma Leitura de Modernização*, F. C. Gulbenkian, Lisboa, 1988
- [12] COMISSÃO EUROPEIA, O Reforço da Competividade da Indústria Comunitária dos Têxteis e Vestuário, *Indústria*, 9, (Set., 1991), 17
- [13] CRUZ JÚNIOR, A., et al., *Política Científica e Tecnológica para os Anos 90*, Ed. JNICT, Lisboa, 1991
- [14] DIÁRIO ECONÓMICO, Empresas do Vale do Ave Vivem de Subcontratação, 721, (Jul., 13, 1993), 2
- [15] DIÁRIO ECONÓMICO, Metade das Têxteis Algodoeiras Pode Encerrar no Curto Prazo, 765, (Set., 28, 1993), 3
- [16] DIÁRIO ECONÓMICO, Maconde Estuda Entrada em França e no Leste Europeu, 782, (Out., 28, 1993), 8
- [17] DIÁRIO ECONÓMICO, Desde 74 Covilhã Perde 97 Empresas de Lanifícios, 805, (Dez., 14, 1993), 1
- [18] DIÁRIO ECONÓMICO, Sulpedip e Norpedip Entram no Capital da Penteadora, 840, (Fev., 17, 1994), 10
- [19] FERREIRA, ELISA, Porter, *Público - Suplemento de Economia*, 1231, (Jul., 29, 1993), 19
- [20] FIEL, JORGE, e CRUZ, VALDEMAR., À Moda de Pombal, *Expresso - Suplemento de Economia*, 1104, (Dez., 24, 1993), 3
- [21] GASPAR, JORGE et al., *Portugal: Os Próximos 20 Anos - Ocupação e Organização do Espaço: Uma Leitura Prospectiva*, F. C. Gulbenkian, Lisboa, 1989
- [22] GONÇALVES, FERNANDO, Paulo Oliveira Pretende Ser a Maior Fábrica do Mundo, *Semanário Económico*, 366, (Jan., 14, 1994), 20
- [23] IAPMEI, Novas Tecnologias no Sector do Vestuário, *Pequena e Média Empresa*, 14, (Out., 1989), 21
- [24] ICEP, Grupo Gianfranco - Elegância e Qualidade, *Exportar*, 17, (Jan./Fev., 1991), 42
- [25] ICEP, SML - Imagem de Marca, *Exportar*, 18, (Mar./Abr., 1991), 28
- [26] ICEP, *PAIEP - Programa de Apoio à Internacionalização das Empresas Portuguesas*, Ed. ICEP, Lisboa, 1993
- [27] ICEP, *Programa RETEX*, Opúsculo Policopiado, Lisboa, 1993

- [28] ICEP , Retex - Apoio às Regiões Têxteis, *Exportar*, 28 (Out., 1993), 80
- [29] INE, *Estatísticas Industriais*, Lisboa, 1980 a 1989
- [30] LOPES, MANUEL, Portugal Veste Espanhóis Sem o Saber Nem Influir no Mercado, *Semanário Económico*, 288, (Jul., 17, 1992), 48
- [31] MATOS, DANIEL, Vida e Agonia da Velha Senhora, *Exame*, 35, (Fev., 1992), 44
- [32] MATOS, DANIEL, Miguel Cadilhe no Fio da Meada, *Exame*, 35, (Fev., 1992), 50
- [33] MELO, EURICO, A Culpa da Crise é dos Empresários, entrevista a *Exame*, 35, (Fev., 1992), 30
- [34] MONITOR COMPANY, *Construir as Vantagens Competitivas para Portugal - A Competitividade de Portugal: Desenvolver a Autoconfiança*, Suplemento a O Exame, 54, (Set.,1993)
- [35] MONTEIRO, LUÍSA, Vale do Ave Debate Formação - Mão-de-obra Precisa-se, *Diário de Notícias*, 45536, (Nov., 24, 1993), 40
- [36] MOTA, RUI T., Têxtil sem Salvação, Vestuário a Excepção, entrevista a *Semanário Económico*, 332, (Mai., 1993), 5
- [37] NAZARÉ, J. MANUEL, *Portugal: Os Próximos 20 Anos - Unidade e Diversidade da Demografia Portuguesa no Final do Sec. XX*, F. C. Gulbenkian, Lisboa, 1988
- [38] OLIVEIRA, M. HERMÍNIA, Têxtil Paulo de Oliveira Investe na Modernização e Qualidade, Entrevista a *Semanário Económico*, 354, (Out., 1993), 31
- [39] PEREIRA DE MOURA, FRANCISCO, *Para Onde Vai a Economia Portuguesa*, Seara Nova, 4ª ed., Lisboa, 1973
- [40] PORTER, MICHAEL, The Competitive Advantage of Nations, *Harvard Business Review*, (Mar./Apr.,1990), 73
- [41] PORTER, MICHAEL, *The Competitive Advantage of Nations*, The Free Press/Macmillan Inc., New York, USA, 1990
- [42] PÚBLICO, Dez Empresas Portuguesas no Mercado Vizinho - Sorte e Azar em Terras de Espanha - Maconde: Vendas em Tempo de Recessão, *Suplemento de Economia*, 1343, (Nov., 8, 1993), 12
- [43] RODRIGUES, JORGE, Viragens Estratégicas nos *Clusters* de Porter, *Expresso - Suplemento Económico*, 1113, (Fev., 26 1994), 4

- [44] ROMÃO, ANTÓNIO, et al., *Comércio Internacional - Teorias e Técnicas*, Ed. ICEP, Lisboa, 1991
- [45] SEMANÁRIO ECONÓMICO, Muita Estratégia Pouca Prática, 332, (Mai., 1993), 6
- [46] SEMANÁRIO ECONÓMICO, Têxteis-lar Conquistam Espanha, 335, (Jun., 1993), 20
- [47] TAVEIRA, ELISA FERREIRA, A Indústria Têxtil e de Vestuário em Portugal: Indefinição Versus Reestruturação, *A Indústria do Norte*, 37, (Jan./Mar., 1992), 17
- [48] TILLO, HENRY, Vai Haver uma Arrumação Dentro do Sector, Entrevista a *Indústria do Norte*, 2, Série VI, (Fev., 1994), 14
- [49] VASCONCELLOS E SÁ, JORGE e MIRANDA, M. TERESA., O Caso dos Têxteis e Confecções - A Economia Empresarial no Contexto duma Moeda Forte, *O Economista, Anuário da Economia Portuguesa*, (1992), 41
- [50] VASCONCELLOS E SÁ, JORGE, A Recessão é a Crise das Multinacionais, Entrevista a *Público - Suplemento de Economia*, 1315, (Out., 11, 1993), 8
- [51] VAZ, JOÃO, Mundotêxtil Prevê Facturar Mais de 4,5 Milhões de Contos, *Semanário Económico*, 362, (Dez., 17, 1993), 31
- [52] VINAGRE, SÉRGIO, Pela Marca e Mercado Interno Contra o Abismo Europeu, *Diário de Notícias, Suplemento Empresas - As 1000 Maiores*, (Out., 1993), 101

ANEXOS

CAE 32: INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índice Inflação
	Ton.	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980		148 732 426	257 055 697	146 402	58 599 668	101 278 375	54 603 537	94 371 823	5
1981		163 477 751	228 352 774	149 371	65 653 766	91 708 012	59 936 138	83 721 383	7
1982		193 145 183	230 952 030	162 429	91 493 049	109 402 187	70 282 508	84 039 828	8
1983		250 217 061	250 217 061	184 200	138 751 571	138 751 571	86 707 428	86 707 428	10
1984		342 382 160	273 796 210	204 189	203 891 779	163 048 204	118 832 295	95 027 825	12
1985		424 170 829	274 100 697	213 786	273 362 493	176 647 815	146 643 792	94 761 740	15
1986		494 296 793	256 205 252	222 703	323 885 892	167 877 413	185 520 191	96 159 328	19
1987		571 343 952	253 367 606	243 455	410 050 855	181 840 734	212 615 870	94 286 417	22
1988		608 866 856	237 282 485	261 983	471 536 667	183 763 315	228 047 186	88 872 637	25
1989		654 535 843	229 099 000	295 762	567 100 724	198 495 178	237 168 233	83 013 032	28
M 80-89		385 116 885	249 042 881	208 428	260 432 646	151 281 280	140 035 718	90 096 144	

Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat. Transp.	Inv. M
1980	1 724	185 961	170 125	10 475 227	67 134	1 488 958	227 842	511 936	8 18
1981	1 703	186 865	170 822	14 560 369	504 390	1 590 364	224 736	806 431	11 42
1982	1 676	183 150	167 377	14 412 578	101 654	2 393 535	407 579	586 401	10 92
1983	1 666	183 381	167 474	11 067 579	27 197	2 029 070	261 216	625 197	8 12
1984	1 663	182 902	167 195	12 759 140	109 771	1 552 647	303 652	700 981	10 11
1985	1 576	180 747	165 217	17 901 755	210 505	3 301 520	276 245	750 360	13 42
1986	1 561	185 111	169 391	26 175 213	358 821	3 500 552	731 820	1 200 084	20 38
1987	1 575	190 844	174 509	35 312 230	- 78 567	5 039 459	441 719	1 990 329	27 91
1988	1 557	188 548	172 068	45 384 855	496 462	6 263 209	1 115 339	1 520 772	35 98
1989	1 554	188 179	171 706	50 377 429	721 750	7 169 034	493 950	2 159 510	39 83
M 80-89	1 626	185 569	169 588	23 842 638	251 912	3 432 835	448 410	1 085 200	18 63

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	94 128 889	76 110 381	4 681 552	5 249 574	783 958	7 216 774	86 650
1981	103 541 613	82 502 932	5 898 698	5 735 673	775 520	8 531 135	97 655
1982	122 861 675	96 124 161	8 759 151	7 062 928	907 356	9 836 457	171 622
1983	165 709 633	129 846 413	12 109 383	9 190 354	1 027 602	13 415 744	120 137
1984	223 549 865	175 436 534	16 385 275	9 548 990	4 740 634	17 221 891	216 141
1985	277 527 037	216 004 971	20 271 311	18 119 841	1 657 518	21 121 052	352 344
1986	308 776 602	235 519 378	22 162 759	23 473 486	2 103 466	25 131 797	385 716
1987	358 728 082	271 340 147	23 239 327	30 356 734	2 391 453	30 986 540	413 881
1988	380 819 670	287 604 379	24 915 053	30 444 185	2 857 354	34 283 403	715 296
1989	417 367 610	310 430 464	27 571 998	37 495 206	3 774 518	37 398 714	696 710
M 80-89	245 301 068	188 091 976	16 599 451	17 667 697	2 101 938	20 514 351	325 615

VALORES DA TOTALIDADE DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv.			
				Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	898 715 164	280 927 193	43 029 217	694 215	231 600 000	266 038 000
1981	1 404 400 000	1 107 073 391	322 453 323	56 307 501	695 301	256 913 000	323 647 000
1982	1 745 000 000	1 363 534 562	371 991 790	83 278 057	686 830	331 743 000	401 967 000
1983	2 159 500 000	1 769 122 111	471 326 020	85 970 675	676 184	508 600 000	456 901 000
1984	2 628 200 000	2 250 216 575	606 768 786	71 794 329	656 365	760 562 000	556 804 000
1985	3 328 300 000	2 691 077 934	714 218 854	73 076 997	632 476	971 743 000	707 377 000
1986	4 268 800 000	2 908 401 861	855 722 959	100 015 264	631 676	1 082 225 000	914 766 000
1987	5 043 900 000	3 327 658 264	1 057 856 145	135 837 843	631 082	1 311 003 000	1 288 762 000
1988	5 876 900 000	3 833 883 183	1 220 489 908	168 918 298	620 899	1 581 957 000	1 898 119 000
1989	7 064 000 000	4 321 010 914	1 332 018 249	192 421 580	617 579	2 015 711 000	2 167 594 000
M 80-89	3 474 450 000	2 447 069 396	723 377 323	101 064 976	654 261	905 205 700	898 197 500

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 321: INDÚSTRIA TÊXTIL

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índice Inflação
	Ton.	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980	638 664	121 832 676	210 564 597	127 632	38 390 075	66 349 940	45 282 622	78 262 395	57
1981	628 609	132 654 868	185 298 042	129 969	42 850 201	59 855 009	48 788 760	68 150 244	71
1982	631 869	154 590 939	184 851 057	138 698	58 483 932	69 931 761	55 436 703	66 288 058	83
1983	650 176	200 046 322	200 046 322	155 745	86 201 345	86 201 345	67 625 248	67 625 248	100
1984	728 552	274 669 339	219 647 612	168 495	119 150 106	95 281 972	93 880 721	75 074 547	125
1985	727 715	336 234 421	217 275 878	169 034	143 608 449	92 800 290	115 599 845	74 701 031	154
1986	753 726	384 656 583	199 376 242	168 246	157 960 208	81 874 363	147 549 389	76 478 199	192
1987	792 362	440 056 564	195 147 035	183 895	196 320 235	87 059 971	166 408 623	73 795 398	225
1988	766 084	463 333 208	180 566 332	203 956	243 659 055	94 956 763	175 023 868	68 208 834	256
1989	690 110	485 645 544	169 984 440	229 006	291 923 558	102 178 354	177 975 907	62 294 682	285
M 80-89	700 787	299 372 046	196 275 756	167 468	137 854 716	83 648 977	109 357 169	71 087 864	

Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat. Transp.	Inv. M
1980	1 266	144 410	132 170	9 181 702	35 951	1 046 923	199 702	392 908	7 512
1981	1 239	145 919	133 483	13 468 226	497 826	1 338 400	198 512	707 199	10 714
1982	1 205	141 782	129 359	12 835 850	84 137	1 988 590	337 620	437 060	9 992
1983	1 166	139 608	127 177	8 883 975	6 860	1 362 587	165 311	419 227	6 925
1984	1 147	137 357	125 453	10 356 105	79 789	1 019 513	258 585	508 807	8 505
1985	1 078	134 151	122 470	14 302 049	35 237	2 345 243	165 182	531 213	11 290
1986	1 087	137 984	126 109	22 601 264	222 964	2 836 631	596 445	956 526	17 988
1987	1 057	139 638	127 528	30 225 886	- 293 880	4 019 470	337 132	1 456 347	24 700
1988	1 043	135 619	123 555	38 747 514	275 981	4 438 105	932 069	1 087 291	32 014
1989	1 029	132 270	120 179	43 016 266	639 835	5 266 024	310 804	1 651 881	35 140
M 80-89	1 132	138 874	126 748	20 361 884	158 470	2 566 149	350 136	814 846	16 480

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	76 550 054	61 962 524	4 475 762	3 856 980	645 659	5 539 628	69 501
1981	83 866 108	66 715 909	5 642 616	4 201 305	661 990	6 560 030	84 258
1982	99 153 236	77 280 201	8 377 686	5 075 380	780 455	7 492 040	147 474
1983	134 621 074	105 829 827	11 564 518	6 085 998	855 292	10 192 065	93 374
1984	180 788 618	142 586 629	15 593 683	5 000 614	4 441 178	12 998 639	167 475
1985	220 634 576	172 053 593	19 248 355	11 783 242	1 365 029	15 982 764	201 593
1986	237 107 194	180 379 049	21 118 377	15 079 195	1 756 557	18 621 817	152 199
1987	273 647 941	206 904 913	22 091 702	19 209 532	1 907 661	23 325 063	209 070
1988	288 309 340	218 191 758	23 551 680	18 238 513	2 342 696	25 668 557	316 136
1989	307 669 637	229 751 656	25 811 372	21 469 278	2 994 048	27 452 216	191 067
M 80-89	190 234 778	146 165 606	15 747 575	11 000 004	1 775 057	15 383 282	163 215

VALORES DA TOTALIDADE DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv. Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	898 715 164	280 927 193	43 029 217	694 215	231 600 000	266 038 000
1981	1 404 400 000	1 107 073 391	322 453 323	56 307 501	695 301	256 913 000	323 647 000
1982	1 745 000 000	1 363 534 562	371 991 790	83 278 057	686 830	331 743 000	401 967 000
1983	2 159 500 000	1 769 122 111	471 326 020	85 970 675	676 184	508 600 000	456 901 000
1984	2 628 200 000	2 250 216 575	606 768 786	71 794 329	656 365	760 562 000	556 804 000
1985	3 328 300 000	2 691 077 934	714 218 854	73 076 997	632 476	971 743 000	707 377 000
1986	4 268 800 000	2 908 401 861	855 722 959	100 015 264	631 676	1 082 225 000	914 766 000
1987	5 043 900 000	3 327 658 264	1 057 856 145	135 837 843	631 082	1 311 003 000	1 288 762 000
1988	5 876 900 000	3 833 883 183	1 220 489 908	168 918 298	620 899	1 581 957 000	1 898 119 000
1989	7 064 000 000	4 321 010 914	1 332 018 249	192 421 580	617 579	2 015 711 000	2 167 594 000
M 80-89	3 474 450 000	2 447 069 396	723 377 323	101 064 976	654 261	905 205 700	898 197 500

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 321120: FIAÇÃO, TECELAGEM E ACABAMENTO DE LÃS E MISTOS

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índi Infla
	Ton.	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980	80 047	14 133 360	24 426 823	3 140	1 537 856	2 657 891	5 191 972	8 973 336	5
1981	66 963	14 497 278	20 250 423	3 106	1 575 507	2 200 736	5 187 107	7 245 575	7
1982	63 578	16 372 982	19 577 881	3 158	2 008 035	2 401 094	5 338 100	6 382 997	8
1983	64 650	20 251 116	20 251 116	3 631	3 518 626	3 518 626	6 377 907	6 377 907	10
1984	68 841	27 949 048	22 350 298	5 285	6 155 087	4 922 101	9 958 212	7 963 384	12
1985	84 223	39 570 349	25 570 500	4 381	7 039 450	4 548 918	14 884 839	9 618 636	15
1986	86 576	46 611 859	24 159 985	4 740	9 318 090	4 829 778	18 103 990	9 383 709	19
1987	84 275	53 190 254	23 587 696	5 253	10 928 715	4 846 437	22 103 274	9 801 895	22
1988	79 597	57 895 358	22 562 493	5 803	11 928 715	4 648 759	24 102 239	9 392 922	25
1989	67 745	57 500 708	20 126 254	7 387	14 402 176	5 041 014	21 213 560	7 425 117	28
M 80.89	74 650	34 797 231	22 286 347	4 588	6 841 226	3 961 535	13 246 120	8 256 548	

Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat.Transp.	Inv. n
1980	187	21 884	19 966	759 720	- 3 124	- 35 863	14 263	43 444	74
1981	180	20 998	19 075	701 249	4 100	89 523	12 277	44 252	55
1982	174	20 174	18 269	756 522	10	105 447	4 337	49 923	59
1983	162	18 696	16 696	497 437	- 54 908	38 387	7 387	56 768	44
1984	156	17 516	15 921	1 190 399	808	54 104	23 490	46 029	1 06
1985	161	19 649	17 904	1 320 269	- 1 853	125 089	35 079	68 172	1 09
1986	163	20 171	18 389	2 585 516	2 602	242 171	34 567	112 521	2 19
1987	155	20 545	18 768	5 283 787	16 732	552 230	38 803	152 810	4 52
1988	159	19 775	17 969	4 184 133	725	371 600	14 691	168 208	3 62
1989	156	18 948	17 133	4 895 569	100 169	491 947	29 240	369 859	3 90
M 80.89	165	19 836	18 009	2 217 460	6 526	203 464	21 413	111 199	1 87

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	8 941 388	7 066 193	582 333	656 739	83 551	539 035	13 537
1981	9 310 171	7 371 079	647 651	586 432	68 235	630 602	6 172
1982	11 034 882	8 636 749	944 395	691 636	92 454	662 765	6 883
1983	13 873 209	10 964 967	1 234 377	835 136	66 499	769 903	2 327
1984	17 990 836	13 856 223	1 743 480	1 149 538	115 123	1 120 889	5 583
1985	24 685 510	18 820 955	2 259 529	2 018 548	128 632	1 457 830	16
1986	28 507 869	21 754 960	2 457 536	2 333 863	223 375	1 731 424	6 711
1987	31 086 980	23 399 454	2 617 050	2 583 042	223 610	2 263 824	
1988	33 793 119	25 508 219	2 857 553	2 572 009	320 430	2 534 908	
1989	36 287 148	27 490 666	3 099 923	2 499 475	336 263	2 860 821	
M 80.89	21 551 111	16 486 947	1 844 383	1 592 642	165 817	1 457 200	5 890

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 321

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv. Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	121 832 676	45 282 622	7 512 046	144 410	38 390 075	14 544 457
1981	1 404 400 000	132 654 868	48 788 760	10 714 736	145 919	42 850 201	14 979 783
1982	1 745 000 000	154 590 939	55 436 703	9 992 578	141 782	58 483 932	19 554 386
1983	2 159 500 000	200 046 322	67 625 248	6 929 990	139 608	86 201 345	23 217 022
1984	2 628 200 000	274 669 339	93 880 721	8 509 411	137 357	119 150 106	33 102 310
1985	3 328 300 000	336 234 421	115 599 845	11 290 174	134 151	143 608 449	48 515 246
1986	4 268 800 000	384 656 583	147 549 389	17 988 698	137 984	157 960 208	75 013 959
1987	5 043 900 000	440 056 564	166 408 623	24 706 817	139 638	196 320 235	118 583 554
1988	5 876 900 000	463 333 208	175 023 868	32 014 068	135 619	243 659 055	154 108 140
1989	7 064 000 000	485 645 544	177 975 907	34 147 722	132 270	291 923 558	184 607 414
M 80-89	3 474 450 000	299 372 046	109 357 169	16 380 624	138 874	137 854 716	68 622 627

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

**CAE 321130: FIAÇÃO, TECELAGEM E ACABAMENTO DE ALGODÃO, FIBRAS
ARTIFICIAIS, SINTÉTICAS E MISTAS**

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Indic Inflaç
	Ton.	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980	394 138	68 485 944	118 364 922	56 808	20 395 732	35 250 142	26 980 643	46 630 907	57
1981	401 915	74 472 187	104 025 963	59 330	23 822 031	33 275 640	28 272 895	39 492 799	71
1982	409 125	86 845 504	103 844 917	68 533	32 216 426	38 522 571	31 736 472	37 948 669	83
1983	432 816	117 621 417	117 621 417	81 177	51 590 340	51 590 340	39 226 284	39 226 284	100
1984	484 398	162 907 640	130 274 002	81 460	68 071 638	54 435 536	56 491 908	45 175 456	125
1985	454 815	191 123 994	123 505 004	80 681	80 260 319	51 864 503	64 273 699	41 533 893	154
1986	482 098	212 773 392	110 285 281	76 791	80 114 931	41 525 388	86 410 505	44 788 527	192
1987	512 923	233 565 375	103 576 663	82 666	91 326 275	40 499 457	92 069 709	40 829 139	224
1988	488 592	245 133 292	95 531 291	90 983	110 362 978	43 009 734	96 001 313	37 412 827	256
1989	448 310	255 257 243	89 344 502	100 358	123 421 095	43 199 543	97 236 403	34 034 443	285
M 80.89	450 913	164 818 599	109 637 396	77 879	68 158 177	43 317 285	61 869 983	40 707 294	

Ano	Estabecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat.Transp.	Inv. M
1980	370	73 713	68 321	6 111 572	- 9 893	779 157	121 253	165 302	741
1981	365	76 354	70 922	9 971 447	470 371	915 618	82 142	574 665	551
1982	357	73 224	67 785	9 234 906	56 140	1 384 645	278 648	198 103	596
1983	350	73 846	68 327	5 260 225	35 283	818 450	59 166	191 094	445
1984	351	73 956	68 341	6 112 017	24 265	617 169	127 599	295 644	1 064
1985	324	70 575	65 105	9 344 321	18 434	1 576 562	103 744	225 205	1 093
1986	325	72 923	67 234	14 176 357	163 778	1 793 233	289 562	443 134	2 193
1987	315	72 432	66 607	15 885 708	- 502 725	2 143 500	157 879	694 933	4 523
1988	315	69 787	64 097	24 165 617	156 009	2 617 999	672 587	429 092	3 624
1989	305	67 915	62 181	27 616 014	376 420	3 144 118	158 155	714 980	3 904
M 80.89	338	72 473	66 892	12 787 818	78 808	1 579 045	205 074	393 215	1 874

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	41 505 301	33 135 793	3 160 945	1 868 195	365 075	2 965 731	9 562
1981	46 199 292	36 216 028	4 082 468	2 051 098	391 156	3 389 766	68 776
1982	55 109 032	41 906 668	6 149 292	2 501 536	445 316	3 976 954	129 266
1983	78 395 133	60 375 637	8 653 305	3 033 585	538 304	5 728 359	65 943
1984	106 415 732	82 623 429	11 503 260	815 140	3 964 080	7 389 680	120 143
1985	126 850 295	97 172 338	13 976 786	5 575 973	757 632	9 222 774	144 792
1986	126 362 887	92 148 808	15 365 859	6 982 436	964 818	10 778 626	122 340
1987	141 495 666	103 517 481	15 972 752	7 362 952	1 075 154	13 364 776	202 551
1988	149 131 979	109 776 979	16 773 502	6 416 980	1 416 699	14 468 909	278 910
1989	158 020 840	115 761 873	18 399 427	7 617 714	1 932 074	14 152 398	157 354
M 80.89	102 948 616	77 263 503	11 403 760	4 422 561	1 185 031	8 543 797	129 964

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 321

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv.			
				Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	121 832 676	45 282 622	7 512 046	144 410	38 390 075	14 544 457
1981	1 404 400 000	132 654 868	48 788 760	10 714 736	145 919	42 850 201	14 979 783
1982	1 745 000 000	154 590 939	55 436 703	9 992 578	141 782	58 483 932	19 554 386
1983	2 159 500 000	200 046 322	67 625 248	6 929 990	139 608	86 201 345	23 217 022
1984	2 628 200 000	274 669 339	93 880 721	8 509 411	137 357	119 150 106	33 102 310
1985	3 328 300 000	336 234 421	115 599 845	11 290 174	134 151	143 608 449	48 515 246
1986	4 268 800 000	384 656 583	147 549 389	17 988 698	137 984	157 960 208	75 013 959
1987	5 043 900 000	440 056 564	166 408 623	24 706 817	139 638	196 320 235	118 583 554
1988	5 876 900 000	463 333 208	175 023 868	32 014 068	135 619	243 659 055	154 108 140
1989	7 064 000 000	485 645 544	177 975 907	34 147 722	132 270	291 923 558	184 607 414
M 80.89	3 474 450 000	299 372 046	109 357 169	16 380 624	138 874	137 854 716	68 622 627

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 321140: FIAÇÃO, TECELAGEM E ACABAMENTO DE FIBRAS BRANDAS E MISTOS

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índice Inflaç.
	Ton.	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980	23 403	947 184	1 637 027	4 311	381 583	659 494	399 325	690 157	57,
1981	17 712	931 515	1 301 180	3 343	331 137	462 546	445 185	621 854	71,
1982	15 398	917 361	1 096 928	3 898	423 710	506 648	350 984	419 687	83,
1983	8 490	1 154 630	1 154 630	3 220	510 711	510 711	545 070	545 070	100,
1984	7 768	1 526 637	1 220 821	3 761	766 769	613 170	596 257	476 815	125,
1985	5 841	1 721 111	1 112 188	2 713	805 957	520 812	544 863	352 092	154,
1986	6 988	1 846 745	957 210	2 261	569 536	295 203	956 053	495 544	192,
1987	9 958	1 879 005	833 262	2 312	587 654	260 600	1 201 674	532 893	225,
1988		2 281 613	889 171	2 519	715 579	278 869	1 530 867	596 597	256,
1989		2 584 576	904 647	2 916	702 301	245 818	1 818 446	636 488	285,
M 80-89	11 945	1 579 038	1 110 706	3 125	579 494	435 387	838 872	536 720	

Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat. Transp.	Inv. M
1980	5	1 595	1 461	47 989	81	2 174	91	4 868	40
1981	5	1 475	1 339	104 796		21 845	1 179	856	80
1982	5	1 237	1 115	14 576		950	608		13
1983	4	1 129	1 046	13 247	- 53	- 842		- 504	14
1984	5	1 034	955	41 575		- 777	391	684	61
1985	4	946	873	33 780				6 818	26
1986	4	965	895	53 179			236		52
1987	4	926	857	222 272		23 673	4 815	- 250	194
1988	4	880	812	434 480		10 907	2 430	2 073	419
1989	3	875	813	48 057		13 522		- 1 710	36
M 80-89	4	1 106	1 017	101 395	14	8 932	1 393	1 604	93

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	547 859	390 405	48 413	6 391	1 324	101 326	
1981	486 330	371 293	52 901	1 498	745	59 893	
1982	566 377	414 206	78 727	5 282	1 736	66 426	
1983	609 560	467 162	72 185	3 508	1 966	64 739	
1984	930 380	755 392	87 704	1 511	3 451	82 322	
1985	1 176 248	984 652	99 155	3 440	2 913	86 088	
1986	890 692	693 346	103 703	4 249	1 464	87 930	
1987	677 331	492 929	101 753	8 178	1 937	72 534	
1988	750 746	564 710	114 497	3 886	3 162	64 491	
1989	766 130	543 325	121 014	3 964	4 104	93 723	
M 80-89	740 165	567 742	88 005	4 191	2 280	77 947	

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 321

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv.			
				Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	121 832 676	45 282 622	7 512 046	144 410	38 390 075	14 544 457
1981	1 404 400 000	132 654 868	48 788 760	10 714 736	145 919	42 850 201	14 979 783
1982	1 745 000 000	154 590 939	55 436 703	9 992 578	141 782	58 483 932	19 554 386
1983	2 159 500 000	200 046 322	67 625 248	6 929 990	139 608	86 201 345	23 217 022
1984	2 628 200 000	274 669 339	93 880 721	8 509 411	137 357	119 150 106	33 102 310
1985	3 328 300 000	336 234 421	115 599 845	11 290 174	134 151	143 608 449	48 515 246
1986	4 268 800 000	384 656 583	147 549 389	17 988 698	137 984	157 960 208	75 013 959
1987	5 043 900 000	440 056 564	166 408 623	24 706 817	139 638	196 320 235	118 583 554
1988	5 876 900 000	463 333 208	175 023 868	32 014 068	135 619	243 659 055	154 108 140
1989	7 064 000 000	485 645 544	177 975 907	34 147 722	132 270	291 923 558	184 607 414
M 80-89	3 474 450 000	299 372 046	109 357 169	16 380 624	138 874	137 854 716	68 622 627

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 321150: FABRICAÇÃO DE PASSAMANARIAS

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Indic Inflaç
	Ton.	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980	1 617	1 192 844	2 061 604	112	62 924	108 752	514 137	888 588	57
1981	1 858	1 491 579	2 083 502	50	44 126	61 637	652 314	911 180	71
1982	1 704	1 588 853	1 899 860	1 000	368 055	440 099	660 200	789 430	83
1983	2 025	2 061 161	2 061 161	1 464	707 980	707 980	860 161	860 161	100
1984	2 053	2 400 011	1 919 241	1 443	874 751	699 521	930 160	743 830	125
1985	2 100	2 906 125	1 877 948	1 724	1 088 697	703 520	1 168 760	755 257	154
1986	2 163	3 315 449	1 718 473	2 405	938 765	486 583	1 316 008	682 117	192
1987	2 529	4 058 821	1 799 921	1 570	1 073 295	475 962	1 629 185	722 477	225
1988	2 564	4 613 631	1 797 986	1 352	969 311	377 752	1 957 098	762 704	256
1989	2 613	5 224 210	1 828 565	1 574	1 170 763	409 788	2 248 186	786 904	285
M 80.89	2 123	2 885 268	1 904 826	1 269	729 867	447 159	1 193 621	790 265	

Ano	Estabecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat.Transp.	Inv. M
1980	76	1 997	1 697	61 762	- 2 353	- 6 722	- 1 985	8 721	69
1981	77	1 940	1 639	261 145	1 474	42 757	1 967	24 809	190
1982	74	1 714	1 435	191 000	5 144	21 680	19	12 229	151
1983	72	1 864	1 566	151 830		39 388	1 589	6 523	104
1984	71	1 702	1 421	96 362		8 449	559	4 346	83
1985	65	1 630	1 341	178 646		6 525	- 633	7 551	165
1986	63	1 679	1 381	115 865	270	2 700	21 507	12 748	78
1987	65	1 643	1 357	348 079		16 556	3 282	35 207	293
1988	61	1 731	1 405	693 315	- 310	89 130	19 775	16 778	567
1989	60	1 715	1 396	424 209		12 760	3 824	43 578	364
M 80.89	68	1 762	1 464	252 221	845	23 322	4 990	17 249	206

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	678 707	563 897	18 503	13 382	6 171	70 422	6332
1981	839 265	694 314	22 241	19 921	6 590	93 928	2271
1982	928 653	765 204	28 160	22 126	8 023	103 255	1885
1983	1 201 000	968 186	41 826	37 483	10 418	143 087	
1984	1 469 851	1 212 864	57 148	39 119	9 441	151 211	68
1985	1 737 365	1 438 350	66 682	41 803	13 667	173 250	3613
1986	1 999 441	1 659 142	79 068	50 766	16 872	193 586	7
1987	2 429 636	1 998 163	82 054	85 411	29 312	234 672	24
1988	2 656 533	2 149 662	93 527	89 443	33 034	283 936	6931
1989	2 976 024	2 327 127	110 353	133 345	35 089	369 990	120
M 80.89	1 691 648	1 377 691	59 956	53 280	16 862	181 734	2 361

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 321

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv.			
				Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	121 832 676	45 282 622	7 512 046	144 410	38 390 075	14 544 457
1981	1 404 400 000	132 654 868	48 788 760	10 714 736	145 919	42 850 201	14 979 783
1982	1 745 000 000	154 590 939	55 436 703	9 992 578	141 782	58 483 932	19 554 386
1983	2 159 500 000	200 046 322	67 625 248	6 929 990	139 608	86 201 345	23 217 022
1984	2 628 200 000	274 669 339	93 880 721	8 509 411	137 357	119 150 106	33 102 310
1985	3 328 300 000	336 234 421	115 599 845	11 290 174	134 151	143 608 449	48 515 246
1986	4 268 800 000	384 656 583	147 549 389	17 988 698	137 984	157 960 208	75 013 959
1987	5 043 900 000	440 056 564	166 408 623	24 706 817	139 638	196 320 235	118 583 554
1988	5 876 900 000	463 333 208	175 023 868	32 014 068	135 619	243 659 055	154 108 140
1989	7 064 000 000	485 645 544	177 975 907	34 147 722	132 270	291 923 558	184 607 414
M 80.89	3 474 450 000	299 372 046	109 357 169	16 380 624	138 874	137 854 716	68 622 627

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 321160: FABRICAÇÃO DE RENDAS

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const)	Indic Inflaç
	Kg	VBP	VBP(Const)	Kg	Valor(Corr.)	Valor(Const)			
1980	5 890	308 347	532 919	14	13 550	23 419	87 242	150 781	57
1981	6 909	343 660	480 039	16	18 385	25 681	123 809	172 942	71
1982	9 785	473 457	566 133	16	23 497	28 096	234 701	280 642	83
1983	10 029			7	15 514	15 418			100
1984	11 954			13	34 881	27 894			125
1985	12 005	965 646	624 004	32	89 766	58 007	395 786	255 758	154
1986	12 369	1 158 812	600 639	28	82 123	42 566	550 050	285 103	192
1987		1 443 231	640 014	25	119 403	52 950	532 521	236 151	225
1988		1 505 322	586 641	63	213 772	83 309	681 668	265 654	256
1989		1 417 164	496 032	279	283 925	99 379	689 040	241 176	285
M 80.89	9 849	951 955	565 803	49	89 482	45 672	411 852	188 821	

Ano	Estabecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat. Transp.	Inv. M
1980	4	561	508	3 937			619	413	2
1981	4	512	466	5 779		51	28	827	4
1982	5	554	499	5 930				1 987	3
1983	5								
1984	6								
1985	5	554	492	12 292		2 942		2 112	7
1986	5	568	506	30 281		313	227	950	28
1987	5	560	503	14 797		127	702	760	13
1988	5	554	493	14 423		2 138		1 933	16
1989	5	611	542	24 141	- 1 858	- 1 306		- 1 451	28
M 80.89	5	559	501	13 948	- 1 858	711	394	941	20

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	221 105	170 327	4 167	24 151	1 735	20 725	6332
1981	219 851	148 839	5 590	35 402	2 092	27 928	2271
1982	238 756	170 512	8 083	29 989	1 871	28 301	1885
1983							
1984							68
1985	569 860	407 432	15 993	78 454	3 288	64 693	3613
1986	608 762	401 880	19 924	127 070	2 971	56 917	7
1987	910 710	602 493	23 104	157 645	3 388	124 080	24
1988	823 654	520 770	21 424	138 264	3 873	139 323	6931
1989	728 124	440 956	25 492	76 203	4 828	180 645	120
M 80.89	540 103	357 901	15 472	83 397	3 006	80 327	2 361

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 321

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv. Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	121 832 676	45 282 622	7 512 046	144 410	38 390 075	14 544 457
1981	1 404 400 000	132 654 868	48 788 760	10 714 736	145 919	42 850 201	14 979 783
1982	1 745 000 000	154 590 939	55 436 703	9 992 578	141 782	58 483 932	19 554 386
1983	2 159 500 000	200 046 322	67 625 248	6 929 990	139 608	86 201 345	23 217 022
1984	2 628 200 000	274 669 339	93 880 721	8 509 411	137 357	119 150 106	33 102 310
1985	3 328 300 000	336 234 421	115 599 845	11 290 174	134 151	143 608 449	48 515 246
1986	4 268 800 000	384 656 583	147 549 389	17 988 698	137 984	157 960 208	75 013 959
1987	5 043 900 000	440 056 564	166 408 623	24 706 817	139 638	196 320 235	118 583 554
1988	5 876 900 000	463 333 208	175 023 868	32 014 068	135 619	243 659 055	154 108 140
1989	7 064 000 000	485 645 544	177 975 907	34 147 722	132 270	291 923 558	184 607 414
M 80.89	3 474 450 000	299 372 046	109 357 169	16 380 624	138 874	137 854 716	68 622 627

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 321210: FABRICAÇÃO DE LONAS E SIMILARES

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Indic Inflaç
	Ton.	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980		126 294	218 275	52	12 375	21 388	50 958	88 071	57
1981		159 666	223 028	35	10 923	15 258	73 907	103 236	71
1982		171 985	205 650	31	10 079	12 052	52 829	63 170	83
1983		195 806	195 806		44	44	68 194	68 194	100
1984		191 593	153 213	20	7 969	6 373	91 086	72 840	125
1985		257 790	166 585	38	39 389	25 453	68 451	44 233	154
1986		297 638	154 273	35	60 708	31 466	90 130	46 716	192
1987		288 215	127 812	11	15 139	6 714	81 524	36 153	225
1988		639 103	249 066	182	251 484	98 006	150 684	58 723	250
1989		508 841	178 103	42	76 042	26 616	145 361	50 879	285
M 80-89		283 693	187 181	45	48 415	24 337	87 312	63 222	

Ano	Estabecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat.Transp.	Inv. N
1980	4	255	210	101			37		
1981	3	222	201	580		2	58		
1982	5	237	216	9 132				342	
1983	6	242	216	3 191			254	2 175	
1984	5	218	191	6 283		439		2 973	
1985	5	208	181	294					
1986	5	175	154	2 461		191			
1987	5	179	155	11 586		1 500	1 941	977	
1988	5	176	156	4 438			260	2 729	
1989	5	178	155	52 614		32 000	7 745	5 868	
M 80-89	5	209	184	9 068		6 826	1 716	2 511	

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	75 336	57 328	456	76	68	680	16 728
1981	85 759	64 220	501	35	24	20 979	
1982	119 156	74 561	428	101	36	44 030	
1983	127 612	124 233	1 194	172	175	1 838	
1984	100 507	95 716	2 012	183	1 080	1 516	
1985	189 339	184 488	2 454	446	254	1 697	
1986	207 508	196 245	2 558	488	4 596	3 621	
1987	206 691	189 454	2 882	722	4 969	8 664	
1988	488 419	436 828	3 389	34 521	5 791	7 890	
1989	363 480	319 269	4 103	24 281	4 689	11 138	
M 80-89	196 381	174 234	1 998	6 103	2 168	10 205	16 728

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 321

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv.			
				Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	121 832 676	45 282 622	7 512 046	144 410	38 390 075	14 544 457
1981	1 404 400 000	132 654 868	48 788 760	10 714 736	145 919	42 850 201	14 979 783
1982	1 745 000 000	154 590 939	55 436 703	9 992 578	141 782	58 483 932	19 554 386
1983	2 159 500 000	200 046 322	67 625 248	6 929 990	139 608	86 201 345	23 217 022
1984	2 628 200 000	274 669 339	93 880 721	8 509 411	137 357	119 150 106	33 102 310
1985	3 328 300 000	336 234 421	115 599 845	11 290 174	134 151	143 608 449	48 515 246
1986	4 268 800 000	384 656 583	147 549 389	17 988 698	137 984	157 960 208	75 013 959
1987	5 043 900 000	440 056 564	166 408 623	24 706 817	139 638	196 320 235	118 583 554
1988	5 876 900 000	463 333 208	175 023 868	32 014 068	135 619	243 659 055	154 108 140
1989	7 064 000 000	485 645 544	177 975 907	34 147 722	132 270	291 923 558	184 607 414
M 80-89	3 474 450 000	299 372 046	109 357 169	16 380 624	138 874	137 854 716	68 622 627

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 321230: INDÚSTRIA DOS BORDADOS

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índice Inflação
	Ton.	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980	154	909 326	1 571 597	8	17 193	29 715	608 202	1 051 161	57,86
1981	182	1 126 272	1 573 225	18	42 897	59 920	811 815	1 133 978	71,59
1982	194	1 388 047	1 659 748	14	31 690	37 893	1 035 945	1 238 724	83,63
1983	196	1 689 272	1 689 272	10	59 356	59 356	1 205 833	1 205 833	100,00
1984	227	2 067 046	1 652 976	15	78 784	63 002	1 424 854	1 139 427	125,05
1985	231	2 602 578	1 681 795	36	173 416	112 062	1 800 522	1 163 504	154,75
1986	186	3 174 523	1 645 427	25	135 254	70 105	2 134 679	1 106 453	192,93
1987	147	3 234 905	1 434 548	28	169 079	74 980	2 040 363	904 817	225,50
1988	152	3 427 238	1 335 634	521	1 130 626	440 618	2 193 180	854 708	256,60
1989	129	3 308 353	1 157 981	393	956 469	334 781	2 274 315	796 050	285,70
M 80.89	180	2 292 756	1 540 220	107	279 476	128 243	1 552 971	1 059 466	

Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat. Transp.	Inv. Máq
1980	59	1 375	1 049	3 803			382	670	2 75
1981	60	1 358	1 044	3 623		146	62	703	2 71
1982	58	1 281	974	348				225	3 25
1983	58	1 298	969	7 517				6 045	1 47
1984	56	1 292	966	1 447					1 44
1985	55	1 306	984	3 026				1 490	1 53
1986	54	1 313	988	34 419		28 333		4 669	1 41
1987	53	1 316	1 000	6 421				- 5 193	11 61
1988	53	1 215	905	3 846			1 823	1 073	95
1989	55	1 116	826	9 147				2 400	6 74
M 80.89	56	1 287	971	7 360		14 240	756	1 342	3 39

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	301 124	227 016	2 079	768	1 069	70 192	
1981	314 457	250 295	3 622	825	3 069	56 646	
1982	352 102	270 070	4 597	1 402	2 815	73 218	
1983	483 439	374 545	5 872	1 467	2 768	98 787	
1984	642 192	502 691	8 027	5 367	5 995	119 676	436
1985	802 056	650 682	12 016	7 067	7 838	124 453	
1986	1 039 844	865 434	13 531	6 359	7 602	146 918	
1987	1 194 542	933 021	13 390	32 556	11 000	204 575	
1988	1 234 058	983 273	12 630	15 348	10 539	211 571	697
1989	1 034 038	851 082	14 691	11 394	6 577	149 130	1 164
M 80.89	739 785	590 811	9 046	8 255	5 927	125 517	766

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 321

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv.			
				Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	121 832 676	45 282 622	7 512 046	144 410	38 390 075	14 544 457
1981	1 404 400 000	132 654 868	48 788 760	10 714 736	145 919	42 850 201	14 979 783
1982	1 745 000 000	154 590 939	55 436 703	9 992 578	141 782	58 483 932	19 554 386
1983	2 159 500 000	200 046 322	67 625 248	6 929 990	139 608	86 201 345	23 217 022
1984	2 628 200 000	274 669 339	93 880 721	8 509 411	137 357	119 150 106	33 102 310
1985	3 328 300 000	336 234 421	115 599 845	11 290 174	134 151	143 608 449	48 515 246
1986	4 268 800 000	384 656 583	147 549 389	17 988 698	137 984	157 960 208	75 013 959
1987	5 043 900 000	440 056 564	166 408 623	24 706 817	139 638	196 320 235	118 583 554
1988	5 876 900 000	463 333 208	175 023 868	32 014 068	135 619	243 659 055	154 108 140
1989	7 064 000 000	485 645 544	177 975 907	34 147 722	132 270	291 923 558	184 607 414
M 80.89	3 474 450 000	299 372 046	109 357 169	16 380 624	138 874	137 854 716	68 622 627

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 321240: CONFECÇÃO DE SACARIA

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índice Inflação
	Ton.	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980	9 778	1 412 878	2 441 891	5 217	690 250	1 192 966	387 024	668 897	57,86
1981	8 869	1 428 587	1 995 512	5 122	684 727	956 456	416 863	582 292	71,55
1982	8 926	1 591 717	1 903 285	5 554	878 080	1 049 958	514 838	615 614	83,63
1983	7 440	1 715 773	1 715 773	4 280	900 057	900 057	411 672	411 672	100,00
1984	8 509	2 771 928	2 216 656	4 407	1 348 062	1 078 018	1 239 462	991 173	125,02
1985	9 146	3 622 023	2 340 564	4 473	1 622 894	1 048 720	1 752 201	1 132 279	154,74
1986	9 133	3 384 182	1 754 098	4 937	1 680 477	871 029	1 542 184	799 349	192,92
1987	9 348	3 484 697	1 545 320	5 479	1 689 733	749 327	943 330	418 328	225,50
1988	8 070	3 679 326	1 433 876	4 283	1 733 134	675 422	1 033 559	402 790	256,60
1989	7 935	1 988 069	695 859	4 873	2 206 242	772 223	483 529	169 244	285,70
M 80.89	8 715	2 507 918	1 804 283	4 863	1 343 366	929 418	872 466	619 164	

Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat. Transp.	Inv. Máq
1980	4	1 784	1 628	62 787		146	2 876	2 325	57 44
1981	4	1 605	1 427	98 193				606	86 03
1982	4	1 650	1 483	40 357	530	3 153		1 209	35 46
1983	4	1 603	1 456	103 951		1 257	126	3 747	98 82
1984	3	1 539	1 392	62 843		2 221		3 434	57 18
1985	3	1 503	1 347	37 650	71		1 273	1 904	34 40
1986	3	1 264	1 122	224 703		2 116	18 640	16 439	187 50
1987	3	1 364	1 219	65 639		2 304		978	62 34
1988	3	1 093	984	265 680		1 621		2 357	261 70
1989	3	287	241	26 683		1 295		42	25 34
M 80.89	3	1 369	1 230	98 849	301	1 764	5 729	3 304	90 62

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	1 025 854	910 711	32 822	10 906	32 330	39 085	
1981	1 011 724	885 874	42 609	14 519	25 870	42 852	
1982	1 075 879	934 827	58 810	13 790	25 870	42 582	
1983	1 304 101	1 102 623	89 576	20 679	36 802	54 421	
1984	1 532 466	1 284 155	126 172	26 272	52 070	43 797	
1985	1 869 822	1 503 352	153 360	41 614	112 190	59 306	
1986	1 841 998	1 417 020	176 175	62 110	131 596	55 097	
1987	2 541 367	2 162 652	193 118	65 685	36 328	83 584	
1988	2 645 767	2 334 261	200 459		41 259	69 788	
1989	1 504 540	1 405 651	38 036		16 180	44 673	
M 80.89	1 635 352	1 394 113	111 114	31 947	51 050	53 519	

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 321

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv.			
				Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	121 832 676	45 282 622	7 512 046	144 410	38 390 075	14 544 457
1981	1 404 400 000	132 654 868	48 788 760	10 714 736	145 919	42 850 201	14 979 783
1982	1 745 000 000	154 590 939	55 436 703	9 992 578	141 782	58 483 932	19 554 386
1983	2 159 500 000	200 046 322	67 625 248	6 929 990	139 608	86 201 345	23 217 022
1984	2 628 200 000	274 669 339	93 880 721	8 509 411	137 357	119 150 106	33 102 310
1985	3 328 300 000	336 234 421	115 599 845	11 290 174	134 151	143 608 449	48 515 246
1986	4 268 800 000	384 656 583	147 549 389	17 988 698	137 984	157 960 208	75 013 959
1987	5 043 900 000	440 056 564	166 408 623	24 706 817	139 638	196 320 235	118 583 554
1988	5 876 900 000	463 333 208	175 023 868	32 014 068	135 619	243 659 055	154 108 140
1989	7 064 000 000	485 645 544	177 975 907	34 147 722	132 270	291 923 558	184 607 414
M 80.89	3 474 450 000	299 372 046	109 357 169	16 380 624	138 874	137 854 716	68 622 627

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 321300: FABRICAÇÃO DE MALHAS

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índice Inflação
	Ton.	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980	59 021	24 510 319	42 361 422	12 680	11 303 716	19 536 322	8 330 642	14 397 929	57,80
1981	57 190	27 372 534	38 235 136	12 679	12 092 230	16 890 948	9 529 948	13 311 842	71,59
1982	57 909	33 073 918	39 547 911	15 709	17 679 059	21 139 614	11 990 458	14 337 508	83,63
1983	54 248	41 912 842	41 912 842	14 025	22 245 439	22 245 439	14 223 562	14 223 562	100,00
1984	60 603	54 112 881	43 272 996	15 791	32 489 010	25 980 816	16 670 624	13 331 167	125,01
1985	69 278	68 560 527	44 304 056	17 374	40 654 031	26 270 779	22 520 911	14 553 093	154,75
1986	75 457	84 791 405	43 949 311	20 751	51 976 294	26 940 493	27 221 988	14 109 775	192,93
1987	86 909	109 222 823	48 435 842	27 815	76 290 570	33 831 738	35 484 254	15 735 811	225,50
1988	88 206	110 245 324	42 963 883	34 602	99 550 773	38 796 092	35 593 250	13 871 103	256,60
1989	81 094	122 169 928	42 761 613	45 291	129 615 043	45 367 533	39 930 188	13 976 265	285,70
M 80-89	68 992	67 597 250	42 774 501	21 672	49 389 617	27 699 978	22 149 583	14 184 805	

Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat. Transp.	Inv. Máq
1980	470	32 148	29 308	1 698 376	- 63 486	259 901	56 239	147 183	1 298 53
1981	454	32 918	29 896	1 905 568	19 520	217 288	81 674	27 169	1 559 91
1982	441	33 365	30 310	2 187 513	14 932	455 028	48 079	117 799	1 551 67
1983	423	32 611	29 638	2 300 397	24 627	368 864	87 667	98 849	1 720 35
1984	410	31 389	28 611	2 182 300	53 502	227 784	86 547	115 263	1 699 20
1985	379	29 431	26 860	2 784 266	11 257	535 745	16 597	160 504	2 060 10
1986	387	30 964	28 404	4 285 053	40 596	543 982	178 272	304 498	3 217 70
1987	379	32 718	30 000	6 487 900	173 041	1 020 567	112 313	488 181	4 693 75
1988	367	31 864	29 082	6 500 846	51 667	1 119 771	183 894	303 034	4 842 48
1989	362	32 055	29 261	6 575 868	117 241	1 015 773	54 184	343 034	5 045 63
M 80-89	407	31 946	29 137	3 690 809	44 290	576 470	90 547	210 551	2 768 92

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	16 179 677	13 330 470	437 012	1 121 647	106 837	1 161 075	22 636
1981	17 842 586	14 244 677	555 933	1 312 763	126 222	1 597 162	5 829
1982	21 083 460	16 724 946	794 638	1 659 803	110 407	1 784 347	9 319
1983	27 689 280	21 982 916	1 034 880	2 004 650	119 907	2 522 265	24 662
1984	37 442 257	30 012 259	1 460 618	2 736 227	193 844	3 006 306	33 003
1985	46 039 616	36 534 768	1 985 235	3 722 560	197 058	3 552 430	47 565
1986	57 569 417	45 894 731	2 151 858	5 167 560	238 787	4 093 868	22 613
1987	73 738 569	57 133 616	2 241 506	8 593 568	405 953	5 357 587	6 339
1988	74 652 074	57 140 259	2 454 692	8 696 389	366 696	5 977 784	16 254
1989	82 239 740	60 720 698	2 887 197	10 779 283	427 339	7 393 418	31 805
M 80-89	45 447 668	35 371 934	1 600 357	4 579 445	229 305	3 644 624	22 003

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 321

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv. Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	121 832 676	45 282 622	7 512 046	144 410	38 390 075	14 544 457
1981	1 404 400 000	132 654 868	48 788 760	10 714 736	145 919	42 850 201	14 979 783
1982	1 745 000 000	154 590 939	55 436 703	9 992 578	141 782	58 483 932	19 554 386
1983	2 159 500 000	200 046 322	67 625 248	6 929 990	139 608	86 201 345	23 217 022
1984	2 628 200 000	274 669 339	93 880 721	8 509 411	137 357	119 150 106	33 102 310
1985	3 328 300 000	336 234 421	115 599 845	11 290 174	134 151	143 608 449	48 515 246
1986	4 268 800 000	384 656 583	147 549 389	17 988 698	137 984	157 960 208	75 013 959
1987	5 043 900 000	440 056 564	166 408 623	24 706 817	139 638	196 320 235	118 583 554
1988	5 876 900 000	463 333 208	175 023 868	32 014 068	135 619	243 659 055	154 108 140
1989	7 064 000 000	485 645 544	177 975 907	34 147 722	132 270	291 923 558	184 607 414
M 80-89	3 474 450 000	299 372 046	109 357 169	16 380 624	138 874	137 854 716	68 622 627

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 321410: FABRICAÇÃO DE ALCATIFAS, TAPETES, CARPETES E PASSADEIRAS

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índice Inflação
	1000 M2	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980	12 018	4 007 547	6 926 282	4 057	870 853	1 505 104	1 111 100	1 920 325	57,80
1981	14 161	5 089 716	7 109 535	3 713	941 715	1 315 428	1 516 235	2 117 942	71,59
1982	13 876	5 720 075	6 839 741	3 981	1 138 959	1 361 902	1 606 403	1 920 845	83,60
1983	14 085	7 084 381	7 084 381	4 770	1 650 915	1 650 915	2 010 863	2 010 863	100,00
1984	11 159	7 841 033	6 270 318	5 230	2 257 881	1 805 583	2 492 953	1 993 565	125,00
1985	9 503	8 573 057	5 539 940	6 913	3 509 467	2 267 830	2 613 114	1 688 604	154,70
1986	10 674	10 284 076	5 330 470	7 918	4 201 240	2 177 598	3 413 292	1 769 187	192,90
1987	10 965	11 541 993	5 118 400	9 188	5 091 377	2 257 817	4 362 733	1 934 693	225,50
1988	9 892	11 289 158	4 399 516	9 095	4 606 988	1 795 397	3 865 426	1 506 401	256,60
1989	9 500	12 227 938	4 279 992	9 021	5 172 794	1 810 568	4 619 634	1 616 953	285,70
M 80-89	11 583	8 365 897	5 889 858	6 389	2 944 219	1 794 814	2 761 175	1 847 938	

Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat.Transp.	Inv. Máq
1980	49	3 724	3 250	115 342	1 080	29 490	3 188	9 281	72 30
1981	47	3 313	2 865	190 361	2 178	26 256	11 722	15 895	134 31
1982	45	3 439	2 978	217 984	757	30 605	3 635	21 534	162 49
1983	48	3 458	2 960	316 156	1 866	68 192	3 518	23 918	218 60
1984	48	3 648	3 148	360 277	809	72 586	5 796	10 379	270 70
1985	43	3 398	2 968	212 054	6 457	43 434	8 839	27 903	125 49
1986	44	3 341	2 945	294 714	3 718	102 837	21 129	34 825	132 20
1987	42	3 394	3 013	557 608	17 349	134 716	8 362	43 700	353 40
1988	41	3 635	3 241	768 336	30 850	60 870	19 178	65 243	592 19
1989	41	3 448	3 061	1 107 405	3 250	135 283	41 473	53 311	874 00
M 80-89	45	3 480	3 043	414 024	6 831	70 427	12 684	30 599	293 50

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	2 896 447	2 521 414	75 117	102 995	13 435	182 884	602
1981	3 573 481	3 135 557	104 178	112 084	12 798	207 896	968
1982	4 113 672	3 593 890	146 985	77 579	13 420	281 798	
1983	5 073 518	4 474 160	202 023	76 032	37 530	283 773	
1984	5 348 080	4 568 263	252 314	101 864	40 853	377 077	7 709
1985	5 959 943	5 092 851	266 947	138 332	47 503	409 325	4 985
1986	6 870 784	5 835 535	300 847	172 659	54 683	507 060	
1987	7 179 260	6 107 903	308 887	178 122	59 745	524 603	
1988	7 423 732	6 151 751	327 140	160 917	30 043	740 942	12 939
1989	7 608 304	6 221 031	375 613	130 531	91 764	739 267	98
M 80-89	5 604 722	4 770 236	236 005	125 112	40 177	425 463	4 550

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 321

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv. Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	121 832 676	45 282 622	7 512 046	144 410	38 390 075	14 544 457
1981	1 404 400 000	132 654 868	48 788 760	10 714 736	145 919	42 850 201	14 979 783
1982	1 745 000 000	154 590 939	55 436 703	9 992 578	141 782	58 483 932	19 554 386
1983	2 159 500 000	200 046 322	67 625 248	6 929 990	139 608	86 201 345	23 217 022
1984	2 628 200 000	274 669 339	93 880 721	8 509 411	137 357	119 150 106	33 102 310
1985	3 328 300 000	336 234 421	115 599 845	11 290 174	134 151	143 608 449	48 515 246
1986	4 268 800 000	384 656 583	147 549 389	17 988 698	137 984	157 960 208	75 013 959
1987	5 043 900 000	440 056 564	166 408 623	24 706 817	139 638	196 320 235	118 583 554
1988	5 876 900 000	463 333 208	175 023 868	32 014 068	135 619	243 659 055	154 108 140
1989	7 064 000 000	485 645 544	177 975 907	34 147 722	132 270	291 923 558	184 607 414
M 80-89	3 474 450 000	299 372 046	109 357 169	16 380 624	138 874	137 854 716	68 622 627

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 321510: FABRICAÇÃO DE CORDAS E CABOS

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índice Inflação
	Ton.	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980	47 290	3 726 807	6 441 077	37 845	2 479 359	4 285 100	1 214 854	2 099 644	57,8
1981	46 405	3 581 336	5 002 565	39 503	2 644 182	3 693 507	1 235 990	1 726 484	71,5
1982	45 439	4 049 126	4 841 715	33 579	2 900 117	3 467 795	1 329 885	1 590 201	83,6
1983	50 630	3 312 182	3 312 182	42 292	4 592 385	4 592 385	1 766 644	1 766 644	100,0
1984	66 211	8 109 322	6 484 864	48 880	6 302 253	5 039 786	2 226 967	1 780 861	125,0
1985	72 133	9 982 760	6 450 895	49 344	7 401 312	4 782 754	3 240 843	2 094 244	154,7
1986	58 329	9 444 579	4 895 340	46 398	7 106 517	3 683 469	2 912 801	1 509 771	192,9
1987	64 962	9 954 686	4 414 495	46 969	7 308 996	3 241 240	3 261 012	1 446 125	225,5
1988	79 201	12 930 462	5 039 151	51 199	9 817 106	3 825 840	4 629 623	1 804 218	256,6
1989	75 665	13 139 201	4 598 950	53 339	11 209 921	3 923 669	4 352 104	1 523 313	285,7
M 80-89	60 627	7 823 046	5 148 123	44 935	6 176 215	4 053 555	2 617 072	1 734 150	

Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat. Transp.	Inv. Máq.
1980	13	3 698	3 342	224 543	113 040	6 760	1 726	6 894	96 11
1981	14	3 604	3 227	88 052		13 986	24	8 311	65 7
1982	13	3 441	3 068	124 606	- 1 296	- 13 933	220	25 604	114 0
1983	13	3 536	3 164	173 959		25 780	4 829	21 541	121 8
1984	13	3 708	3 341	151 727		2 760	1 903	20 664	126 4
1985	13	3 619	3 275	197 859	871	24 697	20	11 389	160 8
1986	13	3 242	2 913	343 651		75 983	19 734	15 492	232 4
1987	12	3 249	2 918	440 740	1 723	44 304	248	15 062	379 4
1988	12	3 569	3 236	941 634	34 540	93 530	545	45 167	767 8
1989	12	3 650	3 277	1 792 237	43 813	335 937	8 585	55 549	1 348 4
M 80-89	13	3 532	3 176	447 901	32 115	60 980	3 783	22 567	341 3

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	2 511 953	2 166 666	77 043	17 250	27 202	223 688	104
1981	2 345 346	1 973 602	79 858	14 657	18 320	258 667	242
1982	2 719 241	2 308 556	104 108	13 923	68 205	224 328	121
1983	3 745 538	3 227 132	154 939	17 564	29 475	316 346	82
1984	5 882 355	5 120 791	262 270	26 194	39 499	433 028	173
1985	6 741 917	5 876 983	295 810	32 611	67 810	468 441	262
1986	6 531 778	5 523 057	323 969	42 728	73 143	568 768	113
1987	6 693 674	5 645 990	379 140	49 433	35 952	583 063	96
1988	8 300 839	7 191 071	484 143	6 354	66 198	552 668	405
1989	8 787 097	7 574 641	492 176	6 305	83 996	629 453	526
M 80-89	5 425 974	4 660 849	265 346	22 702	50 980	425 845	212

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 321

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv. Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	121 832 676	45 282 622	7 512 046	144 410	38 390 075	14 544 457
1981	1 404 400 000	132 654 868	48 788 760	10 714 736	145 919	42 850 201	14 979 783
1982	1 745 000 000	154 590 939	55 436 703	9 992 578	141 782	58 483 932	19 554 386
1983	2 159 500 000	200 046 322	67 625 248	6 929 990	139 608	86 201 345	23 217 022
1984	2 628 200 000	274 669 339	93 880 721	8 509 411	137 357	119 150 106	33 102 310
1985	3 328 300 000	336 234 421	115 599 845	11 290 174	134 151	143 608 449	48 515 246
1986	4 268 800 000	384 656 583	147 549 389	17 988 698	137 984	157 960 208	75 013 959
1987	5 043 900 000	440 056 564	166 408 623	24 706 817	139 638	196 320 235	118 583 554
1988	5 876 900 000	463 333 208	175 023 868	32 014 068	135 619	243 659 055	154 108 140
1989	7 064 000 000	485 645 544	177 975 907	34 147 722	132 270	291 923 558	184 607 414
M 80-89	3 474 450 000	299 372 046	109 357 169	16 380 624	138 874	137 854 716	68 622 627

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 321520: FABRICAÇÃO DE REDES

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índice Inflação
	Ton.	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980		414 292	716 025	637	173 347	299 597	160 777	277 872	57,86
1981	1 447	509 322	711 443	724	232 950	325 395	174 289	243 454	71,55
1982	1 347	512 792	613 168	769	282 512	337 812	155 146	185 515	83,63
1983	1 428	671 307	671 307	794	366 186	366 186	222 650	222 650	100,00
1984	1 802	1 042 587	833 736	2 058	581 676	465 155	387 393	309 790	125,05
1985	2 003	1 248 738	806 939	1 212	788 048	509 239	425 441	274 921	154,75
1986	2 358	1 460 833	757 183	1 639	1 035 527	536 737	503 429	260 939	192,93
1987	2 734	1 847 996	819 510	2 008	1 445 884	641 190	681 602	302 263	225,50
1988	2 027	2 083 635	812 017	2 462	1 972 585	768 739	754 795	294 152	256,60
1989	3 177	2 611 637	914 119	2 158	1 915 943	670 614	838 829	293 605	285,70
M 80.89	2 036	1 240 314	765 545	1 446	879 466	492 066	430 435	266 516	

Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat. Transp.	Inv. Máq.
1980	12	548	483	43 995		900	288	802	42 00
1981	12	557	491	93 439	150	9 196	6 653	1 983	75 45
1982	11	487	431	40 822	7 920	471	482	4 856	27 05
1983	9	436	393	37 544		1 103	775	4 967	30 65
1984	11	492	445	45 353	405		233	2 438	42 27
1985	11	496	443	106 733		20 407		5 670	80 65
1986	11	539	478	111 640		1 582		4 828	105 23
1987	9	449	395	171 308		2 226	1 034	5 817	162 23
1988	8	401	351	69 838	2 500		2 930	1 560	62 84
1989	11	554	491	158 133	800	48 824		18 666	89 84
M 80.89	11	496	440	87 881	2 355	10 589	1 771	5 159	71 83

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	253 515	217 840	4 334	6 054	944	24 343	
1981	335 033	284 961	6 863	6 274	1 954	34 981	
1982	357 646	296 675	8 826	6 819	2 151	43 175	
1983	448 657	382 556	12 545	7 522	2 417	43 257	360
1984	655 194	567 997	17 246	8 687	3 597	57 307	360
1985	823 297	709 237	23 930	10 066	7 338	72 366	360
1986	957 404	822 121	31 672	1 950	13 246	88 055	360
1987	1 166 394	1 012 305	38 930	1 821	6 218	107 120	
1988	1 328 840	1 119 114	38 326	1 498	9 630	160 272	
1989	1 772 808	1 396 853	50 188	8 254	14 924	302 589	
M 80.89	809 879	680 966	23 286	5 895	6 242	93 347	360

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 321

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv. Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	121 832 676	45 282 622	7 512 046	144 410	38 390 075	14 544 457
1981	1 404 400 000	132 654 868	48 788 760	10 714 736	145 919	42 850 201	14 979 783
1982	1 745 000 000	154 590 939	55 436 703	9 992 578	141 782	58 483 932	19 554 386
1983	2 159 500 000	200 046 322	67 625 248	6 929 990	139 608	86 201 345	23 217 022
1984	2 628 200 000	274 669 339	93 880 721	8 509 411	137 357	119 150 106	33 102 310
1985	3 328 300 000	336 234 421	115 599 845	11 290 174	134 151	143 608 449	48 515 246
1986	4 268 800 000	384 656 583	147 549 389	17 988 698	137 984	157 960 208	75 013 959
1987	5 043 900 000	440 056 564	166 408 623	24 706 817	139 638	196 320 235	118 583 554
1988	5 876 900 000	463 333 208	175 023 868	32 014 068	135 619	243 659 055	154 108 140
1989	7 064 000 000	485 645 544	177 975 907	34 147 722	132 270	291 923 558	184 607 414
M 80.89	3 474 450 000	299 372 046	109 357 169	16 380 624	138 874	137 854 716	68 622 627

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 321910: FABRICAÇÃO DE TELAS IMPERMEÁVEIS, OLEADOS E ENCERADOS

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índice Inflação
	Ton.	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980	5 308	1 657 534	2 864 732	2 751	451 337	780 050	245 746	424 725	57,86
1981	4 998	1 651 216	2 306 490	2 330	409 391	571 855	348 403	486 664	71,55
1982	4 588	1 885 122	2 254 122	2 456	523 713	626 226	430 742	515 057	83,63
1983	4 139	2 376 435	2 376 435	75	43 792	43 792	706 408	706 408	100,00
1984	5 027	3 749 613	2 998 491	132	181 345	145 018	1 370 845	1 096 238	125,01
1985	6 437	5 099 723	3 295 459	113	135 703	87 692	1 910 415	1 234 517	154,71
1986	7 395	6 113 090	3 168 553	318	228 163	118 262	2 394 280	1 241 010	192,93
1987	7 612	6 344 563	2 813 553	571	274 115	121 559	2 017 442	894 653	225,50
1988	7 783	7 609 746	2 965 606	892	406 004	158 224	2 530 166	986 035	256,60
1989	6 184	7 707 676	2 697 821	1 375	790 844	276 809	2 126 312	744 246	285,70
M 80.89	5 947	4 419 472	2 774 126	1 101	344 441	292 949	1 408 076	832 955	

Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat. Transp.	Inv. Máq
1980	13	1 128	947	47 775	606	10 980	725	3 005	32 45
1981	13	1 063	891	43 994	33	1 732	726	7 123	34 38
1982	13	979	796	12 154		544	1 592	3 249	6 76
1983	12	889	746	18 521	45	2 008		4 104	12 36
1984	12	863	721	105 522		34 778	12 067	6 953	51 71
1985	10	836	697	70 859		9 842	263	12 495	48 21
1986	10	840	700	343 425	12 000	43 190	12 571	6 422	269 24
1987	10	863	736	730 041		77 767	7 753	23 365	621 11
1988	10	939	824	700 928		70 539	13 956	48 044	568 38
1989	10	918	802	286 189		35 871	7 598	47 825	194 85
M 80.89	11	932	786	235 941	3 171	28 725	6 361	16 259	183 96

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	1 411 788	1 204 464	32 538	28 426	5 918	140 442	
1981	1 302 813	1 075 170	38 201	45 797	4 915	138 730	
1982	1 454 380	1 183 337	50 637	51 394	8 151	160 861	
1983	1 670 027	1 385 710	61 796	48 200	9 031	165 290	
1984	2 378 768	1 986 849	73 432	90 512	12 145	215 830	
1985	3 189 308	2 677 505	90 458	112 328	18 906	290 111	
1986	3 718 810	3 166 770	91 677	126 957	23 404	309 947	55
1987	4 327 121	3 709 452	117 136	90 397	14 095	395 981	60
1988	5 079 580	4 314 861	170 398	102 904	35 342	456 075	
1989	5 581 364	4 698 484	193 159	128 529	36 221	524 971	
M 80.89	3 011 396	2 540 260	91 943	82 544	16 813	279 824	58

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 321

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv. Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	121 832 676	45 282 622	7 512 046	144 410	38 390 075	14 544 457
1981	1 404 400 000	132 654 868	48 788 760	10 714 736	145 919	42 850 201	14 979 783
1982	1 745 000 000	154 590 939	55 436 703	9 992 578	141 782	58 483 932	19 554 386
1983	2 159 500 000	200 046 322	67 625 248	6 929 990	139 608	86 201 345	23 217 022
1984	2 628 200 000	274 669 339	93 880 721	8 509 411	137 357	119 150 106	33 102 310
1985	3 328 300 000	336 234 421	115 599 845	11 290 174	134 151	143 608 449	48 515 246
1986	4 268 800 000	384 656 583	147 549 389	17 988 698	137 984	157 960 208	75 013 959
1987	5 043 900 000	440 056 564	166 408 623	24 706 817	139 638	196 320 235	118 583 554
1988	5 876 900 000	463 333 208	175 023 868	32 014 068	135 619	243 659 055	154 108 140
1989	7 064 000 000	485 645 544	177 975 907	34 147 722	132 270	291 923 558	184 607 414
M 80.89	3 474 450 000	299 372 046	109 357 169	16 380 624	138 874	137 854 716	68 622 627

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 322: INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índice Inflação
	1000 PEÇAS	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980	44 460	26 899 750	46 491 099	18 770	20 209 593	34 928 436	9 320 915	16 109 428	57,84
1981	41 072	30 822 883	43 054 733	19 402	22 803 565	31 853 003	11 147 378	15 571 138	71,59
1982	45 850	38 554 244	46 100 973	23 731	33 009 117	39 470 426	14 845 805	17 751 770	83,61
1983	47 677	50 170 739	50 170 739	28 455	52 550 226	52 550 226	19 082 180	19 082 180	100,00
1984	48 605	67 712 821	54 148 597	35 694	84 741 673	67 766 232	24 951 574	19 953 278	125,00
1985	50 652	87 936 408	56 824 819	44 752	129 754 044	83 847 524	31 043 947	20 060 709	154,71
1986	52 748	109 640 210	56 829 011	54 457	165 925 684	86 003 050	37 970 802	19 681 129	192,91
1987	55 219	131 287 388	58 220 571	59 560	213 730 620	94 780 763	46 207 247	20 491 019	225,51
1988	59 658	145 533 648	56 716 153	58 027	227 877 612	88 806 552	53 023 318	20 663 803	256,61
1989	46 588	168 890 299	59 114 560	66 756	275 177 166	96 316 824	59 192 326	20 718 350	285,71
M 80.89	49 253	85 744 839	52 767 126	40 960	122 577 930	67 632 304	30 678 549	19 008 280	

Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat.Transp.	Inv. Máq
1980	458	41 551	37 955	1 293 525	31 183	442 035	28 140	119 028	673 11
1981	464	40 946	37 339	1 092 143	6 564	251 964	26 224	99 232	708 11
1982	471	41 368	38 018	1 576 728	17 517	404 945	69 959	149 341	934 90
1983	500	43 773	40 297	2 183 604	20 337	666 483	95 905	205 970	1 194 90
1984	516	45 545	41 742	2 403 035	29 982	533 134	45 067	192 174	1 602 61
1985	498	46 596	42 747	3 599 706	175 268	956 277	111 063	219 147	2 137 91
1986	474	47 127	43 282	3 573 949	135 857	663 921	135 375	243 558	2 395 21
1987	518	51 206	46 981	5 086 344	215 313	1 019 989	104 587	533 982	3 212 47
1988	514	52 929	48 513	6 637 341	220 481	1 825 104	183 270	433 481	3 975 00
1989	525	55 909	51 527	7 361 163	81 915	1 903 010	183 146	507 629	4 685 40
M 80.89	494	46 695	42 840	3 480 754	93 442	866 686	98 274	270 354	2 151 99

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	17 578 835	14 147 857	205 790	1 392 594	138 299	1 677 146	17 149
1981	19 675 505	15 787 023	256 082	1 534 368	113 530	1 971 105	13 397
1982	23 708 439	18 843 960	381 465	1 987 548	126 901	2 344 417	24 148
1983	31 088 559	24 016 586	544 865	3 104 356	172 310	3 223 679	26 763
1984	42 761 247	32 849 905	791 592	4 548 376	299 456	4 223 252	48 666
1985	56 892 461	43 951 378	1 022 956	6 336 599	292 489	5 138 288	150 751
1986	71 669 408	55 140 329	1 044 382	8 394 291	346 909	6 509 980	233 517
1987	85 080 141	64 435 234	1 147 625	11 147 202	483 792	7 661 477	204 811
1988	92 510 330	69 412 621	1 363 373	12 205 672	514 658	8 614 846	399 160
1989	109 697 973	80 678 808	1 760 626	16 025 928	780 470	9 946 498	505 643
M 80.89	55 066 290	41 926 370	851 876	6 667 693	326 881	5 131 069	162 401

VALORES DA TOTALIDADE DA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv. Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	898 715 164	280 927 193	43 029 217	694 215	231 600 000	266 038 000
1981	1 404 400 000	1 107 073 391	322 453 323	56 307 501	695 301	256 913 000	323 647 000
1982	1 745 000 000	1 363 534 562	371 991 790	83 278 057	686 830	331 743 000	401 967 000
1983	2 159 500 000	1 769 122 111	471 326 020	85 970 675	676 184	508 600 000	456 901 000
1984	2 628 200 000	2 250 216 575	606 768 786	71 794 329	656 365	760 562 000	556 804 000
1985	3 328 300 000	2 691 077 934	714 218 854	73 076 997	632 476	971 743 000	707 377 000
1986	4 268 800 000	2 908 401 861	855 722 959	100 015 264	631 676	1 082 225 000	914 766 000
1987	5 043 900 000	3 327 658 264	1 057 856 145	135 837 843	631 082	1 311 003 000	1 288 762 000
1988	5 876 900 000	3 833 883 183	1 220 489 908	168 918 298	620 899	1 581 957 000	1 898 119 000
1989	7 064 000 000	4 321 010 914	1 332 018 249	192 421 580	617 579	2 015 711 000	2 167 594 000
M 80.89	3 474 450 000	2 447 069 396	723 377 323	101 064 976	654 261	905 205 700	898 197 500

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 322020: CONFECÇÃO DE ARTIGOS DE VESTUÁRIO EM SÉRIE

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índice Inflação
	1000 PEÇAS	VBP	VBP(Const)	Ton.	Valor	Valor(Const)			
1980	43 558	26 634 723	46 033 050	18 701	20 067 169	34 682 283	9 210 143	15 917 980	57,86
1981	40 264	30 564 531	42 693 855	19 325	22 642 626	31 628 197	11 057 578	15 445 702	71,55
1982	45 038	38 288 748	45 783 508	23 698	32 920 502	39 364 465	14 717 830	17 598 744	83,63
1983	47 061	49 881 947	49 881 947	28 413	52 406 981	52 406 981	18 927 016	18 927 016	100,00
1984	48 030	67 340 643	53 850 974	35 636	84 498 101	67 571 452	24 767 902	19 806 399	125,00
1985	50 140	87 543 569	56 570 965	44 685	129 460 442	83 657 798	30 872 863	19 950 154	154,71
1986	52 321	109 179 601	56 590 266	54 375	165 593 430	85 830 835	37 742 380	19 562 733	192,93
1987	54 768	130 706 726	57 963 071	59 486	213 333 586	94 604 694	45 927 626	20 367 018	225,50
1988	59 154	144 758 673	56 414 136	57 891	227 408 471	88 623 722	52 643 940	20 515 955	256,60
1989	46 087	168 062 478	58 824 809	66 673	274 599 112	96 114 495	58 760 594	20 567 236	285,70
M 80.89	48 642	85 296 164	52 460 658	40 888	122 293 042	67 448 492	30 462 787	18 865 894	

Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat. Transp.	Inv. Máq
1980	437	40 903	37 382	1 284 799	31 183	442 035	27 775	118 903	664 90
1981	444	40 309	36 783	1 089 535	6 564	251 964	25 934	98 525	706 54
1982	451	40 779	37 497	1 573 198	17 517	404 945	66 453	149 341	934 94
1983	482	43 219	39 802	2 180 082	20 337	666 483	95 905	205 320	1 192 00
1984	501	45 034	41 283	2 400 232	29 982	533 134	45 067	191 094	1 600 90
1985	482	46 112	42 305	3 541 100	173 490	948 713	111 063	217 828	2 090 00
1986	461	46 710	42 904	3 572 337	135 857	663 921	134 003	243 558	2 394 90
1987	505	50 792	46 604	5 080 652	215 313	1 019 989	103 411	530 089	3 211 80
1988	500	52 472	48 122	6 634 073	220 481	1 825 104	183 270	434 502	3 970 70
1989	512	55 459	51 146	7 258 516	81 915	1 806 735	183 146	505 383	4 681 30
M 80.89	478	46 179	42 383	3 461 452	93 264	856 302	97 603	269 454	2 144 80

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	17 424 580	14 019 049	199 720	1 392 594	137 988	1 658 080	17 149
1981	19 506 953	15 636 130	247 421	1 532 552	113 343	1 964 110	13 397
1982	23 570 918	18 729 188	371 804	1 987 277	126 750	2 331 751	24 148
1983	30 954 931	23 912 878	534 329	3 104 356	171 184	3 205 421	26 763
1984	42 572 741	32 695 100	775 850	4 548 376	299 168	4 205 581	48 666
1985	56 670 706	43 765 824	1 004 058	6 336 599	291 277	5 122 197	150 751
1986	71 437 221	54 950 775	1 026 113	8 394 238	343 780	6 488 798	233 517
1987	84 779 100	64 192 663	1 127 269	11 147 202	469 947	7 637 208	204 811
1988	92 114 733	69 072 752	1 341 338	12 203 292	512 592	8 585 599	399 160
1989	109 301 884	80 345 588	1 737 464	16 022 288	776 928	9 915 118	504 498
M 80.89	54 833 377	41 731 995	836 537	6 666 877	324 296	5 111 386	162 286

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 322

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv. Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	26 899 750	9 320 915	673 139	41 551	20 209 593	384 511
1981	1 404 400 000	30 822 883	11 147 378	708 159	40 946	22 803 565	605 059
1982	1 745 000 000	38 554 244	14 845 805	934 966	41 368	33 009 117	1 036 250
1983	2 159 500 000	50 170 739	19 082 180	1 194 909	43 773	52 550 226	1 114 949
1984	2 628 200 000	67 712 821	24 951 574	1 602 678	45 545	84 741 673	1 176 854
1985	3 328 300 000	87 936 408	31 043 947	2 137 951	46 596	129 754 044	1 960 385
1986	4 268 800 000	109 640 210	37 970 802	2 395 238	47 127	165 925 684	5 263 300
1987	5 043 900 000	131 287 388	46 207 247	3 212 473	51 206	213 730 620	11 240 027
1988	5 876 900 000	145 533 648	53 023 318	3 975 005	52 929	227 877 612	16 157 979
1989	7 064 000 000	168 890 299	59 192 326	4 685 463	55 909	275 177 166	22 765 887
M 80.89	3 474 450 000	85 744 839	30 678 549	2 151 998	46 695	122 577 930	6 170 520

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)

CAE 322030: CONFECÇÃO DE ARTIGOS DE CHAPELARIA

Ano	PRODUÇÃO			EXPORTAÇÃO			VAB	VAB(Const.)	Índice Inflação
	1000 PEÇAS	VBP	VBP(Const.)	Ton.	Valor	Valor(Const.)			
1980	902	265 027	458 049	69	142 424	246 153	110 772	191 448	57,80
1981	808	258 352	360 877	77	160 939	224 807	89 800	125 437	71,50
1982	812	265 496	317 465	33	88 615	105 961	127 975	153 025	83,60
1983	616	288 792	288 792	42	143 245	143 245	155 164	155 164	100,00
1984	575	372 178	297 623	58	243 572	194 780	183 672	146 879	125,00
1985	512	392 839	253 854	67	293 602	189 727	171 084	110 555	154,70
1986	427	460 609	238 744	82	332 254	172 215	228 422	118 396	192,90
1987	451	580 662	257 500	74	397 034	176 068	279 621	124 000	225,50
1988	504	774 975	302 017	136	469 141	182 830	379 378	147 848	256,60
1989	501	827 821	289 752	83	578 054	202 329	431 732	151 114	285,70
M 80.89	611	448 675	306 467	72	284 888	183 811	215 762	142 387	

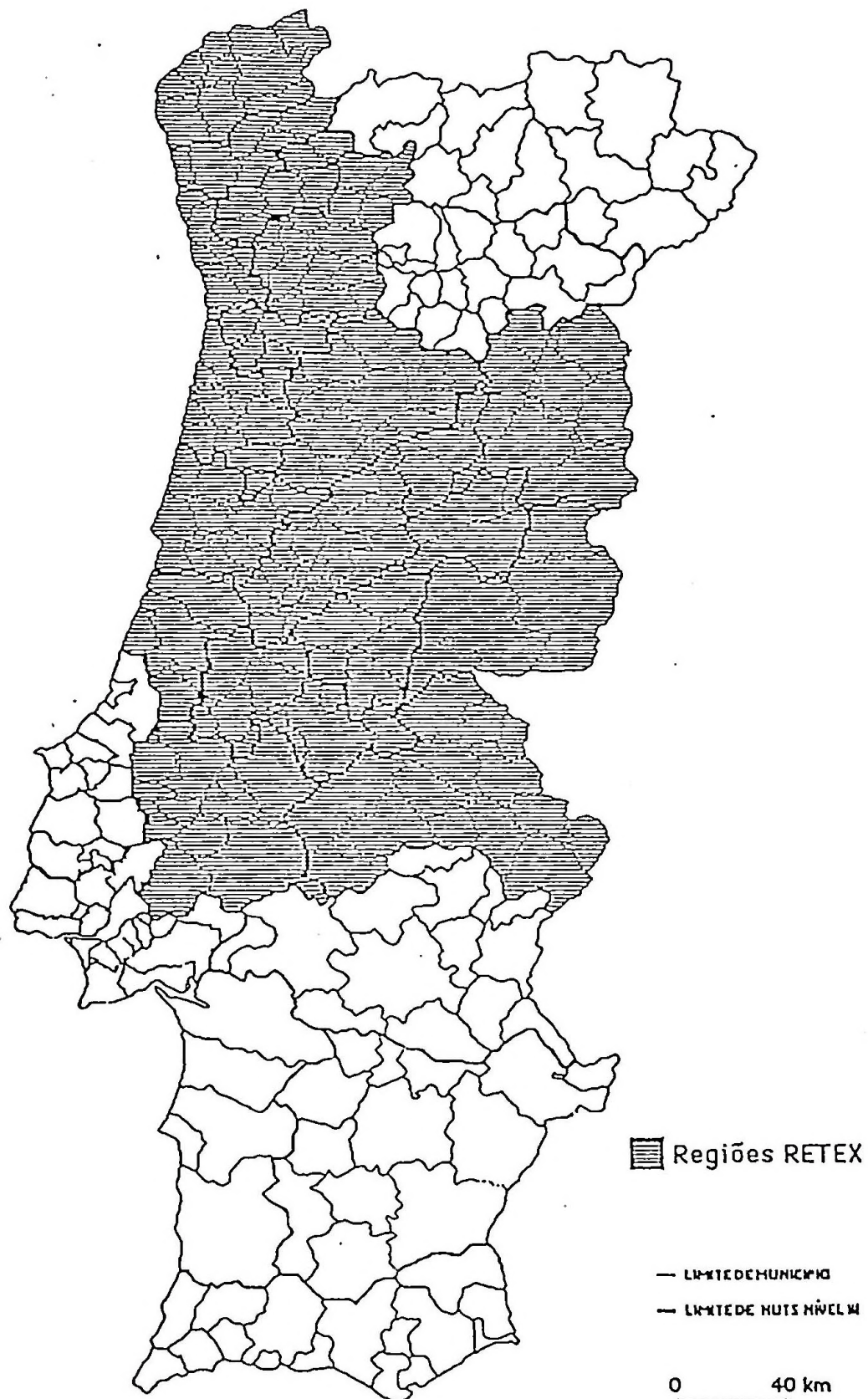
Ano	Estabelecimentos	Pessoal	Operários	F. B. C. F.					
				Total	Terrenos	Edifícios	Obras	Mat.Transp.	Inv. Máq
1980	21	648	573	8 726			365	125	8 20
1981	20	637	556	2 608			290	707	1 60
1982	20	589	521	3 530			3 506		
1983	18	554	495	3 522				650	2 80
1984	15	511	459	2 803				1 080	1 70
1985	16	484	442	58 606	1 778	7 564		1 319	47 90
1986	13	417	378	1 612			1 372		20
1987	13	414	377	5 692			1 176	3 893	60
1988	14	457	391	3 268				- 1 021	4 20
1989	13	450	381	102 647		96 275		2 246	4 10
M 80.89	16	516	457	19 301	1 778	51 920	1 342	1 125	7 10

Ano	CONSUMOS						
	Total	Matérias	Energia	Subcontratos	Rep. + Man.	Serv. Ind.	Patentes
1980	154 255	128 808	6 070		311	19 066	
1981	168 552	150 893	8 661	1 816	187	6 995	
1982	137 521	114 772	9 661	271	151	12 666	
1983	133 628	103 708	10 536		1 126	18 258	
1984	188 506	154 805	15 742		288	17 671	
1985	221 755	185 554	18 898		1 212	16 091	
1986	232 187	189 554	18 269	53	3 129	21 182	
1987	301 041	242 571	20 356		13 845	24 269	
1988	395 597	339 869	22 035	2 380	2 066	29 247	
1989	396 089	333 220	23 162	3 640	3 542	31 380	1 145
M 80.89	232 913	194 375	15 339	1 632	2 586	19 683	1 145

VALORES DA TOTALIDADE DA CAE 322

Ano	PNB	VBP	VAB	Inv. Máquinas	Pessoal	Exportações	Importações
1980	1 225 500 000	26 899 750	9 320 915	673 139	41 551	20 209 593	384 511
1981	1 404 400 000	30 822 883	11 147 378	708 159	40 946	22 803 565	605 059
1982	1 745 000 000	38 554 244	14 845 805	934 966	41 368	33 009 117	1 036 250
1983	2 159 500 000	50 170 739	19 082 180	1 194 909	43 773	52 550 226	1 114 949
1984	2 628 200 000	67 712 821	24 951 574	1 602 678	45 545	84 741 673	1 176 854
1985	3 328 300 000	87 936 408	31 043 947	2 137 951	46 596	129 754 044	1 960 385
1986	4 268 800 000	109 640 210	37 970 802	2 395 238	47 127	165 925 684	5 263 300
1987	5 043 900 000	131 287 388	46 207 247	3 212 473	51 206	213 730 620	11 240 027
1988	5 876 900 000	145 533 648	53 023 318	3 975 005	52 929	227 877 612	16 157 979
1989	7 064 000 000	168 890 299	59 192 326	4 685 463	55 909	275 177 166	22 765 887
M 80.89	3 474 450 000	85 744 839	30 678 549	2 151 998	46 695	122 577 930	6 170 520

Fonte: INE (Unidades com expressão monetária: milhares de escudos)



Cluster Analysis

Data: CL3.VBP
 CL3.VAB
 CL3.Exp

```

WORKAREA.CLUSTERS
CL3      .var1
CL3      .VBP
CL3      .VAB
CL3      .Exp
BOLSA    .UCVC88
BOLSA    .CMVC88
BOLSA    .UCVC89
BOLSA    .CMVC89
BOLSA    .UCVC90
BOLSA    .CMVC90
BOLSA    .UCVC91
BOLSA    .CMVC91
BTA      .TAXCOMP
BTA      .JAN88
BTA      .TAX4D
BTA      .TAX5D
    
```

bers
trix

Labels: CL3.var1

Method: Average Clusters: 3
 X-axis: 1 Y-axis: 2
 Codes: ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

Distan size: Yes
 Z-axis Yes
 Colors: 12312312312312312312312

Highlight desired entry and press ENTER to select.

1Help 2Edit 3Savscr 4Prtscr 5 6Go 7Vars 8Cmd 9Device 10Quit
 INPUT 3/29/93 14:01 STATGRAPHICS Vers.4.0 Display CLUSTER

Results of Clustering by Average Method

Observation	Cluster	Cluster	Frequency	Percentage
1. Rendas	1	1	6	42.8571
2. Redes	1	2	2	14.2857
3. Telas	1	3	2	14.2857
4. Malhas	1	4	4	28.5714
5. Vest	1			
6. Pass	2			
7. Bordados	2			
8. Sacaria	3			
9. Cordas	1			
10. Las	4			
11. Alcatifas	4			
12. Algd	4			
13. F.Brandas	3			
14. Chapeus	4			

ANEXO 2: ANÁLISE DE CORRELAÇÃO LINEAR ENTRE O RANKING DOS SUBSECTORES (A) E OS ONZE INDICADORES (B a L)

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
A	1,0000	0,5692	-0,4549	0,0901	0,0593	-0,1077	-0,2106	0,0549	0,5780	0,2352	-0,1648	0,2571
	0,0000	0,0336	0,1022	0,7593	0,8403	0,7140	0,4699	0,8520	0,0304	0,4183	0,5733	0,3748
B	0,5692	1,0000	-0,3231	0,0901	0,0769	-0,2879	-0,4790	-0,0198	0,4022	0,2703	0,2659	-0,1560
	0,0336	0,0000	0,2599	0,7593	0,7938	0,3182	0,0831	0,9465	0,1540	0,3499	0,3581	0,5942
C	-0,4549	-0,3231	1,0000	-0,0374	-0,0110	-0,1604	-0,0069	0,0813	-0,9165	-0,1604	-0,4198	0,1429
	0,1022	0,2599	0,0000	0,8991	0,9703	0,5838	0,9812	0,7823	0,0000	0,5838	0,1351	0,6261
D	0,0901	0,0901	-0,0374	1,0000	0,9912	0,2791	0,1319	0,0637	0,1780	0,0901	0,1956	-0,1385
	0,7593	0,7593	0,8991	0,0000	0,0000	0,3338	0,6531	0,8286	0,5426	0,7593	0,5028	0,6369
E	0,0593	0,0769	-0,0110	0,9912	1,0000	0,3275	0,1828	0,0330	0,1692	0,0505	0,2132	-0,0813
	0,8403	0,7938	0,9703	0,0000	0,0000	0,2531	0,5316	0,9109	0,5630	0,8637	0,4643	0,7823
F	-0,1077	-0,2879	-0,1604	0,2791	0,3275	1,0000	0,9372	0,0022	0,2220	-0,1209	-0,0857	0,3802
	0,7140	0,7140	0,0000	0,3338	0,0000	0,0000	0,0000	0,9941	0,4456	0,6806	0,7708	0,1799
G	-0,2106	-0,4790	-0,0069	0,1319	0,1828	0,9372	1,0000	0,1319	0,0301	-0,2707	-0,1689	0,5114
	0,4699	0,0831	0,0000	0,6531	0,5316	0,0000	0,0000	0,6531	0,9187	0,3491	0,5637	0,0616
H	0,0549	-0,0198	0,0813	0,0637	0,0330	0,0022	0,1319	1,0000	-0,3099	-0,5033	0,0945	0,0901
	0,8520	0,9465	0,7823	0,8286	0,9109	0,9941	0,6531	0,0000	0,2809	0,0666	0,7479	0,7593
I	0,5780	0,4022	-0,9165	0,1780	0,1692	0,0022	0,0301	-0,3099	1,0000	0,3890	0,3363	0,0110
	0,0304	0,1540	0,0000	0,5426	0,5630	0,4456	0,9187	0,2809	0,0000	0,1692	0,2398	0,9703
J	0,2352	0,2703	-0,1604	0,0901	0,0505	-0,1209	-0,2707	-0,5033	0,3890	1,0000	0,1692	-0,1516
	0,4183	0,3499	0,5838	0,7593	0,8637	0,6806	0,3491	0,0666	0,1692	0,0000	0,5630	0,6048
K	-0,1648	0,2659	-0,4198	0,1956	0,2132	-0,0857	-0,1689	0,0945	0,3363	0,1692	1,0000	-0,3495
	0,5733	0,3581	0,1351	0,5028	0,4643	0,7708	0,7479	0,7479	0,2398	0,5630	0,0000	0,2207
L	0,2571	-0,1560	0,1429	-0,1385	-0,0813	0,3802	0,5114	0,0901	0,0110	-0,1516	-0,3495	1,0000
	0,3748	0,5942	0,6261	0,6369	0,7823	0,1799	0,0616	0,7593	0,9703	0,6048	0,2207	0,0000

COEFICIENTE; NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA



A INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÕES NA IMPRENSA

1. AGAPITO, LUÍSA, Marketing de Confecções no Reino Unido - Circuitos de Comercialização, *Exportar*, 5, (Jan./Fev., 1989), 20
2. AGAPITO, LUÍSA e CANIZES, M. ALBERTA Têxteis-Lar no Reino Unido - Grande Concorrência, *Exportar*, 17, (Jan./Fev., 1991), 80
3. ALFAIATE, ANTÓNIO, Exportação Liberalizada, *Exportar*, 6, (Mar./Abr., 1989), 37
4. ALMEIDA, JOSÉ RAMALHO, Entrevista a *Revista das Empresas*, 77, (Mai., 1990), 60
5. ANTUNES, JAIME, Os Têxteis, *Semanário Económico*, 362, (Dez., 17, 1993), 2
6. ARAÚJO MOREIRA, Estamparia Adalberto Passa da Quase Falência ao Topo do Ranking, *Diário de Notícias - Suplemento Negócios*, 45611, (Fev., 7, 1994), 13
7. ARAÚJO MOREIRA, Núvens Negras sobre a Têxtil, *Semanário Económico*, 332, (Mai., 1993), 4
8. ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA, A Situação da Indústria Portuguesa, *A Indústria do Norte*, 41, (Mar., 1993), 29
9. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JOVENS EMPRESÁRIOS, A Crise Têxtil no Vale do Ave, *Jovens Empresários*, 10, (s/ data), 6
10. BANCO DE FOMENTO E EXTERIOR, Criado o Sistema de Incentivos à Diversificação Industrial do Vale do Ave (Sindave), *Boletim Informativo*, 5/6, (Mai./Jun., 1992), 1
11. BARROSO, FERNANDO, Malhas Buscam Novos mercados no Oriente, *Competir*, 3, (Set./Dez., 1991), 40
12. BASTOS, J. PEREIRA, Que Mercado Cabe ao Têxtil nos Estados Unidos, *Diário Económico*, 828, (Jan., 26, 1994), 6
13. BESSA, LUÍSA, Reestruturação dos Têxteis Belgas: Salvamento em Contracorrente, *Público - Suplemento de Economia*, 1217, (Jul., 5, 1993), 15

14. BESSA, LUÍSA, O Portugal de Michael Porter - Têxteis: O Calcanhar de Aquiles, *Público - Suplemento de Economia*, 1294, (Set.,20, 1993), 16
15. BESSA, LUÍSA, Lenta Subida da Actividade no Vale do Ave - Entre a Crise e a Recuperação - O Sinal dos Têxteis, *Público - Suplemento de Economia*, 1364, (Nov., 29, 1993), 12
16. BESSA, LUÍSA, Monitor Company e Empresários Estão de Acordo - Associações a Mais nos Têxteis, *Público - Suplemento de Economia*, 1379, (Dez., 14, 1993), 11
17. BESSA, LUÍSA, João Cravinho e o Impacto do GATT - Menos 80 Mil Empregos no Têxtil Português, *Público*, 1460, (Mar., 6, 1994), 49
18. CARDOSO, JOAQUIM, Mal Empregues Incentivos Comunitários para a Indústria Têxtil, *Revista de Empresários e Negócios*, 8/9, (Ago./Set., 1990),27
19. CARVALHO, MANUEL, IVA Social nos Têxteis, *Público*, 1204, (Jun., 22, 1993), 42
20. CASTRO, LUÍS M., Cooperação Entre Empresas: Necessidade e Propensão (Algumas Reflexões e um Mini-Inquérito a Empresas Têxteis), *A Indústria do Norte*, 41, (Mar., 1993), 77
21. CÉSAR, ORLANDO, Mais Falências e Salários em Atraso, *Sábado*, 270, (Jul., 1993), 90
22. COMISSÃO EUROPEIA, O Reforço da Competividade da Indústria Comunitária dos Têxteis e Vestuário, *Indústria*, 9, (Set., 1991), 17
23. CORREIA, GERALDINE, As Campeãs Nacionais do Design (Somelos), *Exame*, 54, (Set., 1993), 48
24. CORREIO DA MANHÃ, Têxteis Vão Ter Dinheiro Mais Barato, *Correio da Manhã*, 5286, (Out., 21, 1993), 14
25. COSTA, J. LEMOS, As Recentes Negociações do Uruguay Round no Contexto do GATT e suas Implicações na Indústria Têxtil e de Vestuário Portuguesa, *Alfândega - Revista Aduaneira*, 13/14, (Jan./Jul., 1989), 48
26. COSTA, MANUEL G., Crise dos Têxteis e Competitividade Industrial, *Cadernos de Economia*,18, (Jan./Mar., 1992), 45
27. CRUZ, ANA, Portugal Critica Uruguay Round, *Diário Económico*, 786, (Nov., 8, 1993), 7

28. CRUZ, VALDEMAR, Têxtil Receia Factor Chinês, *Expresso - Suplemento Económico*, 1092, (Out., 2, 1993), 6
29. CRUZ, VALDEMAR, CTV Processa Hugo Boss, *Expresso - Suplemento Económico*, 1094, (Out., 16, 1993), 7
30. CURTO, J. DIAS, Grupos Estratégicos e Performance - Um Contributo para a Caracterização do Sector Têxtil Português, *Revista Portuguesa de Gestão*, 1, (1993), 67
31. DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Têxteis Africanos Assaltam CE, *Suplemento Internacional/Negócios*, 45436, (Ago., 16, 1993), 9
32. DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Em nome da Moda Industrial, *Suplemento Internacional/Negócios*, 45615, (Fev., 11, 1994), 22
33. DIÁRIO ECONÓMICO, Exportações Portuguesas Menos Competitivas em 1992, 720, (Jul., 12, 1993), 3
34. DIÁRIO ECONÓMICO, Empresas do Vale do Ave Vivem de Subcontratação, 721, (Jul., 13, 1993), 2
35. DIÁRIO ECONÓMICO, Têxteis não Querem Pagar para Reembolsar o IVA, 727, (Jul., 22, 1993), 3
36. DIÁRIO ECONÓMICO, Metade das Têxteis Algodoeiras Pode Encerrar no Curto Prazo, 765, (Set., 28, 1993), 3
37. DIÁRIO ECONÓMICO, Lameirinho, Somelos e Coelima Reduzem Custos, 773, (Out., 13, 1993), 8
38. DIÁRIO ECONÓMICO, Maconde Estuda Entrada em França e no Leste Europeu, 782, (Out., 28, 1993), 8
39. DIÁRIO ECONÓMICO, Desde 74 Covilhã Perde 97 Empresas de Lanifícios, 805, (Dez., 14, 1993), 1
40. DIÁRIO ECONÓMICO, Ministros Garantiram no Porto aos Industriais - Gatt Melhor que o Multifibras para os Têxteis Portugueses, 810, (Dez., 22, 1993), 24
41. DIÁRIO ECONÓMICO, Sulpedip e Norpedip Entram no Capital da Penteadora, 840, (Fev., 17, 1994), 10
42. DIÁRIO ECONÓMICO, Empresas Têxteis do Vale do Ave em Processo de Falência, 843, (Fev., 23, 1994), 6
43. DIAS, JOSÉ M. S. e REBORDÃO, JOSÉ M. R., CADIN - Um Sistema de CAD para a Indústria de Confecções Têxteis, *Revista de Gestão*, 7, (Abr., 1989), 37

44. ELEUTÉRIO, VITOR L., Contas da História - Têxteis: Vítimas Eternas de Acordos Internacionais, *Diário de Notícias - Suplemento Negócios*, 45631, (Fev., 28, 1994), 12
45. EXPRESSO, Formação Têxtil em Moldes Europeus, *Suplemento Publimédia*, 1075, (Jun., 12, 1993), 14
46. EXPRESSO, Indústrias de Vestuário Candidatam-se ao RETEX, *Suplemento Económico*, 1096, (Out., 30, 1993), 7
47. EXPRESSO, Gatt - Análise Sumária da Acta Final, *Suplemento Especial*, 1109, (Jan., 29, 1994), 7
48. FARIA DE OLIVEIRA, F., GATT - Negociações e Consequências, *Exportar*, 27, (Abr./Jun., 1993), 18
49. FERRAZ DA COSTA, P., Têxteis Portugueses - Que Presente? Que Futuro?, *Indústria*, 9, (Set., 1991), 16
50. FERREIRA, ELISA, Porter, *Público - Suplemento de Economia*, 1231, (Jul., 29, 1993), 19
51. FLAIDEIRO, JOSÉ, Lanifícios da Covilhã - Dinâmica de Transição, *Exportar*, 10, (Nov./Dez., 1989), 22
52. FIEL, JORGE, e CRUZ, VALDEMAR, À Moda de Pombal, *Expresso - Suplemento de Economia*, 1104, (Dez., 24, 1993), 3
53. FIEL, JORGE, Coelima a Caminho da Recuperação, *Expresso - Suplemento de Negócios*, 1107, (Jan., 15, 1994), 5
54. FLÓRIDO, MANUEL, Eurico de Melo Aponta Meios Para Sair da Crise, *Jornal de Notícias - 500 Maiores Empresas do Norte*, (Dez., 1993), 20
55. GARRETT, GONÇALO A., A Indústria de Lanifícios e a Integração Europeia, *Competir*, 3, (Set./Dez., 1991), 37
56. GONÇALVES, FERNANDO, Paulo Oliveira Pretende Ser a Maior Fábrica do Mundo, *Semanário Económico*, 366, (Jan., 14, 1994), 20
57. GOULÃO, JOSÉ, A Bomba Têxtil, *Valor*, 113, (Dez., 30 1993), 39
58. GRANJA, CARLOS, Dossier Têxteis 92, *Alfândega - Revista Aduaneira*, 13/14, (Jan./Jul., 1989), 48
59. HESPANHA, M. CÉU, Qualidade, Qualidade, Qualidade, *Exportar*, 1, (Abr./Mai., 1988), 33
60. IAPMEI, Novas Tecnologias no Sector do Vestuário, *Pequena e Média Empresa*, 14, (Out., 1989), 21

61. IAPMEI, Melka - O Computador é quem Risca, *Pequena e Média Empresa*, 14, (Out., 1989), 23
62. IAPMEI, Mimalha: A Vantagem Competitiva, *Pequena e Média Empresa*, 1, (Abr., 1991), 44
63. IAPMEI, Vale do Ave: Incentivos e Apoios, *Pequena e Média Empresa*, 2, (Jul., 1991), 7
64. IAPMEI, IPETEX - Vencer o Desafio, *Pequena e Média Empresa*, 3, (Out., 1991), 20
65. IAPMEI, Indústrias Têxteis, Vestuário e Calçado, *Pequena e Média Empresa*, Nº. Especial, (Jul., 1992), 25
66. IAPMEI, O Galardão PME Prestígio, Mimalha um Exemplo a Seguir, *Pequena e Média Empresa*, Nº. Especial, (Jul., 1992), 28
67. IAPMEI, Sotave - Sociedade Têxtil dos Amieiros, Dinamismo e Capacidade de Trabalho, *Pequena e Média Empresa*, Nº. Especial, (Jul., 1992), 31
68. IAPMEI, Têxtil António Falcão - O Segredo da Verticalização, *Pequena e Média Empresa*, Nº. Especial, (Jul., 1992), 34
69. IAPMEI, Programa Sindave Dá Incentivos à Diversificação, *Pequena e Média Empresa*, 7, (Set., 1992), 10
70. IAPMEI, Tópico Têxtil: Despoluir os Efluentes e Poupar Energia, *Pequena e Média Empresa*, 8, (Jan., 1993), 74
71. IAPMEI, Têxteis e Vestuário Têm Programa de Apoio, 8, (Jan., 1993), 12
72. IAPMEI, JFV Têxteis: A Utilidade de um Diagnóstico de Produção, *Pequena e Média Empresa*, 8, (Jan., 1993), 102
73. IAPMEI, Programa Operacional RETEX, *Pequena e Média Empresa*, 11, (Out./Dez..., 1993), 6
74. IBM HOJE, Histórias de Sucesso: Supercorte, 25, (Jun., 1993), 10
75. IBM HOJE, Histórias de Sucesso: Conde - Malhas e Confecções, 25, (Jun., 1993), 12
76. ICEP, Competir no Mercado Internacional, *Exportar*, 1, (Abr./Mai., 1988), 32
77. ICEP, Qualidade e Moda Motivam Procura, *Exportar*, 2, (Jul./Ago., 1988), 28
78. ICEP, Multifibras - História de um Acordo, *Exportar*, 2, (Jul./Ago., 1988), 36

79. ICEP, Bordado da Madeira Firme no Estrangeiro, *Exportar*, 4, (Nov./Dez., 1988), 15
80. ICEP, Apresentação das Tendências - Lançado o Centro da Moda, *Exportar*, 4, (Nov./Dez., 1988), 17
81. ICEP, Tapetes de Arraiolos - Imitações Ameaçam Exportações, *Exportar*, 5, (Jan./Fev., 1989), 16
82. ICEP, Cenoura - A Experiência do Franchising, *Exportar*, 7, (Mai./Jun., 1989), 1
83. ICEP, Exportações de Têxteis para o Japão - O Segredo da Qualidade, *Exportar*, 9, (Set./Out., 1989), 66
84. ICEP, Nova Penteação da Covilhã - Maiores Taxas de Crescimento, *Exportar*, 10, (Nov./Dez., 1989), 24
85. ICEP, Brimtêxtil - Aposta na Promoção, *Exportar*, 11, (Jan./Fev., 1990), 29
86. ICEP, Collants Portugueses - Duzentos Milhões de Pares, *Exportar*, 16, (Nov./Dez., 1990), 21
87. ICEP, França - Cliente Principal, *Exportar*, 16, (Nov./Dez., 1990), 37
88. ICEP, Grupo Gianfranco - Elegância e Qualidade, *Exportar*, 17, (Jan./Fev., 1991), 42
89. ICEP, Cotesi - O Império das Redes, *Exportar*, 18, (Mar./Abr., 1991), 26
90. ICEP, SML - Imagem de Marca, *Exportar*, 18, (Mar./Abr., 1991), 28
91. ICEP, Ricon - Reforço Comercial, *Exportar*, 19, (Mai./Jun., 1991), 54
92. ICEP, Olga T. Rêgo - Do Piano ao Êxito na Moda, *Exportar*, 20, (Ago./Set., 1991), 28
93. ICEP, Fábrica Lusandesa de Redes - O Argumento da Qualidade, *Exportar*, 22, (1992), 37
94. ICEP, Têxteis-Lar - Encontro em Guimarães Descortina Mercados, *Exportar*, 22, (1992), 24
95. ICEP, Um Produto/Um Mercado - Confecções para a Suécia, *Exportar*, 22, (1992), 56
96. ICEP, Lençóis de Qualidade para o Japão, *Exportar*, 23, (1992), 31
97. ICEP, PAIEP - A Aborgagem Global, *Exportar*, 24, (1992), 16
98. ICEP, PAIEP - Para Internacionalizar, *Exportar*, 25, (Dez./Jan., 1992/93), 23

99. ICEP, Primeiro Financiamento do PAIEP - José Machado de Almeida Investe na Holanda, *Exportar*, 26, (Fev./Mar., 1993), 16
100. ICEP, Paulo de Oliveira, Lda - Mais Mercados, *Exportar*, 27, (Abr./Jun., 1993), 31
101. ICEP, Maconde - Grandes Projectos para Espanha, *Exportar*, 28, (Out., 1993), 10
102. ICEP, A Crise Têxtil, *Exportar*, 28, (Out., 1993), 56
103. ICEP, Mira Amaral: A Pressão Concorrencial, *Exportar*, 28, (Out., 1993), 57
104. ICEP, Presidente da ANITAF: Evolução do Sector Têxtil, *Exportar*, 28, (Out., 1993), 58
105. ICEP, Retex - Apoio às Regiões Têxteis, *Exportar*, 28, (Out., 1993), 80
106. LOPES, MANUEL, Portugal Veste Espanhóis Sem o Saber Nem Influir no Mercado, *Semanário Económico*, 288, (Jul., 1992), 48
107. MACHADO, V. A. CRUZ, A Garantia de Qualidade nas Indústrias Têxtil e do Vestuário, *Qualidade*, 1, (Mar., 1993), 29
108. MATOS, DANIEL, Vida e Agonia da Velha Senhora, *Exame*, 35, (Fev., 1992), 44
109. MATOS, DANIEL, Miguel Cadilhe no Fio da Meada, *Exame*, 35, (Fev., 1992), 50
110. MELO, EURICO, A Culpa da Crise é dos Empresários, entrevista a *Exame*, 35, (Fev., 1992), 30
111. MONTEIRO, LUÍSA Vale do Ave Debate Formação - Mão-de-obra Precisa-se, *Diário de Notícias*, 45536, (Nov., 24, 1993), 40
112. MORGADO, LEENA, SML - Caminhos de Qualidade, *Exportar*, 6, (Mar./Abr., 1989), 22
113. MOTA, RUI T., Têxtil sem Salvação, Vestuário a Excepção, entrevista a *Semanário Económico*, 332, (Mai., 1993), 5
114. OLIVEIRA, LUÍS, CHINITA, ANA T. e PINHEIRO, MANUEL, Principais Problemas Ambientais no Sector Têxtil - Controlo da Poluição, *Pequena e Média Empresa*, 10 (Jul./Set., 1993), 76
115. OLIVEIRA, M. HERMÍNIA, Têxtil Paulo de Oliveira Investe na Modernização e Qualidade, Entrevista a *Semanário Económico*, 354, (Out., 1993), 31

116. PEREIRA, JOÃO A., Indústria Têxtil e Confecções - Em Busca do Tempo Perdido, *Exportar*, 4, (Nov./Dez., 1988), 25
117. PEREIRA, LUÍS F., Áustria: Vestuário - Maior Procura no Estrangeiro, *Exportar*, 15, (Set./Out., 1990), 103
118. PEREIRA, RUI N., Um Gigante com Pés de Barro, *Exame*, 35, (Fev., 1992), 34
119. PEREIRA, RUI N., Um Vale de Lágrimas, *Exame*, 35, (Fev., 1992), 40
120. PINTO, RUI C., Têxteis: A Grande Crise, *Semanário Económico*, (Mar., 1993), 13
121. PESTANA, JOÃO, Têxteis Portugueses Podem Desembarcar nos Estados Unidos, *Semanário Económico*, 374, (Mar., 1994), 14
122. PIRES, ANTÓNIO M., Criar Vasos Comunicantes, *Diário de Notícias - Suplemento Empresas - As 1000 Maiores*, (Out., 1993), 104
123. PÚBLICO, Dez Empresas Portuguesas no Mercado Vizinho - Sorte e Azar em Terras de Espanha - Maconde: Vendas em Tempo de Recessão, *Suplemento de Economia*, 1343, (Nov., 8, 1993), 12
124. REGO, OLGA, Sempre Vivi Ligada à Têxtil, Entrevista a *Indústria do Norte*, 2, Série VI, (Fev., 1994), 20
125. RIBEIRO, ARMANDO A., Têxteis: Ultrapassar a Crise, *Exportar*, 9, (Set./Out., 1989), 66
126. RODRIGUES, EDUARDO L., Política Industrial Comunitária no Domínio dos Têxteis e Vestuário, *Competir*, 3, (Set./Dez., 1991), 31
127. RODRIGUES, JORGE, Viragens Estratégicas nos *Clusters* de Porter, *Expresso - Suplemento Económico*, 1113, (Fev., 26 1994), 4
128. SOARES, ELISABETE, Sector Têxtil Europeu Deve Apostar nos Mercados Asiáticos, *Vida Económica*, 461, (Dez., 11, 1993), 12
129. SEMANÁRIO ECONÓMICO, O Governo Aprova Ajudas ao Têxtil e Vestuário, 288, (Jul., 1992), 3
130. SEMANÁRIO ECONÓMICO, Matéria-prima e Salários: Menos Peso na Competitividade, 332, (Mai., 1993), 6
131. SEMANÁRIO ECONÓMICO, Muita Estratégia Pouca Prática, 332, (Mai., 1993), 6
132. SEMANÁRIO ECONÓMICO, Têxteis-lar Conquistam Espanha, 335, (Jun., 1993), 20

133. SEMANÁRIO ECONÓMICO, Têxtil: Dez Anos para Mostrar o que Vale, 362, (Dez.,17, 1993), 10
134. SILVA, CRISTINA, Como manter o seu negócio - O Sector Têxtil, *Exame*, 54, (Set., 1993), 42
135. SIMÕES, D. V., A Indústria Têxtil Nacional Perante o Desafio da Internacionalização da Economia, *Competir*, 3, (Set./Dez., 1991), 35
136. TAVEIRA, ELISA FERREIRA, A Indústria Têxtil e de Vestuário em Portugal: Indefinição Versus Reestruturação, *A Indústria do Norte*, 37, (Jan./Mar., 1992), 17
137. TIBÉRIO, LUÍS, Têxteis - A Batalha Final, *Expresso - Suplemento de Economia*, 1104, (Dez., 24, 1993), 3
138. TILLO, HENRY, Vai Haver uma Arrumação Dentro do Sector, Entrevista a *Indústria do Norte*, 2, Série VI, (Fev., 1994), 14
139. VASCONCELLOS E SÁ, JORGE. e MIRANDA, M. T., O Caso dos Têxteis e Confecções - A Economia Empresarial no Contexto duma Moeda Forte, *O Economista, Anuário da Economia Portuguesa*, (1992), 41
140. VASCONCELLOS E SÁ, JORGE, A Recessão é a Crise das Multinacionais, Entrevista a *Público - Suplemento de Economia*, 1315, (Out., 11, 1993), 8
141. VAZ, JOÃO, Mundotêxtil Prevê Facturar Mais de 4,5 Milhões de Contos, *Semanário Económico*, 362, (Dez., 17, 1993), 31
142. VIANA SIMÕES, D., A Indústria Têxtil Nacional Perante o Desafio da Internacionalização da Economia, *Competir*, 3, (Set./Dez., 1991), 31
- 143 VIANA SIMÕES, D., Citevé: Apoiar a Modernização e Reestruturação das Empresas Têxteis, entrevista *Pequena e Média Empresa*, 8, (Jan., 1993), 99
144. VIDA ECONÓMICA, Mira Amaral Defende Reforço das Regras do GATT, 441, (Out., 2, 1993), 16
145. VIDA ECONÓMICA, Industriais Têxteis Querem IVA "Social" nas Importações, 446, (Out., 22, 1993), 4
146. VIDA ECONÓMICA, Situação Têxtil Europeia Mantém-se Pouco Clara, 450, (Nov., 5, 1993), 14
147. VILA, JOÃO, GATT - Os Efeitos Sector a Sector, *Semanário Económico*, 367, (Jan., 21, 1994), 4

148. VINAGRE, SÉRGIO, *Pela Marca e Mercado Interno Contra o Abismo Europeu, Diário de Notícias, Suplemento Empresas - As 1000 Maiores*, (Out., 1993), 101

